

PRATELEIRA 323
ARMÁRIO 04

09

A Tocha (309)

334

SÃO LUÍS - MA

1911 - 1912

police. O administrador, não querendo mais que elle podesse no Cimiterio, entrando assim a sua responsabilidade.

Desse bem a domada, a meiga, e os parentes, piedosamente, e desta vez elle proferiu, muitos jarros, como a um vivo, quando para um adir. Silega.

Chamamos attenção de Zé Bar-tado.

Agora temos mais estas fiores nas de fiores. São na-ç- s mard- ras ali perto que todos os dias pela manhã e à tarde vão ao Cime-terio «carreardar» os fiores que, parentes e amigos, collocam nos tumulos d'aquelles que ha-er- veram em vida. Não se re- põe mais nada, até ao Cimiterio

—0—

Acha-se recolhido na Estação peticia da S. José o individuo Antonio O'egario Bigos, o mon- stro que defflorou uma pobre e necente da tenra idade de do- zanno!!

O monstruoso crime de-se- a tres mezes em casa da mo- lher Sergia meradora e rna de S. Jo- n 42.

Sempre a justiça castigat-o com toda a severidade da lei livrando a sociedade do contum- os seculante malvado.

O peido criminoso vive pro- pando que tem dinheiro e agra- ga, mas nada lhe serve se- e que a justiça não se vende, e- e o sybeto da paz, a integri- os criminosos e abra-ça os im- centes,

No proximo numero contare- mos a historia melhor.

—0—

Brevemente Grigorio Poita, a senhora do rua da Madra Dona e varios Congressistas,

CONCURSO DE COMPORTA- MENTO

Resolvemos abrir, a. seguinte: Qual o melhor modo de com- portar de S. Luiz?

Os votos, foram desde hoje, à venda nella Redacção, à 40 reis cada um.

Aquelle que obtiver o maior numero de votos, não sahirá na ca. Tootas, ganhará um premio, e terá o retrato estampado na primeira pagina do jornal.

O concurso, terminará no dia 30 de Março

VOMITANDO



O certo caspachheiro portuguez Loro quer ospanhou a prossi- ma do fucos de noite do quito- ta-feira, para colher a mole so- gague.

Um gringo de meretrizes, entre as qua- e se- e a lanchada, e o gringo de, não respesap- de de indas familias que famhoes de spanhou a prossi.

Qual das filhas que chama- da Jo- e Berenbucos que se- lava, completamente bebada, in- vando triga e lanchas, rebo- cado com o quervat!!

Que é isto mais, estamos nós? estamos na co- da Affrica onde ainda não chegou a luz da civilização!!

Uma bacia ia sendo vítima de "a- da lancha" mode- na, e a intervenção do- e da sua justiça.

Estas espiões já é tudo dedicada á duas typas.

A primeira é a celebre Izabel trez canos a filha da cega. Esta typa tem vivido ultimamente da baixa intriga, concorrendo efficasmente com os seus diabolicos planos para a desunião de duas pessoas que de ha muito viviam em paz no maior sossego possivel. A terrivel cigana, inventando mentiras e architectando infamias conseguiu triumphar a sua vontade desgraçala.

Fingindo-se de amiga leal o sincera do dono da casa, gozava de consideração que lhe despendia o mencionado senhor, tinha o pandulho cheio e vivia regatadmente. porém, tudo da parte della, era falso, pois o seu intuito era desunir como conseguia, áquelles que sempre viveram juntos na mais perfeita harmonia. E, uma meretriz desta ordem que reside entre familias respeitaveis.

Que mezeria!

Agora passemos a esta outra: a Firmina, quasi que não tratavamos em semelhante nigrinha de baralho devasso da rua de S. João. E' contra a nossa vontade, pois o seu porco nome suia o nosso jornal; mas a isso somos obrigados para desfazer as suas pequeninas pretensões ou aliaz, atrivimento.

Essa immonda gafeita, que nem com a Pau de graxa pode ser comparada, teve a desfaçatez de dizer, que, se tratassimos no nome d'ella, «A Tocha» não se hiria mais!!

Já se viu maior desplante, e tão grande falta de respeito para comnosco!

O a vante para o inferno, lante das chagas que corróe o teu physico. Tu és baralho da

mais deixa a infama cotação.

Vai te escaudar ó coisa.

Lembra-te que desgraças te um pai de l milia, que veronicamente, morria da paixão por ti.

PESCANDO

Lançando a linha no mar, visguei a Piranha. Não comemos a maldicta, porque estava muida.

Pescador.

—o—

Á sete tostõse embarcará para Manaus ou le fará reclame do bom olopnote que comprara no Pará.

—o—

Consta nos que o quintal de certa casa a rua da Cruz, está transformado em ciraterio de crianças. Dizem que os fectos enterrados são demais...

Que horror! Querem passar como virgens...

A vendedeira de fruct a ficou de nos dizer alguma coisa.

Que venha sem demora.

—o—

Brevemente os contrabandos nas fabricas.

Os proprietariqs das mesma ficarão abysmados!

E não é para menos.

—o—

No fixo conduzido pelos carros da Intendencia, foi encontrada, uma camisa de mulher suja de... com as seguintes iniciaes-E.B.R. Muita gente viu, principalmente o quitandeiro estabelecido átraz do Gazometro.

Quem fôr a dona pôde ir buscar no monturo.

—o—

A historia da criança encantada, ficará para o proximo numero, pois estamos esperando a carta da parteira Anna.

A TOCHA

Tem a sua responsabilidade, perante a lei

Anno I |

JORNAL CRITICO

| Numero 19

O CASO DO 'BAHU'

Os tres herões

Era uma vez tres cordões de ouro, que pela sua eterna insimilhança, combinaram um dia effectuar uma jornada.

Dito e feito.

Uma tarde, os tres cordões, depois de uma licença intransigente, desceram agéis e folgazões dos grossos pescoços das suas donas, e lá foram, pressurosos, itinerando o rumo de uma bonita cidade denominada —Bahú.

Tudo corria em paz, apesar da grande escuridão que dominava esse Estado, circulado de madeira de cedro. Um céu peza-dissimo, ou para melhor dizer, a tampa da capital do Bahú, cabiu sobre elles e as trevas redobram. Sorriam !...

Uma coragem indizível incitava os tres a pernoctarem quieta, silenciosos, mas sempre alerta ao primeiro signal de alarme. E assim se entrelaçavam os tres cochilando, ao calor dos proprios aros doirados e luz dos.

De repente o céu ou a tampa abriu-se em fenda enorme e um braço bem feitinho e roliço, emergiu das trevas e appareceu aligerado sob o clarão de um relampago sinistro. Era o momento dos ajustes... Todos tremaram apesar da indizível coragem.

Vagorosamente presentiram uns dedos apalparem-lhes os corpos nús e reluzentes.

Por esta vez tolheu-as um calafrio de morte. Os dedos insistiam. Uma força hercúlea argueu os tres num só volume. Subiram pelos ares. Sentiam perfeitamente apertarem lhes bastante, quasi asphyxian os.

Tentaram gritar por socorros, mas era tarde !

A mão continuava a apertal-os desesperadamente. O desanimo arrefeceu-lhes o sangue e uma syncope rematou o drama. Estavam prisioneiros.

Passados alguns instantes, o mais velho dos cordões—o maior—a força de que-

rer, conseguiu animar os seus dois compañeros:

—Mas onde estamos nós ? perguntou o ultimo despertado.

—Supponho, disse outro, que estamos prisioneiros em uma outra cidade, cuja ca ôr é assás superiorissimo ao daquellea ?

—E' exacto ! Mas como nos podemos safar deste embrulho ?

—Simplemente.

—Como ? Explica !...

—Esperando até amanhã que provavelmente nos irão collocar na mesma cidade donde trouxeram-nos.

—Qual ! Não acredito ! Acho impossivel !

—Verás ! E...

Os tres esperavam o resultado.

No dia seguinte pela manhã, os tres cordões fugitivos lá estavam de tadinhos sobre fôtos colchões de vestidos, na bella capital do Bahú !...

Em hora e hora, acabou-se a historia. Quem fôr filho... da Rainha que conte ouca.

Palmerio Létró.

—0—

Novidades

O escandalo está na fabrica S. Luiz, a bandalheira tem ali a sua protecção, a safadagem tem sido ali a capa esfarrapada de meia-duzia de conquistadores que pela miseravel e torpe sedução teem conseguido os seus instinctos de besta-féra, no goso desbragado da carne !

As moças que ali trabalham são essas que ao nascer não viram, o sorriso da felicidade, nem a magnitude soberba da riqueza, vivem da pobreza, procuram os treares para ganhar o pão de cada dia, para trajarem-se com a decencia; para pagar o aluguer do lar onde ás vezes são o unico arrimo !

Infelizes ! a quem a sorte ingrata é a

usado'n do mal tão grande. Na sexta-feira da semana passada, deu-se uma scena bastante triste na S. Luiz, pelas informações que obtivemos de um empregado da mesma, sabemos, que um outro empregado havia forçado uma pobre moça em plena extensão da fabrica quando ella abaxada limpava a machina em que trabalha.

A victimas, vendo-se acoçada pela brutalidade da violencia, gritou, pedindo socorro, e que se lhe arrancasse das garras do abutre!

Foi um verdadeiro alarido e um formidavel escandalo!

E' um abuso inqualificavel, uma violencia sem nome, uma falta de respeito a que se é obrigado ter-se para com os mais!

Ao senhor gerente que é um homem honrado e limpo, pedimos providencias.

Na quinta-feira contaremos mais alguma coisa, completando as narrativas do reinado de Lucrecia Borgias, na mencionada fabrica.

—o—

Caso serio e grave

Era uma vez um «Pagé» que entrando, a chamado em certa casa de uma senhora á rua 18 de Novembro, ficou logo, sendo o Santo do cordão...

A senhora o cativava muito, e o pagé era o Jesus meu Deus do cordão...

O leitor sabe, como nós, que quando aparece um desses «Deuses», o cordão fica todo cheio de crença e veneração. A senhora tem diversas filhas, meninas bonitinhas, cheias do corpo, galantes, apetitosas, despertando ao Pagé, uma veneração profunda, uma crença de que aquelle vinha a lhe pertencer...

Diz o povo que feitico vira contra o feiticeiro; é realmente uma verdade incontestavel, e a prova vai ver o leitor: O pagé mexendo a «panella do angú», surgiram-lhe desejos de volupias, e vendo tantas meninas, cada qual a mais geitosa, mais galante, achou justo que uma dellas lhe era favoravel dos desejos, e záz! roubando-lhe a moedinhas, o unico objecto de valor que lhe restava, como garantia de um futuro risinho e esperançoso!

Quando a velha deu pela histeria, já o

grande Deus tinha subido ás regiões do infinito, deste céu azul e encantador; indo viver em companhia da esposa que anciava a sua companhia.

A pobre e desmiolada senhora, ficou lamentando as façanhas do trofeco Deus que lhe roubara a honra da filha...

Um feitico que virou e outra o feiticeiro.

—o—

CRÔNICA

VIII

Se tem ovos, eu não sei; mais a verdade E' que luxa nos pés o no vestido, E para mais me tornar comprehendido, E' o «gatinho» melhor desta cidade.

Diz alguém, que uma vez, certo atrevido, Se arvorando de Teixeira, em magestade, Segredou-lhe uma certa liberdade Na certeza de encontrar ovo escondido.

Foi de balde empregar finorio geito, Pois a séria mulher, caçando a meia, Fez um gesto expressivo ao tal sujeito!

E fez bem, que apesar de eu sêr um papa, Tenho medo de encontrar esse Goveia, Embora ande eu munido de uma chapa...

Lyra Gões.

—o—

A CALUMNIA!

A infamia é a arma de que lançam mão individuos que pela covardia, não teem a coragem de sustentar o que procedem, o que fazem quando pretendem dizer o que sentem o que querem.

Fomos pessoalmente nos informar e mesmo ver o procedimento da senhora casada, moradora no Apicum.

Pelas pesquisas que fizemos, nada de positivo, contem a infamante carta que publicamos no dia 4 do corrente com relação a um pintor.

A alludida carta, não passa de uma calumnia de que lançou mão uma inimiga, da mencionada senhora, que com todo correlismo, tem honrado a suzencia do seu distinto marido,

Commentari s

As cartas!... Ora! são tantas, mas, tantas... que, sendo tantas não sabemos qual delas publicaremos:

«Seu fulano namora dona fulana, atoché... atoché... atoché... senhor Redactor...»

Vão atochar assim lá na mulher do diabo, do senhor diabo, rei do inferno, pai de Leãoço, daquello leãoço com l-pequeno, o furbundo macaco «humano», da S. Luiz.

As cartas são uma infinidade de vocabulos que, contendo a verdade, no entanto, não deixam de ser cabulosas e mas-udas...

«Seu aquelle deu um beijo em d. coisa, a mãe... de d. coisa, não ficou satisfeita» e por «hi se vão» sem explicarem o que sentem, e que pensam...

Não dizem nada, nada, absolutamente nada...

A Redacção aceita cartas, publica as, mas, em linguagem comprehensivel, limpa e moralisada.

Em poucas palavras se diz muita coisa, o sentir tem limites...

Quem quizer escrever cartas, façon-as, em poucas linhas porém, que não sejam tão cheias de barbarismo

Zébias.

—o—

Novidades do caminho da boiada

O Caminho da Boiada está na berlinda, e porque?

Porque ali campeia os namoros indecentes e abandonados, a falta de moralidade, o escandalo e a descarada e suja feitiçaria com defumações nojentas de chifres de bóde.

Dizem que da casa da bruxa, surge todos os dias uma fumaça negra e fedorenta, e que na mesma tem uma caveira de bóde, e que uma velha dança careço em redor da dita.

Um visinho da Bruxa a viu na quinta-feira com roupagens encarnata enfeitada de amarello, e ha quem afirma que ella está curando uma moça...

De maneiras que a feitiçaria vae tomar do incremento entre nós.

No numero de quinta-feira, publicaremos mais um caso do caminho da Boiada... O homem que meteu o dedo e cheiron... Magnifico!... saboroso, o paladar!...

—o—

As conquistas amorosas na rua da Praia de S. Antonio, bateram ao «record»!...

O cujo, subiu às nuvens, e não distinguia estrellas...

O que elle viu, porque tinha interesse, foi a lua... cheia... no maior esplendor astral...

Não aproveitou o quarto crescente...

Lendo as «viagens á lua» de Julio Verne, elle, quiz tambem ser scientista; dormiu, sonhou, vendo-a, cabelluda e feia; foi um sonhar taciturno... Pela madrugada foi surpreheadido nos braços de Venus! E hoje ás suas façanhas estão no meio da lua de mel.

O seu ao seu dono, como diz o povo...

As tres ficaram na chula, guardando os «nove».

—o—

Lá para as bandas da velha Fundação meira um individuo, que namora, certa moçinha encantadoura. Ora, de dia, o namoro é aparentemente decente, mais á noite, a coisa muda de figura e, é realmente indecente; porque depois da casa fechada, e a rua em completo silencio o cujo arranha levemente no portão da dicta casa, e o portão abre se como por encanto, e a cuja recebe o de braços abertos... e lá si vão para o idílio de amor aos beijos surdos e, entrecortados suspiros.

—o—

Na primeira e quarta paginas n tam-se alguns senões typographicos que escaparam á revisão, e que o leitor intelligente corrigirá. Na ultima noticia da quarta pagina, onde se lê «desta semana» leia-se, da semana passada.

—o—

Consta-nos que pelas emdições do Mercado velho, está para haver feijuda bem gorda...

O que for soa á.

Mattos tem olhos, pareda tem ouvidos,

No Telephone

Tlin...tlin...tlin ! ...
 —Pronto ! D'onde fala ?
 —Da rua da Praia de S. Antonio.
 —E' favor esperar um pouco, vou buscar lapis e papel.
 —Pronto !
 —Senhor do morrão, na rua dos Affogados, mora uma viuva que transformou a casa em cinema, fazendo o papel de manguda atraz de um «tirador» para ver se o encontra na casa da namorada.
 —Só.
 —Não, tem mais escute:

Pela festa de S. Benedicto, ella fez um papel triste, pois andava no largo a procura do cujo, parocia uma cobra na areia quente aponto de, quando o encontrou na Igreja dar-lhe um enorme «sacco» porque elle estava conversando com umas moças, porém, ella não teve medo do homem que cose roupa; nessa noite ella gritou tanto que se ouvia na Madre Deus, encommodando o vizinhança.

—Não tem mais nada ?
 —Tem.
 —Então conte.
 —Pelo carnaval ella foi ao baile, vestida de homem e este de mulher.
 —Transformaram-se, não é exito ?
 —E' muito exacto, senhor do morrão.
 Mas, transfiraram-se só nas vestes...
 —Não sei, Ah ! Ah ! Ah !
 —Agora esente: escute: Eu acho que toda viuva alegre, como ella, só pode viver folgadamente, e mettendo escandalos e exhibiões cinematographicas livres..

—Realmente senhor do morrão, a viuva gosta de cruz e vive affogada em gosos e escandalos, a vizinhança já está farta.

Até logo.

—Aé logosinho.

Tlin...tlin...tlin ! ...

Pronto ! D'onde fala.

—Da rua de S. João.

—Que quer ?

—Senhor do morrão, é preciso que certo sujeito que é casado, deixe de namorar, no canto da rua de S. Antonio e Saavedra isto não é serio.

—Calma, que atocha vae illuminar.

Até logo.

Tlin...tlin...tlin ! ...

—Pronto ? D'onde fala ?

—Da Fabrica S. Luiz.

—Diga.

—Consta-nos que o gerente vae chamar o Silveira para cantar durante o trabalho.

—Olhe, eu já seube de um negocio de fazendas, quando o gerente estava ausente.

—Basta ! Basta !

—E o negocio dos Lazaros.

—Não quero mais saber.

—E o baile.

—Por favor senhor do morrão, não trate nisso.

—O Silveira é um vigario...

Tlin...tlin...tlin ! ...

—Pronto ! D'onde fala.

—Que deseja ?

—Senhor do morrão, eu desejava saber porque motivo, o senhor não tratou mais no namoro da rua de S. Rita ?

—Por motivo aliaz muitissimo justo. E' preciso que comprehendamos, não é só nessa casa que se namora, olhe eu tenho visto coizas do arco da veia, em certa casa, que me arrepiou os cabellos...

—Onde é senhor do morrão.

—E' em certa casa que o namorado, por safadeza, deixou cahir as calças, e no entanto a namorada gostou da graça e todos de casa riram.

—E' uma immoralidade não acha o senhor ?

—E' uma alta patifaria... um escandalo ? E demais eu sei de coisinhas frescas.

—De onde ?

—Da mesma rua... Tave um namorado que não só beijou a namorada, como tambem, fez uma acção que a moral manda calar.—Já é ! ...

—Os costumes estão pervertidos, mas os gostos tem o seu direito... haja a vista, o caso da viuva, de quem se queria comprar uma bouza por 30 dinheiros.

—Leia o proximo numero que eu lhe contarei uma historia de ovos.

Srio.

—o—

Em um dos dias desta semana passada, na fabrica Combôa, foi encontrado um operario que é piloto, no gabinete das moças, nos braços de sua Dulce, em posição de dó maior,

No bairro de S. Pantaleão

Recebemos a seguinte, que gostosamente publicamos sem que tenhamos responsabilidade.

Sr. Radactor.

E' com indignação que pego da pena para eserever-vos relatando-vos a ingratição da uma sujeita casada residente aqui nesta rua que, segundo afirmam abandonou o marido por este ser de cor preta.

Sinto-me deveras intrigada para desvendar esse mysterio que não é mais nem menos do que um miseravel ardil de que lançou mão essa mulher inconsciente, cujo pretexto foi abandonar o esposo para entregar-se ás conquistas amorosas de um D. Juan, verdadeira flôr mimosa que tem sido a desgraça de muitas donzellas, como também de mulheres casadas.

Essa mulher a que ora me refiro, senhor Radactor, quando enamorava-se com esse homem que teve a infelicidade de lhe ser esposo, sabia, elle ser um negro, e, que uma vez casada com o negro, teria de sujeitar-se a posição social a que lhe fosse imposta pelo marido.

Pois bem; essa desmiolada esposa quebrando os anhelos matrimoniaes, abandona a convivencia do esposo, procurando o lar paterno, allegando que não quer mais a companhia do esposo, porque elle é um negro!

E' de pasmar! chega mesmo a repugnar as consciencias sãs e limpas, o incorreto procedimento dessa mulher, indigna de de possuir o nome de esposa!

O bairro do S. Pantaleão está cheio de commentarios, condemnando o seu procedimento.

Sei de fonte limpa que ella está agora, entregue aos desfrutes, de um homem que a sociedade tem o direito de repudiar, homem que é um verdadeiro cancro social, e que tem prostituido a muitas donzellas, e que por isso mesmo tem o sentimento baixo, sendo o caracteristico da desfeitez

desfollhada qual a flôr mimosa dentro de uma garrafa d'agua Apollinares.

Na quinta feira contarei o resto.

Uma vizinha.

—C—

A Tocha no Filipinho

VOLTANDO A' CARGA

Um latinorio importante.

Trepada sobre um banco alto de madeira, a cabeca coberta de mangerona e patagueira, Anna Paula piscou um olho a Maria 7 lasca e esta incontinentemente impôz silencio ao pessoal culto que já se achava de joelhos em redor do altar.

Um vento frio de chuva agitava a folhagem. A reza começou.

Anna Paula, tomando ares de um frade gordo, orgueu a mão espalmada, abençoou e benzeu-se. O pavo fez o mesmo. O frade entendeu:

—«Domis nu tecum...aaaaasamen»...

—Não está bem, fôra, bradou um desconhecido.

—Se quer melhor, venha tirar seu estúpido, disse Anna Paula.

—Estúpido é você, porque não entende de rezas e quer por força cantar ladainha. Mande chamar o Maneco ou Silveira.

—Mão, mão! A coisa já vae fedendo no meu nariz, disse 7 lasca

—Fedorenta és tu. Quem fede és tu, não seja intrometida onde não é chamada...

—Qual, pitôta safada, cominigo é nove. Te mete e vê se tu não chupas e não é corno.

—Pois vem dà e não te queixas, anda, dá...dá...e apresentava a cara em scena para a sete lasca cahir de b' fetadas.

Mas isto lá é serio! Então principia a ladainha e nem bem se canta, começa logo um zum, zum, zum, um me-deixe, me-deixe; parece coisa de negrinha do baralho. Aqui se respeita, do contrario...

—Do contrario, o que l...

—Do contrario você apanha na cara e é já...

—Pois dê!

—Eu só não lhe dou umas taponas porque você está hebedada, que nem se lambe.

—Não torne me insultar,

—Eu insulto.

—Puxe p'ra rua, vamos.

—Não saio enquanto não se resar.

—Hoje não se resa mais, pronto.

—Ou se resa ou então eu acabo com a pandega. E nem bem terminou a palavra, secou o casaquinho fóra e baja. Foi tapona a valer, até quando tornou a engrossar com caceladas e tiros de revólver.

E assim terminou a falada ladainha do Filipinho, que tinha apenas começado:

—In omnis, dominum telens. Quicarenobi orus, aaaaaamen!

Que tal?

—o—

No Telephone

Tlin...tlin...tlin...

—Pronto. Quem fala?

—O Zé Papagaio, daqui de cima da torre da Sê.

—O que ha de novo?

—Sr. redactor, primeiro que tudo, eu estou enchergando daqui a Ponta da Areia e quasi todo o movimento desta capital. Olhe, sr. redactor, aqui na rua 28, tem um portuguez que quer mandar uma noticia contra a sua propria pessoa, to para ter o gosto de vêr o seu nome figurar na Tocha.

—E como se chama elle?

—Eu não estou bem certo; mas no sabado eu lhe digo o nome, a profissão, a residencia e até a...camarada.

—Pois não se esqueça. E o que mais?

—Olhe, sr. redactor, vá tomando nota:

Eu daqui estou vendo a filha da cega entrando no mercado, para tratar da feijoada daquella moça, em coja panella, um bando de «mylords» deitaram linguças...

—Estou ouvindo, e que mais?

—Espere um bocatinho, sr redactor, dixe o relógio desta igreja acabar de bater: tom, tom, tom, tom, tom. 3 horas, seu redactor ouviu?

Olhe a Santa Amelia está apitando e a Honorina Electrica vae melendo um sujeito dentro de casa. Ouviu?

—Ouvi. Continue, seu Zé.

—E' já sr redactor. Olhe o Paulino está em pé na porta da escuridão, esperando aquella sujeita que mora na rua de Sant'Anna no correr do funileiro da Travessa do Theatro. Ouviu?

—Ouvi, seu Zé. Continúe

—Tlim...tlim...tlim...Ah! seu redactor, acuda, acuda, que a sete tostões já me viu aqui e esta damnada dali de baixo da torre, me mostrando um pau, um pau, um pau, seu redactor, p'ra me quebrar a cabeça...

—E você tem mêdo de pau de mulher, seu Zé?... •

—Tenho, seu redactor; porque um pau é sempre um pau, embora na mão de mulher fresca...

—Pois bem, espere. Eu vou procurar o reporter que lhe leve uma vara; espere um pouco.

Mande já, seu redactor, ao menos pela Paulina...a Paulina.

—Espere, deixe ageital-a...Tlim...

Siridd.

—o—

CHRONICA DO PAPAGAIO

—Então, meu loiro: a meça do Caminho Grande sempre fica encoberta ou está já disposta a se declarar como...tal?

—Eu não sei em que pé fica; mas me parece que se encobrirá sempre, até o noivo descobril-a ou os nove mezes mostrar a verdade.

—E já está prenha?

—Por enquanto eu a tenho visto em bailes de moças, mas sem barriga...de maior.

—E porque motivo consentem-n'a dançar entre familias?

—Uma vez que não mostre francamente o...pindulho, é bem provavel-lavel que passe entre senhoras como possivel-vai de

exibir-se numa quadrilha... de na por-
dus».

—E a casada do Prêgo não conhece ne-
nhuma.

—Eu falo: a casada do becco do Prêgo?

—Virgem Nossa Senhora! Yôyô falou
ahí em prêgo eu até tomei um susto.

—Pois não te assustes, que prêgo não
assusta ninguém.

—Deas o queira! Mas sobre esse as-
sumpto não é só ella que alarma as flugi-
das da sua especie! Conheço muitas!

Ha diversas que representam tão bem
as suas comedias, que até os proprios con-
jurados, sabedores perfectos de seu «ca-
lombo», riem ou procuram disfarçar no
serviço quotidiano, o seu imminente ve-
xame...

—Mas não são todas, porque a minha e
mais algumas que conheço, juro que são
virtuosas e dignas d'um santuario.

—Acredito... E nem eu disse que é ge-
ral, pois não há regra sem excepção. Mas
diz a sciencia que a força positiva attrahe
a negativa. ora, supponho que o senhor é
um moço sem trabalho, viva de mezadas,
ande a cruzar ruas o dia inteiro, cu por
outra ande dandy, sempre de charuto ou
cigarro no queixo, seja um fuchão de pri-
meira, e, finalmente, um burro sem car-
ga... logo está ahí que ella lhe vendo a-
sejado, cheiroso e lhe comparando ao ma-
rido, mulambada ache qualquer coisa de
atração—eis a força positiva.

—Sim, meu loiro, mas não é a regra ge-
ral.

—Isso está muito visto e muito claro,
que é absolutamente para os espiritos ou
as mulheres fracas que se deixam elevar
por chiméras... Comprehenda o senhor
que as casadas de uma certa sociedade
abominam os maridos por serem uns tra-
balhadores assíduos—unicamente pelo fac-
to de andarem suando ou... dessasejado.

—Não alalhando o que me contas, sup-
ponho que vaes dissertando n'alguem the-
ma desconhecido. Desconfio que nessa mar-
cha e com essa logica, breve, na continua-
ção, estarás um optimo orador de...

—De balcão, diga, seja franco.

—Não era isso!

Pois bem, basta. Mas eu queria me
explicar por outras maneiras que conhecia
muitas casadinhas, que ao tempo que es-

ave-sem a janella cabecendo a vida alheia,
melhor fariam se cozêsem para fóra, ou
cosinhassem sua comida, não deixando
que o proprio marido, até n' de ganhar á
custa, ainda viessem, ás 10 ou ás 5 horas,
preparar a bóia...

Pois bem, continúa.

Agora eu me cálo. Ficará para me'hor
ocasião, A-deus.

LUZ! LUZ!

Rua abaixo, rua acima,
Correndo como avestrúz,
A procura de quem faça
Seu Paulino accender luz.

Parece coisa impossivel!
Que aquelle homem brejeiro,
Não tenha um mil reis no bolso
P'ra comprar um candieiro.

—o— NECROLOGIA

Victimado quasi que momentaneamente
por terrivel beri-beri, sepultou-se ante-
hontem, a tarde, o nosso querido amigo
Manoel José Rodrigues Filho, o Manequi-
nho.

Não é sem tristeza que daqui damos
esse acontecimento sinistro, que nos enche
de profundas saudades do desventurado
joven.

Moço ainda, pois apenas contava 25 an-
nos, Manequinho era o estímulo da bonda-
de e por isso mesmo o alvo da sympathia
maranhense.

Desde que o conheciamos naquelle bair-
ro do Cemiterio, na sua afanosa vida de
moirejador pyrotechnico, Manequinho foi
sempre um amigo sincero, um companhei-
ro honrado, um collega verdadeiro, que
corria com a sua honestidade e virtude
não só para alegria do lar interno, mas
tambem para a satisfação daquelles que
lhe eram caros, tanto assim que, se maior
fosse o atáude, maior era o numero de
amigos para conouzil-o á morada eterna.

Com profundo pesar enviamos ao sr ca-
pitão Manoel Rodrigues, pae do extinto
joven, e aos demais parentes do finado,
as nossas sinceras condolências.

BARRETADAS

«A Tocha» é o fiscal da moralidade, é o grito de alarme contra os escandalos que dia a dia se vão desenrolando nesta terra, sem encontrar obices que lhe intercepitem os passos devastadores.

Actualmente, o escandalo se tem notado na baixa sociedade, assim é que hoje atiramos barretes, e, oxalá, elles caibam nas cabeças de quem delles queiram se servir.

Na rua de Sant'Anna reside uma sujeita que é casada, e que na presença do triste marido, alimenta robusto amante que ella arranhou para noivo de uma menina que convive em sua companhia, procurando, deste modo transfigurar o coisa, porém, esse noivo, é phantastico, pois na ausencia do infeliz, elle é o dono da casa, lóde e manda.

A tyta não só desrespeito o marido, como tambem abusa da moral, nem ao menos tem vergonha da visinhança pois o cujo, entra e sae a hora que muito bem quer.

Ahi vae o barrete...

Agora temos a celebre viuva alegre da rua dos Affogados, que rasgando o véo nousebundo, tem provocado a visinhança, insultando a porque nós gritamos contra as suas desmedidas conquistas de rapazes solteiros e casados.

Ahi vae o barrete.

Temos mais este celebre namoro da rua de S. Rita entre as do Sol e Paz, que se prolonga até tarde da noite sem o minimo decôr de moralidade, pois os cicios dos beijos e os protestos de amor, são onvidos por quem passa das 10 horas em diante, no trecho acima.

Ahi fica o barretesinho...

Estará muito longe o casorio da moça da Barraquinha com o marceneiro?

E se não casar o que fará o patrão da mae?... Della, bem entendido.

Vamos ver o dóce...

Teu dóce...

«A Tocha» é um perigo... Pois pôde conseguir, conhecer uma moça radadora lá embaixo na rua de S. Paulo entrando no portão do sobrado que fica frente á rua da Passagem, a coisa é pelas 10 horas da noite de segunda-feira. Será donzella, ou...

E' o que nos resta saber. Está na pimenta!

—o—

Na cidade Céu em S. Luiz dos Estados Unidos da America, falleceu a filha certo «millionario», um dos representantes da floc social.

Todos, não ignoram as rivalidades existentes entre o branco e o preto, os brancos não se prestam á carreira, quem são empregados para os interesses são os pretos.

Mas, o capitalista encomendando o funeral, fez as seguintes objecções a serem brancos:

—O senhor faz o funeral de minha filha com as condições de os carregadores serem brancos.

O armador tendo interesse no cobrença a vontade do «millionario» amoum, porem dançou na corda bamba para contral-os.

O Zé-Furtado dos Estados Unidos deu ordens para que tudo no cobrença fosse branco, até a terra, para o alvissimo corpo da virgem, tão alva como a neve da Siberia.

A irmandade do Rosario, apesar de serem branca, deixou de cobrença porque o seu todo é composto de pretos.

A virgem e crista, levou dentro de si não muitas flores brancas.

Tanto luxo. Para tamanha pobreza.

—o—

AVISO GRATIS

Um meio licito das mulheres e dos camarados... da chuva:—E' com uns bonets que estão á venda na Coutinho, rua da Inveja, porta e pressos baratisimos.

—o—

No proximo numero—A grande da rua da Misericórdia.

A TOCHA

Nous persisterons jusque les derniers...

ANNO I

Maranhão, 20 de Agosto de 1911

N. 36

A TOCHA

Tocha! pharól inapagavel; luz bendicta que ha illuminar por toda a parte, queimando a todo aquelle que ouzar a menoscabar da honra alheia!

Tocha! grito de alarme contra os escandalos!

Tocha! terror dos cobardes; flagello dos sicarios; interceptadora dos passos sinistros da horda dos vampiros insaciaveis; que vivem a sugar o sangue virginal de donzellas pobres.

Tocha! força, vigor, vida, ordem, moral, respeito, eis o que somos!

Tocha! bandeira cujo symbolo da pureza, horroriza os maos!

Tocha! fortaleza inexpugnavel, cujo fogo mortifero aniquila e queima a moral suja dos galopins de esquinas, seres degenerados que na ordem social são excrescencia inominavel, pantano de lama podre; lesmas que vivem agarradas ao limo das sargetas, infeccionadas!

Tocha! Nós te saudamos a existencia, firme, nobre, civica e moralista, o sol da esperanza, o brilho incomparavel das estrellas!

Tocha! ao teu lado está o povo que te prestigia a cauza santa e fecunda!

Tu és no momento o espantalhado dos tracos, dos nulos e dos sacripantas!

Tocha! aurora de paz e de luz! A luz é a verdade; onde ella existe, também a fecundidade do pensamento!

Tocha! Echo que repercutirá por toda parte d'esta terra annunciando a pilheria, desvendando os escandalos!

O ideal só é bello, quando o pensador sabe dar valor á missao de que se reveste!

Nós temos comprido a nossa; vamos tocando o clarim da liberdade, de lado a lado d'esta terra abençoado, pregando a boa doutrina da moral e dos bons costumes racionalistas!

Viva a liberdade de imprensa!za!
Avante!

— o —

Commentarios

Judas! será possível que tu vivas no mundo só para á traição?

Será possível que na tua alma negra e sombria ainda não passasse um lampêjo de consciencia, que tu possas reflectir, tanta maldade, tanta ignomia que tu v.ves semeando por entre a humanidade que de vez emquando é a victima cruel das perfidas satanicas que tu urdes para ganhar moedas, por effeito da tua obra maldicta a traição, dôs do primeiro beijo lo bom e meigo, Christo?

Não! Judas! não pode ser tanto assim, olha: O mundo é grande, o caminho por onde semeaste a maledicencia é torturozo, e já se vai tornando intransponivel!

Judas! tu quizeste me fazer o mal; trahiste a minha confiança; e fizeste de meu amigo; me pediste moedas que te não neguei; diste commigo; te mostravas ser um espirito intelligente, uma alma grande e generosa, quando não passas de um intrigante, de um farrapo, cuja alma negra e sinistra, vive emergida na senda criminoza, do vicio da traição!

A arma da intriga de que lanças mão foi igual á desfaçatez horripilante do teu nòjento sem blante que só pode ser comparado á baixeza do teu caracter, a pequenez da tua alma, a degenerescencia da tua moral pantano-

Estás photographado; e oh! que coiza horrivel! E's o phantasma negro da intriga e da perversidade!

Falso és tu!

Judas! o mundo é grande! A noite vem se avizinhando, e, é este o momento que tu aproveitas para pôres em pratica as tuas lanchias!

Fica te a sós, acossado pelo remorso que ha de perseguirte á eternidade!

Judas! oh! procura a regeneração, que um dia, talvez alcances o perdão!

Enquanto a minha bolça sempre aborçta te valeu as tuas vaidades, tu me trahias aquelle que tu um dia arrastaste a lama do teu rancor!

Judas! O teu crime é grande! Não sêjas tão infame!

Vai! que estás conhecido:

Fiaui!...

ZÉBIAS.

— o —

Os cinemas

São Luiz—Uma verdadeira e nêgualavel enchente a de honrem.

O povo como sempre dá de preferencia ao São Luiz.

As litas são um primor de belleza, quando não são comicas, arrancando boas gargalhadas á assistência, são dramaticas, umas que emocionam pelo desenrolar de uma tragedia, outras embora que picantes, agradam á todos que têm a felicidade de ir ao S. Luiz o predilecto ponto de diversão

da população Maranhense.

O programma de hoje está de prima, e o povo não deve perder as funções de hoje a noite.

No S. Luiz tudo é bom; a musica, a luz, as fitas, o agrado dos proprietarios e... a modicidade do preço

No Telephone

— Prompto, prompto, prompto, seu diabo! Então você pensa que os mais aqui estão dispostos a lhe aturar? Vá para o inferno, que eu hoje não estou de maré!...

— Tem paciência, Alice; tem paciência com teu do coração. Olha eu estou sempre ás tuas ordens aqui no balcão! Manda buscar uma blusa nova, ultima moda!

— Eu tenho quem me dê, não preciso.

— Deixa de ser estúpida, coração dos outros.

— Não sou estúpida, mas não estou gostando muito de você, desde o dia que eu lhe vi conversando com a Minas-geraes e sete lasca. Você não tem mais juizo sem andar com aquelas ty-pas!

— Ellas já lhe pagaram?

— Amim nunca me deveram nada, nem o feitiço...

— E' assim. Agora você quer encobri-las...

— Pelo contaario, eu nunca cubri ellas, nem uma vez sequer. Mesmo porque não as desço... mas tu!... tu!

— Tu, o que que tem?

— Nada, coração.

— Ahm! Eu pensei qualquer coisa.

— Não, eu disse é para tu vires buscar uma blusa nova da ultima moda. Queres?

— Quero, mas ainda eu vou pensar se mando buscar...

— Não tenhas trabalho, eu mesmo serei o portador; serve?

— Olhe lá, seu... olhe lá. Veja o que você está arranjando commigo. Eu não quero brigar com a dois ranos, basta que ella já me desafiou uma vez. Você é homem de dez mulheres e eu não quero historia com meu camara-do, que é muito ciumento.

— Elle que róa bride, que chore se quizer. Eu é que hei de me incommodar bastante! como diz

o ditado.

— E eu, tou me importando?

— E' tão, já sabe — é baixar o chavêlho e deixar na encrenca o toullico.

— E' o geito!

— Então, estamos entendidos?

— Como assim?

— De eu ir levar a blusa ahi amanhã?

— Homem, você está doido?

— Então, não qué!...

— Siiii!... mas o diabo é o pequeno que é ciumento!...

— Olha, chama elle «meu filhinho» e vem pelo apparelho; eu te espero aqui. Sim?...

— Sim, guarde a blusa: Adeus

Siridó

— «O» —

Pelo correio urbano, recebemos hontem umas notas engraçadas a que damos hoje o titulo seguinte, já muito conhecido entre nós:

— DE BORRACHA —

Pois sim; — de «borracha» é que vamos tratar do assumpto; e se ha casos que fôr rir, este é um telles. Ouçam lá.

O apontamento rezava assim: «Fie é caixeiro de uma pharmacia conceituado nesta cidade; não sei bem ao certo»...

— Então, fica sem effeito a informação, disse o Qu'etilhas.

— Não, seu redactor, lembrei-me agora que elle é «pharmaceutico»...

— Então já se vê que não é um simples caixeiro!... pôde t... an ser praticante!...

— E' exacto, tem razão!

— Vamos a saber no que fica.

— Numa palavra seu redactor elle é tudo finalmente!

— Tudo, como? Se explique.

— Sim, quero dizer que elle é um intrómettido em noivado, alheio. Eu conheço um sr. que está noivo e agera apresentou-se elle, a fazer papel de palhaço, isto é, a fazer fosquinhas tirar barretadas atôa, com grande odio da senhora a quem dirige essas mo-nices.

— Desta forma concertamos. inconscientemente, o original alheio!

— Sim, sim, não se importe, que está muito bom! Talvez ainda volte... ad us.

UMA FITA

Era dever meu trazer ao publico a aggressão de que ia sendo victima na noite de 18 do corrente; mas o espantálho teve caracter tão ophembacho que m' esquivé, em commental-o uma vez que se pode trazer ao leitores uma d'a-quellas gargalhadas de Voltaire.

E no mais dignissimo vá dar no boi...

Quem de mim t m dó:

ZÉBIAS

OS FEITIÇOS

Recebemos a seguinte carta, que, como se vê, trata de feitiçarias grossas, o que nós não nos responsabilizamos. E por isso ficará em nossa redação para os que quizerem convencer-se de que nós, apesar de que nos imputam as maiores cumplicidades, não temos tanta culpa como dizem por ali os despeitados com-noseo.

E por consequente... feito, seu fulano.

Uocam:

Sr. Redactor d' A Tocha

Mais uma vez vou importunar V. S. solicitando-vos um pequeno portão da columna do vosso jornal para encaixar esta carta quasi artiguete.

E' exacto que em nosso Estado desenvolveu-se uma feitiçaria infernal, que já tem graça a gente falar em tal assumpto.

Mas em todo caso é bom se dizer o que existe no bairro do Cemiterio, onde a coisa parece tomar proporções iminentes, se não houver quem tome as devidas providencias. Começa das immediações do Hospital da Misericordia e vae terminar, quem sabe? lá pelos barros da Madre de Deus. Existe no mencionado trecho um curandeiro que, como dizem os que o conhecem, só passa a fiambre, galhnhas, patos, etc, isto unicamente pelo simples facto de fazer mesa para obrigar, por meio de encrencas, certo rapaz desposar uma moça que nem é de seu gosto namoral-a; é o primeiro caso.

Agóra, passamos ao segundo, justamente a rua de Santiago, mas seguindo sempre pela rua do Norte:

Esta aqui é outra mesa, seguida de banhos de esturque, typiti, abrandas, pião rôxo, o diabo a quatro.

A bruxêdo é na rua do Oiteiro—é lá que se arrumam os pagés, as pamonhas, as muquecas, onde certas senhoras de família reputada, fazem parte activa da encençada. E com que interesse?!... A's vezes por ninharias que nada valem, como por exemplo, o casamento! Ora bolas! Casar desta maneira, é perder tempo precioso—ninguém casa!

Tem uma cantiga que diz assim:

—Santo Acolê,
Barandim, barandê,
Trazei sei fulano
Aqui nos meus pés,
Para nós casá!

—Bonito! Mas falta é rima e a musica que eu não me lembro!

E' quasi assim como Nagô—linda embrulhada! Bem, é o segundo caso. Vamos ao terceiro:

Vá subindo, leitor, vá subindo sempre pela rua do Norte a fóra.

Chegon no Cemiterio...
re! Faça que espera o bondo attente os ouvidos para aquellado, ali, para aquelle rumo! O viu? O que é? Diga.

—E' chocalho da pagelança!

—Então está convencido, não?

Pois agora sim vamos descanço do escutar de perto o que elle centam.

—Isso é que não, absolutamente.

—Porque, então?

—Porque eu já conheço aquillo, ou por outra, já conheço aquelles santos. Lá tem um santo mór, o papae delle: ah! esse é o bi-ho. furão! Tem um mania de todo objecto de valôr que elle avista no uso alheio—querer que se tire do dedo, se tôr um anel, por exemplo e entregar ao santo. O santo é um sujeito qualquer da encençada, que só sabe fazer milagres em proveito proprio—esim como querer objectos alheios e tirar settas do coiro dos bôbos que se dizem flexados pelos santos do fundo... da mentira! E' engraçada a tal tramoia! Bem ar-

rumada até! Mas meu é que elles não pegam de mil réis algum para curar-me das flexas que por ventura um dia tôr attingido!

Publique, seu redactor, o que de já me confesso grato.

Dick—Mur.

—Que tal, minhas leitoras? Vai por conta de quem mandou a copia; não acham?

—o—

Chronica do Papagaio

—Meu loiro, então aquella môça do Caminho Grande vae mal, não?

—Dizem.

—Porque não se declara?

—Está esperando ser virgem depois do parto.

—E' muito bom!

—E aquelle alfaiatezinho, de para xôxa, que morou com uma familia pobre e no fim da festa sabiu zanzando?

—Como?

—Prometteu que concorria com metade do aluguel da casa e da boia e até hoje?

—Mas é que elle está fazendo monte-pio, para quando ler a primeira entrada, ser um ollosso... de nickels!

—Se assim é... tem boa intenção. Parabens.

—E porque motivo quando a gente passa na rua do Egypto, nas mocinhas de certa quadra, lham para a gente e tiem, dizem umas ás outras:

—Esse é que é o teu?

—Enquanto a segunda responde promptamente:

—Tu não vês logo!

—Me explica por que razão ellas dizem isto?

—E' simples a resposta.

—Então respondas.

—E' porque ellas devem muito...

—Devem o quê?

—Devem muito a Diôgo!

Compreendi.

—Pois é por isso que ambas querem tirar carta de espiritu-

as!

—Sim, porque de belleza seria difficil e talvez impossivel.

—E' o que lhe disse.

—E o namoro da rua da Pal-

ma, quasi na nova praça Luiz Du-

mingues?

—Um verdadeiro cinema de milhares de fitas numa só sessão!

—Então porque não dividem em tres sessões, assim como o Central?

—Porque não ha concorrência.

—Não ha concorrência?

—Sim, quero dizer, os outros... não podem ficar esperando a vontade de terceiros—porque se começa ás sete em ponto.

—Tem razão.

—E umas certas allumnas que estão de feijão, em vesperas de feijoada, que fim tiveram?

—Não sei.

—E' verdade Iôyô, tem mais a historia daquela mulher do frêge infrnal da rua de S. Pantaleão em frente á fabrica São Luiz, que deu agora em dar purgente de óleo de ricino a freguezia do frêge.

—Como assim, meu loiro?

—E' que ella prepara a boia com óleo de ricino, e as pessoas que tiveram a infelicidade de participar da cuja, disseram que era mesmo uma boia de lamparina nadando sobre azeite.

—Mas, é uma porcaria não?

—Não é só porcaria uma exploração á bolça das pobres empregadas que não tem o direito de pagar o pao que o diabo enjeitou no inferno. E ella tem a petulancia de dizer que as empregadas tinham que pagar, pois ella não podia perder...

—Que desafôro!

—E grande, Iôyô, porque as pobres empregadas ficaram com a barriga em estado bem critico... calcule que tomando pagante todos os dias...

—Vinhã até as tripas!

—Como sem duvida.

—Porque não lhe metteram um pedaço de pau.

—Não era preciso pua, a vingança melhor era cozinhal-a viva...

—Sim, era melhor porque ao menos ella não tempera mais os quitulós com óleo de ricino.

—Bom minha rosa até logo!

—Até logo Iôyô...

O papagaio.

—o—

BREVEMENTE O — MARRETA

Novidades



O Sr. João Maia que nos parece ter muita coragem para correr, resolveu entre amigos seus vir nos fazer uma sortida na noite de terça-feira pelas 10 horas quando o silencio se fazia n. tal em toda a rua de Sant'Anna.

Quando o Ferrabraz de mil conquistas qixotescas, entrou na nossa humilde tenda de combate, tinha o semblante de quem estava irritadissimo, e colérico, era uma fera a rosnar á uma preza...

O Ferrabraz, prometeu quebra-nos á cara (santo Deus!) metter-nos uma bala (Mizericordia!) nos, dar com o pé direito (A quem nos acode!) nos chamar a responsabilidade (céos!) tudo por que demos publicidade a uma carta, que não sabemos ser com relação á familia onde o Sr. Maia é relacionado; cartá essa que não temos responsabilidade nenhuma e mesmo não temos direito de atacar a honra de familias, como essa que o Sr. Maia frequenta, que nada temos a dizer, porque, mesmo se vissemos alguma coisa escandalosa, não era de nossa conta, como nunca partiu de nós qualquer malqueirengia contra a mencionada familia cujo chefe é um velho honrado e distinto.

As informações que aqui publicamos ha tempos, eram todas fornecidas por um moço que hoje é guarda civil, como provaremos.

Nós nada temos a haver com que o Sr. Maia proceda, o que não admitimos são as suas ameaças que não nos intimidam. Aqui é uma escola de ordem e cohesão. de idéas e principios. Não recuaremos, nem mesmo, que um de nós sejamos assassinado na rua mais publica, como tambem será certa e irrevogavel a nossa vingança que se fará até por meio de incendios, contra o autor ou mandante.

Mas passando a esponja sobre o nome do terrivel Ferrabraz perguntamos ao moço filho do capitalista se ainda está rezolvendo a abandonar á quella sua victima?

Aqui fica a pergunta, talvez voltemos sobre o caso, apesar de não ter mais remedio...

As façanhas amorozas na Barraquinha bateram ao record d'uma encrenca bastante complicada.

Uma das Heroínas do culto do trefico Cupido, está se vendo em camizas de onze varas para saber ao certo quem foi o autor da sua deshonra.

Agora nos diga o leitor, se isto não parece uma historia de onça bem contada e melhor imaginada...

Se ella não sabe quem foi o primeiro, calcule nós, que nada temos a haver com a «pescada» não ser de commonicar ao publico, de mais uma descoberta impagavel que chega a arrancar boas e gostozas gargalhadas.

O certo é que elle se meteu na onça e não sabe de quem foi a primeira das...camizas!

O céus! será possivel que algum incauto caia no laço!

O ferro p'ra que tanto ego. Até domingo.

O fucturo patto da cuja da rua da Cruz está complicadissimo, a parteira ja disse que não pode dar remedio por isso que a cuja ja se acha com cinco mezes.

Agora é que foram ellas, o sujeito muscou-se; foi-se, e até agora nada...

Uma encrenca muito bem arranjada.

Outra encrenca dos diabos está entre o namoro da rua de S. João.

Nós não gostamos de nos envolver muito com estas coizas, mais por dever de officio somos a isso obrigados.

Mas, como então! Esse namoro de belliscões e «dédadas» e beijocas, no corredor, ora isso não é serio...

Mas, como então?... continu-

ão nas beijocas?...

Os negocios de feitiçarias no Bacanga, estão chamando á especial attenção de quem se interessa, em vêr a verdade bem clara.

Apopulação do lugar mencionado está voltada contra uma tal le Roza, que segundo dizem, tem complicitade no desaparecimento eterno da filha do pescador.

Mandamos reporter ao Bacanga que foi syndicar do caso, logo que volte traremos em conhecimento do publico.

Correio d'A Tocha



III.º Sr.º Redactor da A Tocha.

Peco-vos encarecidamente que bote a sua querida Tocha para allumiar á rua das Barraquinhas. Imagine sr. Redactor que ahi existe môças que, no quintal de uma casa, ao som mavioso de um violão remexem-se vagarosamente até ao chão, não tendo vergonha do tocador e dos apreciadores que gostosamente applaudem estas pessimidades. A rua das Barraquinhas sr. Redactor só parece que está em estado de sítio: Existe tambem uma mocita, coitada, lastimo a sua sorte! (mas, o que vai se fazer) que não namora carrapato por não saber qual s ja o macho... Isto é, segundo provas dadas por diversos dandys que illudem a consciencia da pobrezinha. Ahi fica a reclamação, se continuarem verão os seus nomes estampado nas columnas d'A Tocha.

Um apreciador.

A TOCHA

Nous persisterons jusque les derniers...

ANNO I

Maranhão, 23 de Setembro de 1911

N. 44

Commentarios

Nem tudo está perdido no nosso paiz

Ainda existe no mais alto Tribunal do paiz representantes da Justiça limpa, pura, independente, dessa justiça que amplia no seu seio sacrosante a liberdade e o direito.

Nem tudo está corrompido pela torpe e mesquinha politicagem; nem todos se deixam subornar aos azenos immoralissimos de meia duzia de regulos de aldeia, mentecapos de moral corrompida e de caracter lódacento.

O Supremo Tribunal Federal fez justiça a quem de direiro é devido: ao dr. Rodrigo Octavio, o juiz puro e honesto da comarca de Caxias, cidadão que por ser serio e honrado é a victima do odio dos potentados!

Pune os ladrões, afasta os bandidos da sociedade, e contra elle movem guerra de despeito!

Mas, o Supremo Tribunal Federal, que não olha interesses partidarios, soube fazer justiça a um juiz verdadeiro, que pela integridade do seu character, tem sabido varrer para longe, a poeira do despeito e da maledicencia dos corrompidos.

Os seus inimigos hão de agora sentir no intimo um desmedido rancor; hão de vomitar o fel do despeito, mas de nada servirá as suas investidas, que jamais poderão prejudicar a um juiz recto, digno, honesto, como o dr. Rodrigo Octavio o ornamento da justiça maranhense.

Caxias, a princeza do sertão, exultou de contentamento; a sociedade caxiense estremeceu de delirio, enquanto, os criminozinhos acorvadados e acossados pelo remorso, corriam desvairadamente fugindo á vendicta publica!

Exulta Caxias!

Aí tens o teu Juiz, o querido symbolo do direito!

Viva a Justiça Federal!

Zébias.

«O»

O CASO DO ANIL

Só depois de munidos de todos os documentos, trataremos do caso da moça do Anil, que foi desflorada pelo Sultão.

Juramos por Deus! nem que se jamos apunhalados na praça publica, varados pela bala do revolver de capanga inconciente, chicotizados! havemos de publicar o que nos prometteram mandar do Anil.

Ao depois de publicado, só podem nos mandar fazer o que acima fica dicto, ou empastellar a nossa typographia...

E com tudo ficaremos satisfeitos...

«O»

O BEIJO DO CACHORRO

I

E o pobre cachorro!

Ninguém lhe queria fazer uma festa. Todos que passam não lhe prestavam a minima attenção e, no entanto, a todos que passavam, os seus olhos negros, como dois borões que o escolar deixa cahir

na escripta, lá estavam em cima de todos.

Aos ardores do sol, elle se furtava á hobreira das portas e, aos frios da noite, á correr ás vielas. Nunca fizera mal a quem quer; mas...mas...que sina a sua, até que um dia. Ah, como é prodiga a natureza, que é mãe, e ao mesmo tempo, assassina! Ella, os seus dentes alvos, como perolas encastoadas em corás, abriu-lhe os seus labios, de oiva escarlata e o cão, reconhecido, dançou-lhe a cauda. Ficaram amigos.

Quer de dia ou de noite, lá estavam juntos. Ao lado della, o pobre cão, que ao aceno de seus roseos dedos, quaxis castanholas sonoras, a vida lhe amimava.

Passaram-se dias, e o tempo passando, estreitava aquella amizade. Sua sorte, porém as caricias oppostas, jamais lhe abandonava. Ora, um olhar desconfiado, como que a mandar-lhe partir, ora o aceno dos dedos quais castanholas a inpor-lhe que ficasse.

Deita alli... Dogue?

Dogue, pega, e um pedaço de pão ou de bolo inglez, cahia á sua bocca.

A humanidade, sempre corrupta e má, não olhava bem, com bom olhar, essa união e ella, a formosa morena, de cabellos negros e olhos da côr da noite, sem luar, ignorando as aleivosias, não escoraçava-o.

Passam-se os dias, passam-se as horas, passam-se os mezes, passam-se os annos e agora, beijos quentes e apaixonados vão á bocca do cão.

Suas patas dianteiras um corpo langue e cupido de desejos abraça quando, em seguida as caricias que uma dextra delicada e fina lhe faz e depois?

No silencio da alcova, em completo mutismo, offegações e suspiros... que digam, que falem na regra geral, dos amores baratos.

Fan-fan.

Continúa.

MARANHENSES!

Os marchantes da nossa terra, abuzando da tua indole de povo ordeiro, tenta formar um « trust » para aumentar o preço da carne!

E' preciso agires em teu beneficio, isto é, em beneficio da tua pauperrima bolça ja bastante explorada!

E' chegado o momento de vires á praça publica protestar contra essa escandalosa negociata de quem se julga com o « direito » de oprimir o pobre e escarnecer dos pequenos.

Reage emquanto é tempo!

Não te deixes oprimir assim tão vergonhosamente!

O povo unido é uma força invencível!

A Republica não permite isso que ahí estás vendo: a persiguição do povo, não! a Republica é o bem estar de todos: ricos e pobres, grandes e pequenos, sabios e plebeus. E' o bem geral da collectividade; não faz distincção de classe, é a igualdade! é o direito! é a lei! é a justiça! é o trabalho! porem nunca opressão, e persiguição!

Fora o trust!

GROSSA ENCRENCA

Onde está Simplicia Loureiro, do Caminho da Boiada, branca, de 12 annos de idade?

Gente, alerta!

Desappareceu ou foi roubada? Se accusem, se accusem, que de amanhã em diante, se Deus quiser, nós vamos cavar o paradeiro della. Esteja onde estiver—ella ha de apparecer, para mais provar ao publico, que a nossa missão aqui, não é macular susceptibilidades, honras, caracteres e cha—sim gratuitamente prestar um

serviço, um soccorro nestas occasões de quando se precisam de amigos!

Para que quotidianamente se não reproduzam factos identicos é que estamos aqui de pé, firmes. Apesar de mil ameaças que correm pela nossa cabeça como abutres fugitivos, emvergonhados de profanarem pessoas que têm por fim unico prestar auxilio, investigar, abrir os olhos aos incautos, mostrar aos inexperientes que a nossa ambição se limita aos termos de bem servir ao fraco sexo que pelos modos, excepcionalmente, não pensa nem faz idéa de que são cantadas de « santos varões »!

Se ainda não appareceu a Simplicia, nós vamos dar umas voltas aqui por certas viellas e talvez... talvez...

Calma! Qualquer resolução domingo « A Tocha » traz!

O que precisa, não é « lá muita fuerza », como diz o literato Jansen.

Vampa.

—«O»—

MAIS UMA!

E' com a mão tremula que pegamos da penna para assim acompanhar com a mesma dor, o sentimento funebre que cobrio a pobre menina, pelo golpe cruel do abutre negro, filho de um celebrado, que prostituiu-a na sua residencia á rua do Alegrim sem o minimo respeito á sua propria familia.

Communicaram-nos mais que ao depois da menina protituida explusaran-na de casa!

Domingo voltaremos com mais claresa.

—«O»—

No proximo numero, « A Tocha » traz, de muita gente. Grande novidade,

Chronica do Papagaio

—Então, meu loiro a Cotinha-peixe-gallo vive louca pelo Rei Brazão ou o Rei Brazão pela Peixe gallo? Como é que se discute isso?

—Eu, Ioyô, não gosto de lhe contar nada, porque só parece que você tem lingua quente, conta logo para Alice.

Eu lhe queria dizer que o Rei Brazão deve muitas honras, mas tenho medo...

—Medo de que?

—Medo de Ioyô ir contar a Alice!

—Não te assustes que eu nada revelarei a ninguém.

—Olhe lá?!

—Com palavra de honra.

—Pois bem. O Rei Brazão deve tres honras, respectivamente de tres lordes mocinhas do Pará...

—Fres hanras?

—Calma, escute. Elle veio corrido do Mosqueiro...

Onde é o Mosqueiro?

—Ora, Ioyô, faça favôr de escutar, sinão...

—Bem, eu me calo.

—Pois ouça. Elle zarrou do Mosteiro, ruas Padre Prudente e 1º de Março, Largo da Polvorá, Estradas de Nazareth e S. Brazão.

—Chili! meu loiro, isso tudo!

—Ioyô está vendo!...

—E o que mais?

—O que mais é que me dispunha de tantos cobres, que de cada vezada, pagava (dizem) quinhentos mil réis de gratificação.

—E donde vinha essa mina de... cedulas?

—E' o que é preciso se descobrir.

—E a Cotinha, chucha ou não chucha tambem uma isca?

—E' provavel.

—Eu creio que não, porque Minas-Geraes tambem está de olho, para chuchar qualquer nickel...

—E a Abbadessa tambem.

—Eu tenho ouvido dizer que vão, mais de cem mulheres, fazer um « meeting » para proclamar o substituto interino do nosso Sultão.

—E a Cotinha?

—Que Cotinha?

—Peixe-gallo.

—O que ella póde fazer, é perder o pulo se si atrazar.

—E o cachorro valente da rua de Sant'Anna, lá em baixo, quasi nas immediações da praia grande, que fim levou?

—Ah, Ioyô, a historia desse cachorro, é quasi como aquella da banana comprida...

—E porque não contas?

—Tenho certas apreensões...

—Quaes são?

—Ora, se a gente conta uma verdade inteira, certas pessoas protestam, dizendo que nem tudo que se vê, se diz; e outros ao mesmo tempo incitam que se deve dizer, porque a missão do critico é contar a verdade na sua inteira nudez, sem rodeios, sem phantazia, porque nesse caso os naturalistas ou coisa semelhantes vacillavam em descrever as scenas de um cortiço falaz em segundafeira de « guerra », quando o páo « chove » e a pornographia infesta o ambiente, como bala em campo de batalha. Um caricaturista ou coisa que o valha, não retoo produzia a espioje de um amigo, porque justamente esse amigo tinha um defeito na cara: ! Outros ha que dizem, que « A Tocha » não devia circular, porque só não diz verdades cruas como é eivada de « crassos erros profundamente gramaticaes »:—um exemplo:—mulher, sem o « h »; condição, sem o « c »; cidilhado, etc; eis os « crassos erros profundamente gramaticaes », como se nós aqui, fossemos grammaticos ou tivessemos culpa do revisor deixar escapulir quantas asneiras quizesse!... Essa só mesmo...

E tem mais ainda:

Quem nos analysou, disse abertamente, que a culpa não é nossa nem do revisor, nem do typographo!... Mas de quem é finalmente? Dize, meu loiro?

—Não sei; mas me parece que, ou è delle, ou do leitor, porque doutra maneira não se comprehende a coisa.

—Só sendo mesmo. Mas...

—E a historia do cachorro?

—Quer que eu conte?

—Porque não! Olha, meu loiro, tu nesta missão, brade quem bradar, compre « A Tocha » quem quizer, leia quem muito bem entender, emp'stellem embora um dia, porque desta folha não fazemos vida e sim revelar ao publico milhões de escandalos que se desenrolam nesta terra, na auzencia de honrados paes de familia, na presença, ás vezes, de môças mães inexperientes, como se vê noutra secção desta folha, o namoro do caminho do Apicum,—tu meu loiro, farás aqui, repito nada mais, nada menos, que a missão

tiel de um typographo, dum photographo ou de um operador de cinemas—fazer conforme o original, para que te não criminem! O teu papel aqui é unicamente não inventar nem idear... E por isso, vamos lá, vê a historia do cachorro.

—Uf!... Ioyô quasi que não deixa eu falar e nem acabava com a encrenca do zernão!

—Mas era preciso explicarte isto.

—Bem. Mas, o cachorro, Ioyô, põe-se de janella e um punhado de meninas rodeiam-no, brincando com elle. O bichinho não tem juizo humano como Ioyô sabe. Talvez por isso, ou porque elle seja muito discreto as meninas tocam a abraçar e a brincar com o cachorro que lhes lambes o rosto e a boca e brincam e brincam muito até que o animal por sua vez, fica.... brinca-lhão, que é mesmo um gosto. Salta por cima dellas, pula, ladra, festeja e... (agora somos nós que fazemos as vezes do cachorro:—damos um salto na descripção que já vae longa) e... acabou-se a historia.

O papagaio.

—« O »—

ECHOS

Simplicia é o nome simplis da menina que por simplicidade de alma injenua de criança fugiu da sua residencia, no Caminho da Boiada.

Fugio? Perguntam todos!

Mas para onde fugiu?

Ninguém sabe responder...

Parece um mysterio, mas um mysterio simples que, pela simplicidade de que se reveste, parece indicar que Simplicia está mettida n'uma casebre simples, onde a sua virgindade periga para o abysmo da deshonra.

Uma menina fugir de casa!!!

Parece um caso raro na nossa vida social!

Quem nos dirá, quem sabe, mesmo se a estas horas Simplicia não esteja deitadinha nos braços de quem a raptou entre suspiros de volupia e gemidos lubricos.

Mas aqui fazemos pento, e perguntamos.

Onde está Simplicia?

Agora, entremos no caso da moça da rua de Sant'Anna que foi pegada em flagrante com um cachorro, fazendo bôbices; isto é, metendo a... cauda do cujo entre as suas pernas...

Ja, descrevemoe a historia da moça que se servio da banana para saciar o fogo da carne, agora temos a dessa outra que fez do cachorro um excellente marido...

O flôr-mimoza anda ativo atraz de donzellas, não encontrou ainda dessas felicidades mui raras entre nós, no entanto o cachorro por ser um animal irracional encontrou o que lamber...

Mas, que coragem de moça, essa da rua de Sant'Anna?

Então não vê ella que o cachorro lhe pode ser prejudicial. Não vê ella o « nogordio » de toda essa façanha « amorosa » em se servindo do cão?

Essa moça é uma desmiolada, não, ha duvida.

Até com cachorro!...

Palmerio Liró.

—« O »—

MAIS OUTRA?

Consta-nos que o pai da pobre menina desflorada em certa caza no becco da fabrica, queixou-se á policia contra o outor da deshonra de sua filha.

Ignoramos quem seja o autor, porem vamos averiguar, para domingo publicarmos tudo que colhermos!

Vejam os homens de bem quantos casos de prostituição!

E não querem que condemne-mos essa miseria moral, essa falta de criterio social!

Pois havemos de commentar de, no que der!

Domingo!

—« O »—

Povo Maranhense! Desperta! Auxilia á « A Tocha » na grande jornada!

Viva a imprensa livre!

UM DUELLO A ESPADA

Hontem a tarde, houve no largo da Mizericórdia, uma desuzada concorrência de povo para assistir o duello a espada entre Naiza e Sete canos.

A espada de que Naiza se servio, pertence a um empregado da praça do commercio, mede dez palmos de comprimentos; e a de que se servio a filha da cega, mede vinte palmos de comprimentos!

Serviram de arbitros a conhecida Hortencia e a Laura bomba sem pavio.

A primeira voz de, um, dois, trez, Naiza pulou em campo, desafiando a sete canos.

--Sua esta, então tu tiveste o arrôjo de dizer para o capitalista que eu não tinha bainha para comportar espadas compridas?

--Disse e está dicto; respondeu a sete canos.

--Pois olha: em bainhas fundas ninguém me vencerá.

--Pois, pula, e vamos vêr quem tem bainha mais funda, e mais larga...

--Prompto! Pulou Naiza para o campo.

E começou o duello. Foi um jôgo importante, bem dirigido e melhor executado...

Naiza, pulava, se remexia e gritava:

--Ora qual! tu não vês logo que vinte palmos me faz tremer...

Mette, impurra, até «furar a bainha».

--Qual Siriboia! passa fóra que uma espada dê dez palmos não faz nem cosegas na bainha da minha...

E jogaram até que a Hortencia bradou:

Pela honra das duas, está terminado o duello!

Quem venceu foi a Siriboia que

apezar de magnicella, tem geito e tactica no manejo de espadas.

A assistencia lhe fez uma extronzoza manifestação pois a sua bainha comporta espadas dos maiores tamanhos...
Bravos a Naiza!...



Novidades

Pessoa certa garante-nos que na porta da Igreja de S. Pantaleão continua a aparecer das 11 horas da noite em diante, um phantasma vestido de frade com um careca encarnado.

Dizem que não tem barba... O que será? Presumimos nós que esse frade já não é «frade» e sim um fradalhão!

Pelo que ouvimos, o cujo tem o costume de cantar...missa a meia noite, só para as da igreja...

Ao depois não falem d'«A Tocha», e nem perguntem o que ella traz...

Naiza, entendeu agora de ser «muzicista». e por esse motivo comprou um «bandolim» velho do tempo em que Adão era cadete reformado, e, todos os dias põe-se a amolar a paciência dos vizinhos com a paulficante nota de muzica:

—Dó...ré...mi...fá...sô...lá...si...dó...só...ré...mi...i i i i...dó ó ó ó ó...si i i i i
Vá estudar muzica assim lá para as profundezas do inferno!...

E não satisfeita de berrar, pega do «bandolim» e zaz! Tim...tim...tim...tão...tirim, tim, tim...

Mes isso, durante o dia inteiro! Arres!

Já nos disseram que ella pretende dar um concerto ao ar livre

no dia do anniversario do «imortal poeta» Madahy, o maviozo cantor das atempestades celestiaes.

Não nos dará distincto literato, qual o motivo ou aliaz, o fim, de todos os dias pelas duas horas da tarde entrar em certo byongô acompanhado de um menino bonitozinho, geitozinho, de formas tentadoras...

Então porque desorezar tantas meretrizes bellas como as bellas por cauza de meninos!

Será algum preservativo contra o mal syphilitico?

Cuidado com que «A Tocha» traz dos seus meninos!

O que «A Tocha» traz, seu Silveira.

—Et eum spiritu tuo.

—Você só vive pensando em missa seu Silveira...

Eu estou lhe perguntando que «A Tocha» traz?

—O que ella traz, ora, você não sabe...

—Não sei porque não tenho lido; mesmo porque o unico jornal que eu leio é o «Malho.»

—E o que elle traz?

—Traz um soneto de aquelle geito que, para elle vale per omnia secula seculorum.

—La vem você com o latinório missal. Que sujeito é esse que você falla?

—Aquelle sujeito da Intendencia...

—Qual! não vai, nem é m'bandolim da Naiza...Ali, só tem a assignatura.

—Eu tambem penso e te dou razão. A quelle soneto não é del le.

—Eu acho que d'aquelle cerebro não brota nada de intelligivel...

—Mas, elle diz que é da lavra d'elle...

—Elle não pode dizer ao contrario, pouco embora não o sei do.

—Eu acho que elle lavrou em algum jornal velho, tanto assim que «A Tocha» vai publicar plagio!

—Com certeza!?

—Tão certo como o soneto de ser d'elle.

—Vamos esperar o que «A Tocha» traz, e até logo seu Silveira.

—Pax Domine fit semper biscum.

A TOCHA

Nous persisterons jusque les derniers...

ANNO I

Maranhão, 1 de Outubro de 1911

N. 45

Libera nos domine

De momento, ouvimos d'aqui da nossa tenda de combate, ruidos de vendicta da parte dos que contra nós assestaram as baterias do rancor e do odio, procurando com essa qui xotesca comedia de Oliveiros, desviar-nos do caminho de que temos seguido na Santa Jornada do bem d'esta terra, rasgando o véo mysterioso dos escandalos e banbalheiras, que se occultam nas sombras do crime e da prepotencia.

De vez em quando, uma intimação da policia, apesar de termos o nosso jornal registrado na Intendencia e pagarmos o indispensavel imposto, com a nossa responsabilidade.

Uma vez intimados, promptamente nos apresentamos em a presença da auctoridade, isto é, sem tujir e nem mugir... para sermos interrogados, «aconselhados» etc.

«A Tocha» tem, é verdade, publicado em suas columnas artigos condemnando o máo procedimento de certos individuos que, abuzando da posição social que occupam, e de ter dinheiro, vão praticando toda a sorte de bandallice, prostituindo meninas pobres, até mesmo entre as suas familias.

Mas não declinamos o nome, nem residencia e nem a rua, nada absolutamente; no entanto elles se apresentam as autoridades, como «offendidos», dizendo que o jornal se refere a elles etc ! ! !

O que se pode concluir de tudo isso, leitor amigo ?

Ah ! é que elles vão confessar o crime !

São réos confessos, não tem para onde apellar !...

Nunca maculamos o lar da

milia maranhense, a prova, ali está, na colleção dos jornaes !

«A Tocha» podemos dizer peremptoriamente, sem temermos constestação, «A Tocha» repetimos, traz muita gente boa, de dinheiro, de elevada posição politica social, prêza ás suas gavêtas, como provaremos se tanto tôr preciso !

Aqui, sabemos de coizas graves que bem desenroladas á luz da publicidade, dariam um excellentemente romance.

Infelizmente o nosso querido Maranhão, a patria dos genios de primeira grandeza na historia litteraria, é uma terra de conveniencias, já estamos cansado de dizer.

Mas com todo o entusiasmo de nossa alma, com todo o sentir que palpita em nosso coração de moços, juramos, que, havemos de levar a cruz ao calvario, pouco embora com o sacrificio da nossa propria vida !

Querem sangue ? Pois, mande-nos assassinar, mandem quebrar a nossa typographia, mandem fazer tudo que quizerem, enquanto nós, calmos, resignados, limitamo-nos a dizer, LIBERA-NOS DOMINE.

Quadro

Negro

Emquanto os corações bem formados invidam esforços para amparar a infancia desvallida, homens que deveriam auxilia-los, por amor a propria familia, lançam á prostituição infelizes que,

por não conhecerem o mundo, se deixam seduzir.

Se contrista a noticia do delatoramento de uma mulher de maior idade, porque do dia que tal desgraça lhe acontece começa o seu infortunio, como não penalizar, quando, para satisfação de seus instinctos libidinosos, um mizeravel seduz uma creança ?

Pois bem: é uma triste verdade a de que nos occupamos, mas é uma verdade... No Maranhão presentemente é uzo, paes de familias, carregados de filhos, homens de responsabilidade moral, seduzirem meninas de menores annos de idade.

Relatar factos desta ordem, torna-se até um pleonasmio, porque, como que fazendo o prato do dia, «au jour le jour» registam-nos os jornaes.

Com poucos intervallos, occupa-se á Policia de um e median-do tão limitado espaço de tempo, tres victimas ali estão, não sendo de estranhar a impunidade dos delinquentes. Não declinamos nomes, nem personificamos quem quer, porque actos desta especie se não envergonham, não humilham, não rebaixam de nivel quem os pratica, faz-nos perder os fóros de civilizados que temos como um povo constituido em sociedade. Faz-nos perder o acatamento devido como homens. Nivela-nos aos negros do Gabão que só estimam na mulher os serviços que lhe podem prestar e os gozos que usufruem.

O homem que rouba a honra de uma mulher, é um desgraçado, e o que rouba a uma creança é um sicario, cujo banditismo merece as penas de Lynche. Mas, para Deus que tudo vê e sabe appellamos; confiemos na Justiça divina, já que a dos homens adstricta ás conveniencias de momento, qual outro Prometheu não raro se torna manietada e as victimas, sepultadas hoje no lodaçal da prostituição não de ter, um dia, o seu dia de gloria... Confiemos, Profligar factos des-

o faz é um dever da imprensa por muita conveniencia.

infima particula embora, deste aggremação que domina a opinião publica, aqui estamos para combatermos esses desmandos que homens sem coração, de almas podres e corroidas pelos mais torpes vicios vivem a praticar no seio desta sociedade em que desejam impôr se como serios.

Mizeria !

Commentarios

Como tudo nesta terra se faz por meio da conveniencia, e pela conveniencia tudo se faz, apesar de muitas inconveniencias, vim agora, sem demora, estudar o Antonio Paulo de Oliveira, muito embora não sendo um physionomista, como tambem nada entendo de physiologia. O Antonio é um individuo philauciozo, e ninguém o vence pela razão.

Acaridade, para elle é um principio sagrado, e,ahi, constitue a sua philantropia.

Mas, o Antonio é o homem das conveniencias.

Elle nos disse, do alto da sua sabedoria em historia Biblica, que o mundo foi formado por uma conveniencia de Deus, e que o pecado original no Paraizo Terrestre foi obra da conveniencia, amorosa entre Adão e Eva.

Foi o que elle nos disse com aquelle ar de comico de circo livre...

Mas, um dia o enterrogamos, e delle obtivemos a seguinte confissão:

Meus senhores, o mundo, é de uma conveniencia divina, eu vivo dela conveniencia e faço tudo pela conveniencia: como, bebo, brinco, ando, rio-me, namoro, visto, tudo por cauza da conveniencia; até mesmo não abraço a luxuria,

Eis ahi leitor o perfil de Antonio Paulo de Oliveira !

A unica coisa que elle não faz por conveniencia, é o ser protestante.

Diz elle, que a crença é uma coisa bella, sublime !

Ataca os padres, escandaliza o confessorario, mal diz o papa, e um inimigo acerrimo do romanismo.

E' um bom rapaz, apesar das suas conveniencias...

Namora uma bella, só vendo uma unica conveniencia: o amor.

Amá por conveniencia lá no Mercado...

Emfim, o Antonio está convencionalmente estudado e ficará de hoje em dante com o nome de Antonio conveniencia.

ZÉBIAS.



«A Tocha», segundo propalam: os máos, tem os seus dias contados...

Paciencia !

Com tudo ficaremos satisfeitos !

Esbandalharão a typographia, porem nunca as verdades que daqui fazemos échos, focalizando os bandidos que prostituem meninas pobres !

Cahiremos assassinados, mas obra ficará de pé !

Morre o luctador mas o pensamento nunca ! mas nunca mesmo !

Familias pobres, preparai-vos para a defeza do lar honrado !

Alerta contra essa cafila nojentista e immunda de seductores cynicos, homens sem dignidade, sem brio, sem honra, que constituem

mizeria moral e a vergonha da sociedade desta terra !

Alerta !

—«O»—

MIZERIA !

Mas uma infeliz que perdeu a honra; mas uma para servi de repasto aos abutres negros ! Essa a que hora nos referimos vive em companhia de respeitavel Senhora bastante conhecida na sociedade de que prezientemente se acha doente.

A pobre senhora está como uma maluca !

Um sujeito casado, morador na rua da Mangueira, prostituiu sua sobrinha que logo ficou grávida !

A infeliz que soffre de allucinações momentaneas está bastante abatida.

Doida, e prostituida !

—«O»—

No Telephone

—Prompto, o que é lá ? Vá dizendo.

—E' um feitiço de pimenta malaguêta, paticholy, jardineira...

—Onde é isso ?

—Na rua da Palha.

—Já nós sabemos disso.

—Mas, talvez não saibam que ellas defumam a casa tres vezes por dia—às 6 da manhã, ao meio dia e á noitinha !

—Obrigado; quando precisar...

—Olhe, seu redactor, o senhor já sebe daquella saboneteria das bandas da Cadeia ?

—Isso e os desfloramentos já estão em moda ! E' inutil boquejar.

—E aquelle moço da rua de S. João, porque não paga aquella conta que contrahiu com a senhora da rua do Alacrim !

—Eu sei !...

—Pecado elle que pague.

—Isso não é connosco, porque nesses questões, nem mesmo a policia !

—E o senhor não sabe informar-me com que interesse vão

visinhos escutar a conversa daquelle dois pombinhos da Viração?

- Não comprehendô.
—Eu quero dizer que elles fazem tão baixinho, que a vizinhança ouve tudo francamente.
—E o que dizem elles?
—Coisa muita, mais...absolutamente de noivado proximo.
—Então, não ha crime nem esbaldado!
—Nem eu disse isso. Quero dizer que elle ha poucos dias fez-lhe nimo de um...
—De um, o que?
—Dum sapato fóra do uso.
—Ha de ser naturalmente para o enxoval, porque depois do casorio...é difficil se deitar ao peixe pescado uma isca! E por consequencia a isca deve ser antes do peixe visgado...comprehendeu?
—Comprehendi.
—Então, já sabe...é não se incommodar com elles, porque o que fôr sóará...e nós aqui promptes para denunciá-os se houver encresna fóra do sério!
—E o senhor não vae á festa?
—Que festa?
—Dos Remedios! Dizem que está na ponta!...
—Vou, mas se a minha namorada não fôr, porque ella é toda exquisita, nervosa, não gosta de andar commigo, porque eu rio-me a valer, durante o caminho, só por vê-la metida naquelles vestidos apertados que se me affigura uma banana comprida um tanto vergada e de vêz!
—E' exacto: parecem um pé de moleque, daquella preta velha, 13 de Maio, que grita como diabo!
—Lá nos encontraremos...
—Se Deus quizer...adeus!
—Até...

Siridó.

—«O»—

Consta-nos que certa viuva que pela primeira vez entrou na vida alegre, fez uma estréa infeliz... Fez denguiques, bichinhos, remexidos e zaz! não pagaram a obra... Esta «A Tocha» traz coizas, bem boas. E' um paladar!...

Chronica do Papagaio

- Meu loirô tu estás vendo como os desfloramentos actualmente se estão desenvolvendo, sem uma séria medida a esse respeito?
—Semos culpados?
—Não, absolutamente.
—E então?
—Mas, não é serio isto.
—Tou me importando que cavallo te rôa?
—Ora, meu loiro, será exacto que no Furo, num tal rio da passagem, toi ha poucos dias desflorada uma mocinhe por meio de violencia?
—O que, Ioyô? Outra já?
—Dizem as noticias.
—E será certo?
—Isso é que é preciso a gente tomar informações, enquanto antes, porque urge denunciar.
—E' bom, é bom.
—E a moça do Apiador? Será outro desfloramento?
—Pelo que dizem os boatos, parece...
—Mas, como foi?
—Nos contaram, que pela dita moça não querer fazer um armario dum quitandeiro, fugiu do lar da mãe e foi direitinho parar na residencia do amado, onde, parece, tinha mais affeição.
—E como se lhe chamam?
—Quem?
—O namorado.
—Não estou bem certo do seu nome; mas se me não engano, é algum Pedro ou Paulo, Sanches ou Tolentino.
—E não casa?
—Parece que não, porque elle já declarou incapaz essa moça de ser desposada, porquanto é uma donzella de tomar banhos frios em banheiros, onde rapazes espreitam-na livremente, sem que ella proteste ou se faça despeitada com tal abuso!...
—Sera exacto, ou é desculpa de amante para fugir do casorio?
—Isso agora é que não sei, porque a julgar por esse lado, elle bem que a conhecia e podia evitar-se, não é depois do caso feito, elle afirmar que a pobre moça demorava-se ali pela vizinhança até altas horas da madrugada, sem receio de visagens carencudas.
—Quem tem culpa?
—Ellas, pobres tôlas, que se deixam levar por cantatas...

—Não, Ioyô, o dever manda que namorem.

—Sim, mas não demais, como faz aquella dos Afogados, que namora quatro duma só vez, fazende até comedias interessantes, como, por exemplo, despedir ás 6 horas o primeiro; ás 7, o segundo; ás 8, o terceiro e ás 10, o quarto.

—Esse então é o mais feliz dos tres, não?

—Porque?

—Porque demora duas horas mais do que os outros precedentes.

—Mas, é. Quando ella quer despedir o da 6 horas, finge que ouve alguém lhe chamar do interior da casa e diz ao sujeito:—Seu fulano, mamãe me chama!... Adeus, até amaobã!...E o cujo vem azulando.

—Mas...o caso da moça que rasgou a carta na cara do namorado, em plena 10^h, do dia, á rua das Creoulas?

—Não posso mais ouvir-te, desculpa...adeus.

O papagaio.

—«O»—

Na quinta feira, estamparemos na primeira pagina um quadro symbolico á prostituição, com o retrato da victima.

E' uma pagina de luto!

Chamamos desde já a attenção do povo.

—«O»—

VACCA MUNDOCA

Coisa phenomenal

Tivemos noticia de que no estabelecimento da rua de S. Pantaleão, canto com a de S. Thiago, existe uma vacca (coisa phenomenal) que tem os pés de pato, esturão de gallo, cauda de serpente, mamas de paneiro, etc, etc, que só mesmo o leitor e o publico em geral olhando, pôde tirar a illação completa desse phenomeno.

Esse digno proprietario, que nos pede o annuncio dessa encresna, diz que essa vacca chegou-lhe do interior como um dos primeiros phenomenos até hoje conhecidos.

Lá estaremos, para tambem apreciarmos.

Acha-se a disposição do publico em geral, a entrada será franca. Hoje atarde, hoje!...

A TOCHA

Não para! Não porem os braços...

ANNO I

Maranhão, 12 de Outubro de 1911

N.º 113

Página De Luto Os Funeraes Da Honra



* Aqui jaz sepultada para todo o sempre a honra de uma pobre menina de idade tenra !
Como é triste !
Tão criança, quando mal lhe sorria a mocidade em flor, alguém, pelo instincto da perversidade,
prostituiu-a roubando-lhe o que de mais prezioso tinha na vida: A honra.
Oh ! que coisa sinistra !
E' sombrio mesmo, o contemplar esse quadro de dor symbolizando a queda de uma virgem para
o enxurro da lama da prostituição !
Justiça, clamamos nos céus de indignação.
Justiça, pede a pobreza batendo ás portas do Tribunal !
.....
Aqui fica o nosso protesto, e convidamos todo o povo d' esta terra a derramar flores no tumulo
da infeliz prostituida !
* Só flores para uma pobre flor o.
Maldições ! Remorsos ha de perseguir a todo aquelle que commetter crime tão horripilante e tão
nelando.
Paz !

ECHOS



Anda por ahí meia duzia de maldizentes, garantindo que nós aqui recebemos grande somma de dinheiro para «rolharmos» a bôcca... Que miseria!

E' repugnante o proceder desses sujeitos! São tolos esses «bichos» a querer por força nos comparar com elles!

Aqui nada recebemos e nem temos essa intenção, seja qual for a conveniencia, porque quando iniciamos esta folha, foi com o fito exclusivo de não calumniarmos, mas dizer francamente a verdade!

Se garante que recebem os alguma importancia para tal fim, ora um conto, ora quinhentos mil reis, foram esses talvez os que receberam a quantia, porque convenientemente adapta-se ás suas condições sociaes ou moraes!

Apezar de que somos instigados a que recêbamos, nós aqui não precisamos disso para coisa alguma, porque independente disso, temos caracter—e dizemos orgulhosamente—que está acima de qualquer remuneração emanada de fontes que se ignoram.

..... Poderíamos nos vender como de escravos, mas não se venderia, mas de moralizar, continua a prestise para isso houvesse necessidade de tudo a edição d'«A Tocha».

ultima condição de aceitar «molhadoras» que de natureza já vêm molhados de... sangue, arrancadas ás victimas de selvaticos instinctos!

O tempo que alguém faz taes offerendas, fizesse a quem de dever é licito recebela não com direito de omitir um crime horripilante, mas ao menos para apparentar desfloramentos que em noites de «ancia». prometteram reparar!...

Felizmente o dinheiro que nos ha de comprar, um dia, ainda não se cunhou! Ainda, felizmente não negaram as notas que hão de comprar a liberdade de cidadãos independentes!

Balmerio Leiró.

— «O» —

«O 6 DE MAIO»

Mais um mez! faz amanhã que a nossa propriedade foi assaltada violentamente, por um grupo de bandidos da mais baixa classificação na horda dos salteadores de estrada.

Mais um mez e no entanto aqui estamos no nosso posto d'honra, combatendo os mão, vergastando a fucinheira dos traidores, focalizando os ladrões e assassinos, que prostituem meninas pobres!

Ilavemos de concluir a obra; havemos de mostrar ao povo maranhense a condição miseravel de certos typos que querem passar como homens serios e honrados, quando não são mais nem menos do que uns reindadissimos canalhas.

Felizmente o povo d'esta terra, sabendo que a nossa missão é a de moralizar, continua a prestigiar a nossa causa, comprando toda a edição d'«A Tocha».

Tudo isso nos fortalece, anima á luctar!

Lutemos que venceremos

Viva a liberdade!

Viva o direito!

Viva a justiça!



VADE RETRO!

Inimigos acerrimos d'esta ha continuam a propalar quem nos comprara.

Tudo isso não passa de injurias de que lançam mão os covardes que não tendo coragem nem allivez para defendere-se das acusações que lhes fazem, vivem a impestar o ambiente, propalando essa miseria cujo fim unico e exclusivo vizinho a nossa queda no conceito publico.

E' mentira! Ninguém comprou, aqui não fazemos negocio de vida, pelo contrario, sacrificamo-na em beneficio dos costumes, que homens degenerados procuram corromper. Dinheiro não nos compra nunca!

Desafiamos o patife de vir dizer em publico qual a quantia que nos deu para nos calar á bocca! Somos pobres, porem, honrados!

Estamos em posição superior a muita gente boa, ficando sabendo o escarro sanguineo do farrapo sujo que teve a audacia de declarar semelhante infamia.

E' pos isso que dizemos, Vade Retro!

— «O» —

Quinta-feira em folhetim.

As 40 damas do Salto

Fará muita gente chorar.



CARTAS AO COMPADRE FULO

Se por lembrança maldita,
Seu Palico acende a luz,
Eu juro que a gatarada,
Miava sarapantada,
Deus nos defenda! Ih! Jesus!

Nem é bom pensarmos nisso
Que essa lembrança de truz,
Póde vir prejudicar
A bella que lá varar...
Deus nos defenda! Ih! Jesus!

Que viva como um bisouro,
Imigo sempre de luz!...
E' caso premeditado!
Mas...que lhe chame escovado,
Deus me defenda! Ih! Jesus!

Eu sei de certa viuva,
Arisca, como avestruz,
Que foi muito abençoada,
Mas...dizer, que foi fuchada,
Deus me defenda! Ih! Jesus!

Nestas epochas de encrencas,
Quem não tiver um chapuz,
Pode ser fosse « cantada »,
Mas...dizer, é desflorada,
Deus me defenda! Ih! Jesus!

Aquella mocinha bella,
De requiffes azues,
Rasgou a carta do amado,
Mas...dizer, elle é o culpado,
Deus me defenda! Ih! Jesus!

O marchante enfurecido
Que dos tres vintens fez jús,
Brigou com a menina atôa!...
Mas...dizer, elle enganou-a,
Deus me defenda, Ih! Jesus!

Nós temos certos amigos
Semelhantes a urubús,
Que vivem « chapando » a gente!
Mas...dizer — um dellés miente,
Deus me defenda! Ih! Jesus!

Eu conheço uma donzella,
Beata do pé da cruz;
Não come sem ter rezado,
Mas...dizer — tem taparado,
Deus me defenda! Ih! Jesus!

Nótro dia eu vi uma moça
Se atirar de cata-pruz,
Nuns braços que lhe apertavam,
Mas...dizer que se beijavam,
Deus me defenda! Ih! Jesus!

Não digo mais coisa alguma,
Quer de patos ou perús,
Apezar que o peixe-gallo,
Com Cotinha...Bem, não falo,
Deus me defenda! Ih! Jesus!

Cotias, pacas, quatis,
Porcos-vara, caitetés,
Eu penso que se quadraram,
Mas...dizer que se deixaram,
Deus me defenda! Ih! Jesus!

Vou findar minha cartinha
Pois o pontô já aqui puz;
Se fôres denunciado,
Não julgues que foi meu brado,
Deus me defenda! Ih! Jesus!

De todas as bellas aguas,
Das famosas Caxambús,
Não foste nunca a primeira,
Mas...dizer que és derradeira,
Deus me defenda! Ih! Jesus!

Lyra Góes.

— « O » —

A meretriz que mais tem se
exebido no largo dos Remedios
é a Dióci e....de bomba, onde
ella surge, é logo cercada da rapaziada.

Na noite de terça-feira, quando ella tomou assento no Carro-cél, suspender os panos até a curva dos joelhos, quasi que fazia projecção Olophotica, por um triz.....o aparelho assustaria, a multidão.

Que « desgracia »!

— « O » —

A O PUBLICO

Declaramosao publico que os unicos competentes para rezolverem qualquer negocio com relação a artigos e cartas, são os Redactores desta folha.

Outrosim, declaramos que os mesmos só se tratam na Redacção, rua de Sant'Anna N.º 101.

Fazemos isso para livra del exploração,

Commentarios

O leitor já sabe do novo caso de prostituição de que é autor um certo senhor casado que nunca foi viuvo, que desapiedadamente prostituiu uma mocinha doida que serve de companhia a sua senhora tia bastante conhecida na sociedade maranhense. Pois bem; o caso está concluído!

Se não declinamos o nome do abutre é porque nos falta as garantias, não que tenhamos medo de quem quer que seja, pois «quem com ferro fere, com ferro será ferido».

Não temos garantias, basta que digamos isto!

Mas, não é nada serio um homem casado, cercado de filhos, prostituir uma mocinha que alem de pobre, é doida!

A coletividade não póde mais ficar de braços cruzados; á mercê dos escandalos, e semvergonhices.

O homem que tiver brio, tem o direito de negar a mão á esses prostituidores nerianos, fugindo ao contacto nocivo da degeneração social.

Um homem que assim procede, para com uma menina doida, merece que se lhe cuspa na face, muito mais suja do que a escaradeira.

Cada pai de familia tem o direito de armar-se para a defesa do lar!...

Ahi fica a barrêlada.

ZÉBIAS.

ULTIMA HORA
UM CASO GRAVE

UMA MOÇA DOIDA PROSTITUIDA NÃO FOI O MARCHANTE — O AUTOR — A NOSSA RETLIFICAÇÃO.

Segundo affirmam pessoas que nos commonicaram o caso da moça doida, prostituida, que o autor do desfloramento não é o marchante, e sim, certo sujeito que era guarda-livros de respeitavel casa commercial.

Gostozamente pedimos desculpa ao marchante das palavras que lhes possam offender, no caso de apagar a barretada.

Fazemos mais alg...



CONVERSAS DE

DUAS PIMENTAS

Mas, então a viuva seu Malaguêta!

—Que ha da viuva?

—Você não sabe.

—Ahn!... Aquella que foi lechada no dia da estrêa?

—Sim senhor! O que dizem d'ella?

—Dizem que de agora em diante só fará serviço depois de bem paga, isto é, adiantado...

—Você tem visto ella passeiar na Praça da Alegria.

—Via-a hontem, com muito regateios, toda se requebrando, se remexendo...

—Naturalmente fazendo reclamaes.

—E' bem possivel. Mas... pelo que me disseram, ella é «profundamente tentadora».

—E a historia da Ambrozina, d. Pimenta do reino?

—Fica no mesmo pois o sujeito que aprostituio tem muito dinheiro, e é formado em altas...

—Mas então seu Malaguêta, isto vai de mal a peor.

—Para quem muito pensa na vida. A humanidade, d. Pimenta do reino, continuará a ser o que é, uma verdadeira companhia dramatica, representando dramas, tristes, degradantes e emocionantes, por exemplo, a prostituição

—E' verdade seu Malaguêta

—Vi «A Tocha» atrazando ella, mas, toda ella...

—E' o duello a espada, em que ficou seu Malaguêta.

—Ficou no mesmo, pois a trez canos não se deu por vencida, continuando a dizer que a sua bainha comporta espadas de todos os tamanhos...

—Bom deixemos de lado esse negocio de espada, e, entremos em commentar o caso do «literato» que está amancebado, com aquelle menino.

—Que «literato» seu Malaguêta?

—Aquelle que foi Redactor...

—Basta! Basta!

—A senhora vai hoje á festa, d. Pimenta do Reino?

—Talvez, não sei ainda, as coizas estão um pouco...

—Tambem como não ha de ser assim, os impostos são demais, e o negociante, seja qual for a especie da mercadoria, tem-na que vender por preço excessivo...

—Mas, seu Malaguêta a conversa está muito boa; e não converso mais, porque as coizas por esta terra não vão muito boas.

—Bom até domingo.

Malaguêta.

— «o» —

—O Marchante está em apuros. Para que elle foi bulir com a

pobre...

P'ra que...

— «o» —

O melhor meio dos homens livrarem-se das garras dos D. Juans, é fazer uzo de grossas chapas de aço, fechadas com cadeados de bronze.

Mesmo assim, a coiza pode correr perigo...

—O cuidado é pouco...

Simplicia, a menina a quem nos referimos no numero pasado se acha em poder do seu padrinho Antonio Machado.

Dizem, que, o que motivou a abandonar a casa onde rezidia, foi devido mal tratos que lhe davam, senão surrada diariamente como se fôra uma escrava!

Vêja o publico o que «A Tocha» descobriu! uma menina pobre, sem mãe, victima de escravidão em pleno Seculo XX!

Tableau!

— «o» —

Correio d'A Tocha

Para salvar responsabilidade, deixamos de publicar cartas que não sejam devidamente assignadas, ou conhecido o autor.

Recebemos a seguinte do caminho da Boiada, vai conforme o original.

Eil-a.

Ill.^{mo} Sr.^o Redactor.

Queira ter a bondade de publicar as seguintes linha:

No caminho da Boiada reside uma senhora que é casada, e que tem uma filha com a idade de onze a doze annos, tendo tambem pae; porém, essa menina tinha um namorado, o qual tinha alguma liberdade na casa; como o seu pae achando-se actualmente ausente, esse cujo, então aproveitando tal ensejo, desflora a menor de doze annos: a mãe da victima sendo sabedora do que havia, quiz leval-o a policia; elle então ameaça a essa infeliz mãe dar-lhe bordoadas. Ella atemorizada por tal couza deixa-se levar a vontade desse infame. Pois Sr. Redactor, eu vos communico que, se até a semanna vindoura não tenha se dado providencia absolutamente alguma, eu então publicarei o nome dessa infeliz mãe e dessa victima.

A vizinhança.

A TOCHA

Nous persisterons jusque les derniers...

ANNO I

Maranhão, 19 de Outubro de 1911

N. 49

O Sultão E As quarenta Damas O reinado da Prostituição

Quantas infelizes em tão curto espaço foram vencidas, que noventa e quatro a penas fazem as delicias do «serralho»!

Atravez do silencio da noite, que suplicas, que exclamações, as correntes crystalinas do rival do lamento não recebe em seu seio? Mães amaldiçoando o seductor de sua querida filha, choram a honra perdida.

Sem honra e na miseria: sem honra e na miseria sim, porque, quando o enfado apparece, a me- queixa de um dos vis cunha- dos do «haren»... apobrezinha e posta na rua. A's suas costas le- ham-se para sempre as portas do «serralho...» Sem honra e sem honra!

Novas victimas vêm preencher seu logar e no furor de satisfazer os seus instinctos cada vez mais sedentos de luxuria, dessa luxuria animal, que vence e impossibilita o homem do verdadeiro gozo; que importa seja sua filha ou sobrinha a victima immo- da?

Al!... Tudo com o tempo, como diz D. Jayme, desfinha, mur- na e tomba, desde as flôres do enio, desde o corpo ao espirito». Mas, aquelle corpo que se vaci- ebrando ao peso dos annos e que- lle espirito combatendo pelos- cios, não desfinha, nem tomba. ni está e a custa do «moléque- co», de certo Pharmaceutico e uma das principaes ruas des- cidade, de dia para dia atira ao- ostibulo immundo da prosti- tução mais uma victima, da sua- ecção forçada ás caladas da noi- rosta.

Orphã de pae e mãe, a titulo de amparo, D. Sultão levou-a, como as outras irmãs á sua com- paulha.

Erta ainda impuberes quando o primeiro golpe do infortunio al- vejan-lhes. Foi quando a morte inexhoravel roubou lhes o pae querido. Como nos lembramos bem desse dia triste. A's lagri- mas da mãe estremosa, juntavam os seus sorrisos de creanças.

Quadro contristador! Cortava o coração as exclamações d'aquel- la desditosa senhora, que debru- çada por sobre o corpo inanima- do do marido estremoso, como que allucinada, não fazia mais nada senão se lastimar e chorar. Ininterrupta lagrimas orva- liam-lhe as faces, outrora ani- madas e cheias de vida, e agora inanimadas e pallida, pela dôr que de momento a momento corroia-lhe a vida.

Cresciam as meninas que ti- nham ainda as caricias d'aquella mãe affectuosa, que ao vel as chorava muitas vezes escondido pela certeza que tinha de que aquella pertinaz enfermidade que lhe minava a existencia em breve- as faria deixar sós e pequenas aos trambolhões do mundo.

Passavam-se os dias e cada vez mais o seu mal se aggrava. Uma manhã, triste manhã aquella, pe- las janellas um vento humido de chuva soprava de continuo. O sol, pelas carregadas nuvens que ame- çavam submergir a terra num turbilhão d'agua impectuo- so, não mostrava ainda o seu rosto.

A humidade tra manhã...

da e sem movimentos, a abrir de espaço a espaço os seus vitrios- olhos, como que a procura de uma conza que ainda queria ver pela ultima vez, aquella a oribun- da aguardava exalar o seu ultimo suspiro. Ao derredor do leito as filhas ajoelhadas e de mãosinhas cruzadas ao peito rogavam a Deus, nessa prece de amor e bndade que enaltecem o coração dos san- tos. E entre os soluços e exclame- mes das pobres meninas, finara-se aquella santa.

Nesse tempo, sem os fóros de «sultão» o modesto princepe, era uma coisa boa.

A tarde quando deixava a car- teira do gabinete imperial, ia ver as sobrinhas. Acariciava-as, cer- cava as de mimos, era-lhes qua- si que um pae estremoso.

Mas, atravez dessas bondades com as ques procurava captar a confiança dessas doces inexperi- entes creanças, transparecia um desejo irrefreado. Era o Diabo feito Ermitão, Tartufo com a tia- ra de Papa.

Elevado, por uns arranjos in- decentes com os representantes de certo estabelecimento bancario do Brazil, a Sultão daquelle «ha- ren», para lá conduziu as sobri- nhas e quando a occasião foi aza- da, zas... A mais velha de todas e a mais formosa, veio completar o numero sinistro de suas quaren- ta victimas e Abdul-Ami, cujo «haren» pelos liberaes da Tur- quia fôra cerceado, tem o seu emulo ás bancadas do Anil, de- onde as brizas fagueiras e embal- samadas ao passarem por nossos...

toria de moralidade do Maranhão, onde « moços bonitos » e dinheiros, acobertados com a capa de honestos e serios, passam por homens de bem.

FIM.

« A Tocha ».

« O »

Sangue!

Recebemos a seguinte carta que aqui publicamos para o pleno conhecimento do publico.

Eil-a:

Senhores d'« A Tocha »

Corre como certo que se realizará d'entre em pou os dias o empastellamento da typographia dessa folha, como tambem é certo o assassinato de um dos Redactores caso continue a tratar no caso da menina de 12 annos

Um amigo.

Querem sangue !

Ora que chalaça, que coiza engraçada !... Fallam em matar, assim tão friamente persuadidos talvez que temamos de ameaças enganam se redondamente, nós aqui não tememos de coiza alguma, e por isso não recuamos um só passo, uma só linha sequer da posição em que nós achamos. Ella é tão magnifica, é tão boa...

Querem sangue, pois sêja feita a vossa vontade, mande-nos em primeiro logar garrotear, para melhor effeito da « grande » obra « sinistra ».

Mas, temos fé em Deus, que tu vê, de havermos em primeiro que tudo, darmos um viva a « A Tocha » e a liberdade de imprensa.

Querem sangue !

Mãos à obra, e sem demora, pois o pago será ua de... da: « dente por dente, olho por olho », inda mais agora, que conhecemos a procedencia da ameaça

vivo, traçar o necrologico, são os nossos ardente votos, « Porque defeitos taes por mais que o diga. E' muito o que me résta inda a dizer ».

FITA RAPIDA

Da rua Grande a do Mocambo — « Moços » que provocam desordens — A nossa opinião.

Muita gente condemna o proceder do moço Antonio Trindade com relação ao barulho da noite de sábado em plena rua Grande, logo ao terminar a primeira função do cinema S. Luiz.

Nós, pelo contrario achamos que o senhor Trindade, apesar de não ser boa bisea, tem toda razão, porque não fez mais nem menos do que reagiu aquillo que lhe não convinha aturar uma vez que offendiam os seus brios de cavalheiro.

Tanto elle foi o provocado, que as moças usando a acção das « macambiras » e « piranhas », mandaram os seus namorados aggre-dir o moço quando se recolhia à sua residencia.

Já vê o publico que « A Tocha » não pode profligar o procedimen-to correcto do senhor Antonio Trindade: o que nos é devido condemnar é o modo aliaz, pouco serio dos cujas, que em vez de portarem se como manda o bons costumes sociaes, a boa civilização, vem para o meio da rua provocar desordens, perturbando o socêgo publico.

Eis o que pensamos e o que fica dito.

« O »

NUM BONDE

— Pare, pare... pare a gaita, bradava um passageiro, furioso. O bonde, por infelicidade, não tinha a trava da frente e lá se foi saculejando, cahindo, parár quasi a curva do trilho.

Não estava, como sempre, quasi bna num das bocas.

O passageiro se della

immediações do Hospital, o noivo entra e vae assistindo a noiva de beijos, em plena sala, alto dia e tudo isso sem o menor respeito ás pessoas que passam olhando ?

E sabes o que a noiva diz, fingindo-se assustada ?

— Não; o que diz ella ?

— Pois ouve: ella diz assim, cheia de denguiçes — Olhe gente passando da rua. Você não tem medo ?

— Qual gente, qual nada ! Elles não estão olhando para nós. Deixe eu vêr a boquinha...

— Isso não é nada, respondeu o passageiro. Engraçado é aquelle caso do apiador, que uma só moça foi desflorada por dois...

— Por dois ?

— Sim, por dois. Então duvidas ?

— Não, porque eu fui desflorada por tres.

— Como ?

— E' como lhe digo.

— Não comprehendo.

— Pois me vá explicar:

Supponha que o senhor fosse uma mulher...

— Isso é que não !

— E' uma comparação, Pois bem, Supponha, repito, que o senhor fosse uma mulher e que ainda possuísse os tres...

— Que tres ?

— A honra ! Ora, está ali o caso, dizia eu. Desde o momento que tinha os tres, julgava que podia francamente ser desflorada por tres individuos... e foi o que fiz ! Por isso não admira que essa moça só tenha dois « conquistadores ». Falta-lhe um. Eu tive tres conquistadores, e, para cada um offereci um... e o deradeiro é que me pagou o o atra-zado...

— Mas, quem foi o cujo ?

— Disseram que foi o quitanteiro, mais é enxaño — foi o barbeiro ! O quitandeiro então « namora » no intuito de salvar o barbeiro de ficar com a encrénca...

— E' uma boa idea essa ! E que idade tem a menina ?

— Treze annos, apenas.

— E como elles se aveem ?

— Um dá a casa e a roupa, e o outro dá somente a boia, para ter direito de comêr...

— E porque ella não fala com as donas da meza daquelle pagé... a dona, para...

abrança.

A TOCHA

—E' que ella não póde com a despeza.
 —E' tão caro assim?
 —Déz mil réis cada receita de pagelança...
 —E não deixam por menos?
 —Qual! Ellas acham até barato!
 —E sobre o negocio dos sabo-
 reites, você já viu como a coisa se desenvolveu?
 —E' exacto. Daqui a mais algumas semanas, o Martins e irmãos, não ganham mais dinheiro na fabrica. Na Currupira então, já não se lava. Ali para as bandas da Cadeia, tem umas quatro...
 —E na Fabril, estamos em observação com umas, cuja cabeça da encrenca, ganhou sessentas mil réis, para exploração e propagação da industria pela cidade.
 —Sessenta mil réis?
 —Sessenta mil réis, contadinhos.
 —E porque não vão para a rua Direita, começar a vida?
 —Não, lá na rua Direita, não é saboaria—é feitiçaria grossa, tanto assim que a cuja da meza, desafia o primeiro sujeito que ella botar os olhos, que não fique logo doido de dores de barriga ou de chula calcinada...
 —E' não assim?
 —Óra, pergunte ahi ao cocheiro se já não foi sua chula nalgum tempo!...
 —Adeus, Naiza, a conversa tá boa e eu tenho de saltar aqui.
 —Então, já se vai?
 —Não é outro.
 —O bonde párou no canto e o Baiacú escarlate saltou alijero para o chão, enquanto com o chapéo e a bengala atirava barratadas para a louca Siriboia.

Os burros.

«O»

PREVENÇÃO A TEMPO

No dia em que o asquerozo Baiacú encarnada, nos desfeitiar em publico como prometeram, nós ar-lhe-hemos um tiro na praça da publica desta terra.
 Aqui estamos seu Baiacú; e quando quizer, somos moços, não temos cargos de familia sobre os nossos hombros...

O RÔLO

—Você viu o rôlo entrar?
 —Que rôlo?
 —O rôlo que e

inha, perdão o rôlo que entrou na casa da chiquinha na rua de Sant'Anna.

—Não vi quando entrou, mas...
 —Então estava dormindo e o rôlo entrou a vontade.

—E' possível.
 —O rôlo entrou na casa-da chiquinha que é uma rapariga comportada, seria, boa, gostosa etc.
 —Mais porque?

—Porque a Salomé entendeu de vir á casa da chica tomar-lhe satisfação por causa da fabrica de sabão na baixinha, e no dixe, não dixe, você dixe eu não dixe, o rôlo entrou, chamando a curiosidade do povo que logo se agglomerou fazendo aquillo do costume.

—E aguarda civil?
 —A guarda civil, esteve presente mas teve medo do rôlo.

—O povo deu vaias estrondozas na Salomé que andou pulando muro da vizinhança, para escapar ás vaias da enorme massa popular que estacionava em frente á casa da chiquinha que toda nervosa, e já com o rôlo dentro, de casa pedia, «carma! carma! carma! povo elle ja foi».

—Quem apartou o rôlo foi Antonio cá de casa, que se vio no aperto entre o enorme rôlo; e foi pela conveniencia...

—Quem mais esteve lá, d'«A Tocha»?

—O terrivel typographo que só retirou-se do local quando o rôlo sahio...

—Mas afinal o povo?

—O povo deu vaias na Salomé pula muro que para poder retirar se foi preciso esperar o povo despersar-se, isto ás dez hora da noite de segunda-feira.

—Mas, para você vêr como anda desesperado na rua de Sant'Anna, e bem perto cá de casa...

—E' preciso cuidado com a historia, haja a vista aquelle case da rua do Mocambo em que as mocças, fizeram rôlo mandando os namorados perseguir o Antonio Trindade.

—Bom, terminemos com essa historia de rôlo que só pode servir para o typographo que aqui trabalha a noite, e que gosta de vêr, e pegar rôlos de todos os tamanhos e de todas as grandezas.

—Que

—Calma! que não vem nada.
 —P'ra lá mandado!

«O»

NA RUA GRANDE

—De quem é isso menina?
 —Ieso o que?
 —Isso aqui, olha, vê?
 —Ai! Ai! que coiza feia... Meu Deus!

—Que é?
 —Esconda ja, seu!... olhe lá isso, seu, seu!...

—Sempre, isso aqui...
 —Limpe, isso aqui na minha mão, que é melhor.

Neste momento chega a mãe da bella.

—Esta muito bonito!
 A luz apaga, tudo em trevas!

«O»

ESCARRANDO NA FUÇA

A alma de escarradeira do mulambo sujo e esfarrapado que ditou aquellas obscenidades que tão indignamente nos mandaram de mimo, é filho, talvez, de alguma cadelia pirenta, que viva ganino á mingua de um osso para alimentar os cães vagabundos e nauseantes que ladram aos transeuntes.

O leitor que nos perdôe a linguagem, mas para chatins da espnora baixa do typb morphetico que praticou tamanha audacia, ella é a unica admissivel para expurgar-lhe as chagas escarnadas, cheia de varigeira.

Ja não é a primeira vez que esse patife abandonado, esse bandido reles «escreve» obscenidades acompanhadas de caricaturas immoraes, offerecendo á pessoas mais caras de nossas familias, que estão muito a cima de igualar-se á lesmas que vivem enroscadas a gosma verdejante das sarjêtas immundas.

Prelirimos estar em contacto com o cano de esgôto mais fedorento, mais immundo, do que viver em companhia de ladrões da honra alheia que só podem ter valia nos alcouces da syphilis da prostituição nojenta.

Maldicto ventre que consebeu feto tão immundo, e que durante nove meses deu Lorrôs horríveis para supportar o escôccamento do irracional bravo...

Vão trabalhar os vagabundos

O PAU DO DIVINO

O mundo está virado, e bem virado, não há para onde appealar.

Maio, o mez rizonho e florido já de há muito se foi, saudozo e melancholico, e, no entanto ainda se festeja a sagrada pomba encarnada em Divino Espirito Santo, trepada num grandiozo pau, fincado sobre a terra...

No domingo fomos surpreendidos quando ouvimos uns batiques de caxas acompanhados de vozes dissonantes.

Ficamos devéras surprezos, e perguntamos a alguém que é muito crente o que significava aquella coiza, obtendo a seguinte resposta:

— E' uma missa em louvor aqué da do pau do Senhor Divino Espirito Santo!

Ficamos para não viver ante as palavras do crente que batia no coração durante a passagem da Pomba sacrada!

Bemdicto pau que até caindo lhe fazem festas acompanhada de missas!

E cahiu para sempre o pau do Senhor Divino...

Que pau! mas, que, o Pau do Divino!

-----*0*-----

Aquelle namoro da rua da Casca já é um escandalo, já passa de alta immoralidade.

Não sabemos porque aquella casa tão baixa, tão fresca, se fecha ás 11 horas da noite, e quando pela madrugada, é logo aberta, para as primeiras barrêtas amorozas.

E' bom ter mais ordem e mais calma no desenrolar das fitas amorozas.

Namorar assim, porque? que vantagem pôde tirar uma moça namorando até horas mortas da noite...

Qual será o fim d'esta encrenca amorosa?

A Tocha aqui está para atochar o resultado...

-----*0*-----

— Não metta assim, seu péco.

Ai...

Porque motivo o chrysostomo quando anda requebra o quadril?

— Para fazer real me.

— Naturalmente tem san'ades do Mesquita, aquelle celeberrimo quintal do semanario de S. Antonio!!

— Siiiiiii.... não.



Aquelle moço empregado do commercio deve ter outro comportamento quando entrar na casa de sua « bella », pois defronte mora familias, que não podem ficar a mercê de cinemas livres e escandalozos.

-----*0*-----

Então o homem faz qu stão de metter o... dêdo no anel das raparigas

— Eu não xabe, quem dixei foi a Anna Paula, que jurou que o anel d'ella só já servio para o... dêdo de um hespanhol no Pará assim mesmo porque o cujo é... uriv s.

A minas gáraes disse que o anel d'ella é muito desejado, porém que não ha dêdo que caiba, dividido a enormidade do cujo.

Naiza, pulou de raiva quando o sujeito lhe fallou em conquistar-lhe o anel, dizendo: não, você não vê logo, seu peste que eu vou lhe dar o meu anel, que para mim tem tanto valor, ora, qual este nem o Paulino da rua grande comprará.

E o sujeito entrou na casa da Laura; por lá diz-m que adquiriu um por preço modico, á bom gosto, de forma regular, entrando lho no cêdo com facilidade e jeito...



ALVIÇARAS

Consta-nos que o Congresso Maranhense de lètras, duvidando da capacidade moral e intellectu al do chrysostomo...

...igo sa...

...ia di...

não sabe o que seja entre vocabulos, substantivos, adjectivos e pronomes.

Bôa idê; a sua antiga profissão o espera de braços aberto...

-----*0*-----

— Pá, pá, pá.

— Qu m é?

— Sou eu.

— Eu quem?

— Baiacú encarnado.

— Cruz diado! va levar o anel la rapariga que você metteu no seu dêdo, quando ellá dormia.

— Ora. abre... abre...

— Você está doido, vá para intendencia.

— Eu já vou... eu já vou...

— Pode ir, que aqui você não aranja meu anel.

E, o baiacú sahiu todo rebolando, em direção à Avenida Maranhense...

-----*0*-----

O caso da menina de 12 annos, vai entrar na Berlinda, o pae da victima, ante os nossos conselhos rezolveu pessoalmente, procurar quem lhe possa fazer justiça.

Faz muito bem!



— Então a coiza está perto...

— Que coiza?

— A feitiçaria, que vem do alto e entra nos baixos.

— De quem?

— Da velha.

— Xiiiiii...

— Cuidado que a coiza está pegando...

-----*0*-----

O Paulo da um tiro!

— E' verdade?

— São historias, não vá atraz delle.

— Dens me livre! Atraz delle anda o Bem...

...do tua...

...os

A TOCHA

Nous persisterons jusque les derniers...

ANNO I

Maranhão, 23 de Novembro de 1911

N. 59

Commentarios



O artista no Maranhão não tem valor; o artista aqui nesta terra vive taciturno, cheio de somnolencia, de lithargia sem nenhum vislumbre de claridade para clarear da aurora da verdade; lhe indique o caminho mais acertado, mais claro, offerecendo-lhe melhores dias de progresso e de garantias.

O operario no Maranhão vive escravizado!

O operario soffre porque quer soffrer, a culpa é delle. que não procura congregar-se, para, unido-se, formar uma extraordinaria corrente de reacção, cujo fortalecimento seja o amparo de todas as classes num só nucleo, defundidas numa idéa.

O «Centro» não se move; não inicia uma serie de conferencias; não publica o jornal; não faz nada, absolutamente nada...

Quando aqui tratamos de crise miseranda que actualmente afflige a arte dos sapateiros, houve, quem, d'entre elles, abrisse a bocca e contra nós proferisse baldões de aspidades, em chamar-

nos de «bestas, incompetentes» e que por isso não «merecemos a mais pequena das respostas.

Triste coiza é o orgulho, principalmente quando elle parte de individuos prezumidos!

Filodemio diz que «de todos os orgulhosos, o mais insupportavel é o que se julga saber tudo», E' o que se dá com alguns membros do Centro, que só vivem do orgulho e para o orgulho, mas que, não no sabem ter para o engrandecimento da classe.

Tiveram orgulho para dizer que nós «não sabemos o que dizem», mas não no tem para o bem da classe.

Ora bolas! O que tem o etc. com as calças,

Se julgam saber tudo, e não sabem nada; essa é que é a triste realidade!

Trabalhem pela bem dos artistas e operarios; esforcem-se pela união das classes; trabalhem com perseverança e amor, e então Seuhores, tereis prestado o maior dos serviços á cauza santa da liberdade operaria do Maranhão.

Dizer que o «Centro» não vive de braços cruzados, sem, nem sequer se corresponder com as demais sociedades operarias, só é um acto de inconsciência a nossa parte; seria trahir a nossa boa fé; seria insultar o passado glorioso do antigo centio, cujas tradições attestam o grão de adiantamento em que ia a classe operaria aqui nesta terra!

A instrução operaria só pode praproduzir effeitos maravilhosos por meios de conferencias,

Antonio Luz é dessa opinião. Em São Paulo, o operariado é respeitado e acatado, porque soube unir-se; mas essa união foi provocada por um grupo que por meio de manifestos, soube imprimir no espirito dos operarios a necessidade da união das classes.

As conferencias são de grande utilidade, basta que seja o meio pratico de instruir-se o artista.

Mas isso não fará o «Centro», enquanto minar no cerebro de muitos delles a preumpção, que em vez de onobrecer achata

E' uma bolha de sabão no ar, ou aliaz, um balão que subindo até certa altura, pega fogo d'uma banda só...

Assim como o balão, é o orgulho de muitos...

ZÉBIAS.

--o--o--o--o--o--o--

«A TOCHA» NO BECCO

DO COUTO

Mães carinhosas, cuidado com as vossas filhas, não deixem que ellas se dirijam ao Becco do Couto!

Cuidado com o palicete dos dois capitalistas!

Ali é um alcouce!

O cynismo dos tratantes tem ali o seu orgulho sedente de prostituição!

Elles tem dinheiro, mas não importará nunca, porque o outro não compra honra, pelo contrario corrompe!

São dois patifes, cada qual

A TOCHA

mais cynico e bandalho!

O que dizemos aqui é a verdade, pois quem nos informou, é pessoa que nos merece inteira confiança.

Um d'os tratantes, ha tempos prostituiu uma menina, por um pouco de dinheiro comprou certo jornalista cearense, director de certo jornal, para não commentar o caso!

Cuidado!

Havemos de gritar bem alto, pouco embora, sejamos mortos!...



O QUE E' O QUE E'?

Que quanto mais se mexe mais cresce?

Qual é a couza que, quando entra no... sentido das mulheres, um pedaço fica dentro e outro fóra?

Que tem crôa, mas não é frade?

—O—O—«O»O—O—

CRIME PREMEDITADO

O QUE SERA'?

Corre boato, que conhecido e estimado moço, empregado n'uma das pharmacias d'esta capital, será assassinado, á mando de certo negociante, por questões amorozas,

O facinora contractado para levar a effeito a obra sinistra, tem por costume, prostar-se na rua de S. João canto com a da Paz.

«A Tocha» assim que, informada, seguiu para illuminar o local.

Domingo promenores!



SERA' CERTO?

Que o proprietario de um grande casa commercial, de liquidação, que de Lisboa, importou...

Será certo? E o que não dizem!

Domingo «A Tocha» traz da mocinha que recebeu um mimo. mas que, chegando em caza a senhora mãe d'ella mandou devolver o mesmo!

Tableau!

—«O»—

ALERTA! ALERTA!

O pessoal pagé das immedições do Sá Vianna, mudou-se para o Sitio Carvalho.

Frequentam assiduamente aquelle logar, grande numero de Senhoras cazadas que, segundo dizem, vão curar-se de enceneca, isto é, tirar bicho da barrega...

Olhem lá se é bicho ou se algum kisto... cabelludo?

Cuidado que «A Tocha» traz, Domingo noticias da enceneca!

—«C»—

PELA FABRIL

No proximo numero daremos o sumario de uma certa moça conhecida que faz enceneca com um tal seu doce, por detraz do engommador,

E de mais duas moças que fazendo certas bobices, foram pegadas pela gabineteira;

E de mais outras, que quando estão no salão, dizem: eu sou Naiza, tu és Minas Geraes, ella é Electrica!...

Domingo, leitores, Domingo!

—«O»—

BOQUET DE NOIVOS

Não era propriamente uma dessas noites carrancudas de inverno, em que se ouve ao longe reboar a tempestade e ziguezaguear nos ares, como serpentes indomaveis, o traço longo de fulminantes coriscos!

Era uma noite escura, sem estrelas, fria, mas não tempestuosa.

Certa vinvinha do balcão me tinha pedido uma entrevista. No «dernier cri» a palestrante ouvira dentro da alcova um...

um favor inesquecível, começando a chorar. Nunca me recordo que houvesse pronunciado uma phrase de bom humôr a uma creança que chorasse.

Deus te ajude!

Mas, entretanto, a viuva disse:—Entre.

Não fiz partir segunda ordem. Puz-me dentro, concebendo mil diabolicas sensações maliciosas, que pôde um cabeça... humana invocar em seu auxilio, em circumstancias identicas. Imaginem que tremôr e como não estava eu sequioso para ver na luz a vinvinha!

Uma vez ali, ella um pouco acanhada, mas muito condescendente para commigo, disse, offerecendo-me uma banda do leito em que amamentava o filhinho.

—Sente-se senhor.

Na verdade, corri a vista em redor da pequena salêta e não distingui uma cadeira sequer... premeditação talvez... mas estimei muito.

—Não repare... a mobilia emprestei-lhe hoje...

Eu comprehendí a «molestia». Também não fiz rogado... sentei-me logo... Ah! Só Deus sabia o que se passava commigo!

Após uma hora de apologia á sua virtude, ella rematou sorrindo:

—Meu marido, senhor, apesar da sua notavel decrepitude, para mim que ainda estou na flôr da adolescencia...

—Desculpe, mas que idade tinha seu marido?

—Montava já aos sessenta annos e eu apenas conclua o vigésimo oitavo...

—Bem.

—Mas sim; na noite de nossas nupcias, meu marido deu-me um boquet de haste tão grossa quanto rija, que ainda hoje eu pergunto a mim proprio, como foi que pude enfiar-o nos dedos para arranca-lhe o pequenino laço de fita azul e depô-lo com o estussimo proprio das noivas, no jarro destinado a esses objectos?...

O boquet, senhor, continuou ella, não era mais do que isto, mas lhe asseguro que quasi não cabia neste precioso vaso.

Eu, que tenho uma verdadeira horror aos berros das creanças, bemdisse todavia aquelle inno-

da curiosidade e pedi-lhe que m'a mostrasse novamente. Ella limitou-se a negar, mas como eu instasse duma forma captivante deixou que passasse um momento e trazendo occulto sob as mãos o objecto pedido, veio outra vez sentar-se no leito, ao meu lado, que estava ancioso por palpar a reliquia.

—E' como lhe digo, senhor: Meu marido, quando nessa noite de infinitos prazeres, entregou-me a sua alma, seu coração, seu destino, seu boquet, unico objecto material, murmurou quasi somnabulo:

—Olha, escuta: este ramo que te pertencerá d'ora avante, guarda-o talisman da minha vida! Quando de todo murchar, morrerei sem duvida! E por isso, por coisa alguma deste mundo, elle abandonava ou deixava no esquecimento este vaso.

Todos os santos dias, mudava de agua, limpava-o bem e tornava a collocar o ramillete do noivado.... Note bem, que nós já tínhamos tres annos de casados e nunca, uma só vez que me lembre, elle obstinou-se de limpá-lo. De abril-o, miral-o e remiral-o, extasiado, sempre o mesmo, como se nunca o houvesse visto ou retocado! Era uma perola aquelle homem! Eu, por meu turno, habituara-me a vê-lo, admirando o vaso, unico dote que meus paes offereceram-me da sua pobreza e não desgostava de mais essa prova de amor. A's vezes quedava-me absorta, hora inteira, a fitá-lo, pensando como é que um homem chega a amar tanto e se comprazer diante dum objecto pobre desta natureza, sem arte, sem poesia e já tão usado! Uma occasião, após o seu habito de examinal-o, e a sua vontade, em todos os pontos de vista, contar todas as flores, petalas por petalas, elle estremeceu e eu, que estava deitado, neste mesmo leito, de instante a minha te fechando levemente os olhos, numa especie de nostalgia profunda, notei-lhe o estremecimento. Elle olhando-me de frente, disse com certo accento apertalhado: —Para que já não me trouxesses flores brancas.

—Pudera! respondi eu, lo com mais natural; embora não pusesse de todo olhar o vaso, só de dormiente que me sentia.

—Pudera, como? explique-se, perguntou elle interessado.

Continua.



No proximo numero de domingo trataremos do caso da cosinheira que recebeu 20\$000 para envenenar conhecido e respeitavel cidadão residente na rua Grande.

O mandante do crime é um tal de Silva, conhecido por Pão baliza, o mesmo que segundo dizem premeditara o assassinato de distincto moço empregado em certa pharmacia.

Toda essa questão è motivada por coizas de Cupido...

Domingo! Domingo!

Consta-nos que embarcou hontem com destino ao Pará o indviduo conhecido por Pão baliza, que criminozamente mandou envenenar o pai de certa senhorita.

Domingo! Domingo!

O que "A Tocha" traz

Leitor, «A Tocha» traz hoje, a carta que a criada, dirigiu ao patrão.

Publicamos conforme nos foi dirigida:
Eil-a.

Meu Benzinho do coração...

Desde hontem pella tarde que senti em ti uma especie de zanga comtigo, quando pella manhã disseste-me que é para eu ir no lugar... muito apertado... este teu dizer, então já vês que eu nunca irei porque gente na rua não cessa todo dia toda noite e a qualquer hora, o pessoal equi-

não me mandam apenas oigo ordens aqui de uma e de um que és tu, pois como sabes foi hontem um dia farto e o pessoal tranzitava muito para o cemiterio e com isso tornava-se ruim para entrarmos ou sairmos ainda mais se por exemplo se demorassemos não é exato? não imaginas tu quanto fiquei aborrecida hontem, desculpa a tua amante.

Theodorica.

Vejam só como doriquinha estava apaixonada pelo patrão!

Olhem, que ella ama o cujo! porem, não quer que ninguém saiba, como elle tambem...

Ai! Jesus! que coiza gostosa é o meu patrão!

Tudo isso dizia ella, na ausencia da patrão!

OUTRA CARTA DA FABRIL

Minha querida amiga Agustinha!

Elevada por uma paixão violenta é que fáz eu lançar a mão na minha triste e magoada apreciosa existencia para te pedir que não te aborrecas por eu estar brincando com D. Julietta, eu não estava fazendo aquilo por macha vilismo; pois tu não mereces tál coizas se eu fiz foi simplesmente como uma brincadeira.

Caso foi agravo e se abalou o teu amavel coração perdôa-me! Sim? De horas em diante juro-te como tu me tornarei outra, e os meus brinquedos agora serão de outras formas.

Eu bem sei que tu tens razão. Minha filhinha que me perdôe, eu te granto que se não fásse me lembrar que eu estava em um lugar publico, tinha feito um papel em mundo tinha derramado muitas lagrimas desde a hora que eu conheci que estavas mal comtigo se nós estivessemos em outro lugar tinha ido lá acarinhar emboim... os pés era meu gosto de te receberei tudo no mais aceita um coração cheio de saudades e muitas desta que sempre será tua amiga (Responde) A. Santos.

O NERVO

Dizem que a carne crúa é um alimento supimpa, e que a pessoa que se acostumar á ella não a deixa com facilidade.

—Eu que o diga—disse Naiza—sou capaz de sahir de caza dez vezes por dia, só para procurar carne! Sou exigente, só quero carne nova, mas que não seja molle... O vicio da carne é como o do tabaco: não farta!

Eu tenho vicio da carne fresca...

—Porém, vizinha, eu gosto mais do nervo!

Elle tem sustancia; como o osso, o nervo tem tutano.

Prefiro um bom mocotó ao melhor bife.

Quanto mais duro o nervo, mais sustancial é elle.

—Cada um come o que gosta! disse a «normalista».

Porém, os nervos, affirma-se são melhores para as mulheres do que para os homens, entre tanto também ha homens que dão o... cavaquinho pelo nervo...

—Ainda bem que dizes; depois que me casei, acostumada ao bom nervo engordei por esta forma, ves minha barriga?

—E' verdade... que bom nervo, realmente.

—Como não ha de ser assim, uma vez que o nervo que eu comi foi o mesmo que o pharmaeutico fez «sopa» para a filha da viuva...

—Cala a bocca!... cala a bocca e deixa ella participar também do nervo...

EMBIRRAMOS

Com a construção da nossa Estrada de ferro.

Com o namoro do guarda civil.

Com os escandalo da Antoninha na rua das Hortas.

Com certa empregada de fabrica, por viver debochando dos mais.

Com os negociantes capitalistas do palacete do becco do Couto.

Com certa velha «manguda» da Praia de Sto. Antonio que vive rezando nas portas das vizinhas.

O EMBIRRAMO

PAGELANÇA EM

LIMPOS PRATOS



Mais uma refinada pagê acaba de surgir na nossa «rea» pintando o «bode» com nove cores! Livra pessoal!...

—Dizem-nos, afirmativamente, que mora na Rua «Jacintho Maia», uma tal de «Roza Murcha», que se diz perita na arte satânica, da «Maria Pandulha»:—e mais, sei alta, magra, cor de «melancia empantorrada», ter o rosto comprido como um facão, nariz aquilino, olhos fundos; e por fim ser a copia fiel de uma segonha chioça.

Essa tipa, segunda afirma alguem, jurou e levou a efeito, acabar lentamente com a vida de uma sua tia, com madre e mãe de criação, sua e de seus filhos!

Para tal, ella juntou-se com umas suas amigas e vizinhas, que segundo nos parece, são ainda melhores na arte do que ella propria; e zás, mãos a obra:—começaram a presentear a sua vitima com frutas e outras iguarias, até que viram satisfeitos os seus instintos perversos, nojentos e horripilantes!

Quantos espiritos perversos, nojentos e atrazados ainda temos neste vale de lágrimas, onde a vingança e a inveja predominam sem competidor.

—Ainda que murcha, a ta roza é um perigo; quanto mais se ella fosse viçosa e aromati-

zada! Sufi! — que então não haveria uma só pessoa que não fosse victima de suas terríveis experiencias malignas!

Livrem-se della leitores, que dizem ser roza, porém, sofrer perseguições de umas outras flores... brancas!

—Sae segonha chioça, vae carar a tua... perna! Cruz indemoninhada; tu deves é ir fazer parrelha com aquella outra gotona que modou-se dessa rua para a da cruz.

No proximo numero daremos noticia mais detalhada, isto conforme as prometidas.

Traz-Zaz-Nó-Cégo.



PELA MORAL

Nada mais sagrado, mais precioso, mais elevado do que seja o peito e o amor á couza santa moral.

Mas, entre nós ella vai diminuindo dia a dia, sem o menor gesto de repressão da parte de quem tem o direito de zelar pelo seu bem.

A rua das Hortas tem a theatro de scenas tristes muito concorrem para o predescredito social,

Uma tipa que acóde ao nome de Antoninha, entende que ali campo mais vastos que lhe concede espaço para esbocejar a moral, tanto assim é que, todas as vezes que quer insultar a outra conhecida por nominal, pula para o meio da rua e peja a... coiza, profetizando, os mais immoraes, obrigando as familias lechadas ás janellas.

Na ultima «tourada», ella chegou ao auge do deboche: levou a saia e mostrou aquillo que os frades não gostam de ver, amor da fé...

E' costume d'ella, pois a nós lembramos da carreira ella deu na Elietrica...

A guarda civil, nada... Só parece que estão nos saios,

A TOCHA

Nous persisterons jusque les derniers...

ANNO I

Maranhão, 26 de Novembro de 1911

N. 60

Commentarios

A vida de São Luiz offerece pouco assumptos de interesse ao rabiscador d'esta secção.

Passam-se dias e dias sem que se dê um facto em nossa vida social que mereça registro e commentario, muito embora o veneno seja o amparo á ambição de certo individuo, que tem vontade de cazar-se com mocinhas de dinheiro e de elevada posição social.

Mas, eu, como não gosto de apreciar esses factos que não são mais do que uma fraqueza, ou, talvez, uma loucura, ou, mais ainda uma febre pelo dinheiro, passo adiante...

Mas, como já dizendo.

Diante dessa dificuldade, isto é, a falta de assumptos, o rabiscador arrepiá carreira e vai á procura do céu, da brisa, do luar, mergulha no seio da natureza generosa, os seus olhos curiosos e arranca de lá um assumpto para encher trez tiras de papel que tem de entregar duas vezes por semana á «A Tocha».

Mas o que elle vê e commenta já foi visto e apreciado por todos, porque n'uma terra onde a cidade não tem encantos e novidades, todos tem tempo de olhar para o céu e para todas as couzas de Natureza.

Seria até melhor criar-se uma secção para o registro do Temporal.

Ahi então se poderia dizer: O meu estêve delizioso todos estes

dias, azul de lado a lado, de um azul doce á vista; o sol glorioso derramando a sua luz doirada sobre o mar, as noites frescas e estrelladas, cheias de poesias, de encantos, de mysterios etc, etc.

Se podessemos tratar da moda...

Sempre é um assumpto interessante...

S. Ex^a. a Moda é realmente um bom assumpto.

Mas, não convem commental-o, uma vez que ella já passa fóra do seu «eu», isto é, da sua naturalidade, que por isso deixa de ser bello.

O caracter da moda está em o bello.

A moda, entre nós, é ás vezes incitante; tem mocinhas que se trajando no rigorismo dos figurinos, mostram em publica todas as formas do corpo...

Basta, não devemos mais dizer nada...

E aqui termino os meus rabiscos, antes que me apareça alguma d'ellas a incitar-me os nervos...

ZÉBIAS.

ECHOS

O Pão Baliza é o homem do dia, e por isso mesmo não deixa de ser o assumpto preterido em todas as rodas, da mais alta a mais baixa.

Esse homem eu o qualifico de um bandido, mais um bandido audacioso e petulante!

Esse typo asqueroso que vai corrido da terra Maranhense é negação do genero humano!

E' o humano por que está revestido das feições e formas humanas, porem, é mais baixo, é mais irracional do que o próprio irracional. O racional mata porque não pensa, ao contrario do Pão Baliza que tendo raciocinio para pensar, procede de um modo tão baixo tão nojento, tão horripilante!

Esse homem mata se for possível, por cauza do dinheiro!...

Esse homem,—se é que possa ter esse qualificativo—é um ambicioso, e essa malfadada ambição o levou a mandar envenenar um homem util á familia, á sociedade e a sua patria.

Bandido! vai-te que á terra Maranhense não pode mais tolerar as tuas façanhas.

Palmerio Leiró.

Em tempo—Maus ventos o leve, portanto.

Addendo—Para o bem e o socorro da sociedade, porem,

Eu mesmo.

Os cinemas

S. Luiz—Muito concorrido tem estado o São Luiz. As fitas tem agradado muito.

O programma de hoje está de primeira ordem.

Todos ao São Luiz!

Ideal—Vai indo regularmente, exhibindo magnificas fitas, tendo a casa cheia.

A orchestra boa, excellentemente boa.

Crime que falha

Na alta sociedade—Porque o pão baliza mandou envenenar—A cozinheira confessa que recebeu vinte mil reis—O amor... pelo dinheiro—Arsenio Lupin,

Já está no dominio publico o caso triste que tanto indignou a população d'esta terra.

Já todos têm em conhecimento o movel do attentado inominavel que seria victima um maranhense distincto, se não fora a lealdade da cozinheira que recebeu de um tal Pão baliza, aquantia de vinte mil réis para envenenar o patrão, pae da sua ex-namorada que de ha muito o destesta, como um homem cynico, nojento, ignorante, ambicioso, canalha e patife!

De véz emquando é a sociedade d'esta terra sobressaltada pela audacia e petulancia de certos individuos, cuja, sentença unica para os seus crimes hediondos, de interesses inconfessaveis, deve ser a pena do linche!

O alicerce social vive em constantes e terriveis abalos; o lar da familia agonizante, e na rua, em plena praça publica os bandidos e ladrões da honra e do socego familiar, vivem tramando crimes horrorozos para satisfazer-lhes os interesses ambiciosos, interesses, cuja cubica unica é a vontade de ter dinheiro, o famigerado dinheiro!

Pão baliza, o ente pervertido é o protagonista desta scena triste, que envolve no seu bôjo tetrico uma familia distinta; familia acatada, immaculada, respeitada por todos.

Maldicta e sinistra hora em que essa pomba agoireira pouzou no lar, onde dorme a virgindade pura e casta, onde repouza a velhice, onde a energia de um homem vive na atividade incessante do trabalho honrado!

Maldicto seja para todo o sempre esse ente degenerado e im-

mundo que não só tentou desgraçar uma familia, como tambem manchou a reputação honroza de uma colonia inteira que aqui vive no labor do trabalho honrado.

Falhou o teu crime, Urbino de Freitas 2º; falhou para sempre a tua pretensão asquerosa, os teus desejos satanicos de conseguires por meio do envenenamento, a morte de um homem que desfez os teus planos amorozos pelo interesse da fortuna albeia que tu cubicas...

Tú, nunca soubeste o que foi amor, o teu coração vive tragado pelo fél da inveja, a tua alma delucinada pelo ouro!

E's uma fera!

Que typo immundo és tú!

Vês, que alma pequenina e taticurna é a tua!

Que moral baixa tu tens!

Que cynismo horripilante o teu!

Mizeria das mizerias!

Quizeste assassinar pelo veneno um homem honrado, um pai estremozado, um filho exemplar, a alegria de um lar abençoado, daquelle lar, que nunca jamais foi malulado, e que tu, Arsenio Lupin, tentaste cobrir de lucto, entre lagrimas e desesperos!

Olha, o teu crime é grande! Tu quizeste sacrificar uma mulher velha, offerecendo-lhe dinheiro para que ella levasse a effeito o crime que a mandaste praticar.

Mas ella, aquella mulher santa e pura, soube ser leal, e essa lealdade para com o seu patrão a fez ficar mais querida, enquanto tu, alma negra, correras por toda parte acossado pelo remorso!

Agora, manda-nos aggreddir, ou empastellar a nossa typographia,

que saberemos cumprir com os nossos deveres.

N. R.— Na primeira pagina—Echos—onde se lê—« O racional mata porque não pensa », leia-se o irracional mata porque não pensa etc.

Descuido da revisão !...

QUEM É O FILIZARDO ?

SERA' A LCTERIA ?

ALERTA POVO !

Dizem as linguas más que o filizardo do bilheite da agencia do Senhor Antonio Faria está ainda por nascer; ou aliaz, no caso de muita curiosidade publica, inventar-se ha.... a bem do racha « A Tocha » está acéza, illuminando a agencia, e dirá tudo: tim-tim por tim-tim,



PELA FABRIL

(Um sabbado)

—Ora, Mundica, vamos formar um brinquedo emquanto não apita cinco horas ?

—Vamos; qual é ?

—Um baralho medonho, por exemplo...

—Como ?

—Assim:—eu sou Siriboia, tu és Minas Geraes. fulana é á Sete palmas, cicrana é Sete lascas, beltrana é Sete tostão e assim successivamente, contanto, quem for apparecendo para o brinquedo, irá respectivamente representando—Electrica, G. de bomba, Canna-torta, Vence tudo, Pão leve, Fila nickel, Vara-grossa, Bole-bem, Dengoza, Macaquinha, Bolacha fôfa, Fome-negra, Palmo e meio, Cajú murcho, Chupa-ovo, Antoninha Cangurú, etc, etc.

—Sim. Mas com que fim irá se formar esse brinquedo ?

—Para pegarmos em flagrante a saboneteira do gabinete.

—Feito, feito. Chama as companheiras e vamos depressa...

—Vamos

E mais de vinte donzellinhas sahiram a correr para os lados do « gabinete ».

PELO CAMINHO GRANDE

— Espere, môço, deixe-me ir embora!

— Tem paciência, meu bem, anda mais devagar...

— Mas é que já apitou a fábrica e com pouca fecho-se o ponto...

— Eu pago o dia, vamos...

— Não quero.

— Porque, meu doce?

— Não sou seu doce...

— Mas és o meu amor.

— Também não sou!

— Queres ser minha esposa?

— Chiba!...

— Porque?

— Espere, môço, deixe-me ir embora...

— Mas...

— Não quero saber de nada, espere...

— Então não respondes?

— Vá tratar de sua esposa que o senhor mandou para o sítio!

— Quem te disse que sou casado?

— Eu que sei...

— Não importa.

— Você não vê logo...

— Mas eu ganho o bastante para susteniar ambas...

— Não creio que um empregado da Ferro Carril como você, ganhe mundos e fundos para us...

— Ganho sim.

— Eu não tenho nada com isso, ouviu? Quero mesmo estar trabalhando aqui na fábrica...

E assim, todos os dias ás seis da manhã estes dois «namorados» descem, Caminho Grande, abaixo, no melhor dos... escandalos.

— Ah! é que está o gaio. Ella a Miloca, uma vez que os apanha engaiolados dentro de casa, esconde-lhe aquelle que justamente bate no bolso os «cum quibus»...

— E os outros?

— Azulam pela porta a fóra, porque infelizmente para elles não lhes falou aquillo com que se manda vêr os melões...

— Mas, será certo isso?

— E' o que nós vamos capacitar, principando de espionar o pombal da Miloca...

MEIA NOITE

— Bá, bá, bá... Marmellada... bá, bá, bà... Marmella, marmellada...

— Quem bate no diabo dessa porta? perguntou soffoca a Rosa Moita.

— Sou eu, Marmellada, meu bem, sou eu... abra a porta.

— O que deseja?

— Quero falar contigo.

— Não tenho conversas nenhuma com ninguém... não abro... vá embora.

— Mas sou eu...

— Já disse que não abro e por isso é inutil.

E o conhecido commerciante da praia grande, sahio de cristahida.

Moralidade: Se assim que sahio do Cinema, tivesse procurado a casa da esposa, estava bem livre de... mal-melladas!



Chronica do papagaio

— Meu loiro, a que horas sae aquelle namorado, da casa da noiva, na Viração?

— A meia noite!

— E' cêdo.

— Eu tambem acho, porque já vi de lá sahir, uma hora, mais ou menos...

— E aquelle sapateiro que namora na mesma rua, já deu o sapato da namorada?

— Já sim. E agora é a mãe, que... tambem quer um...

Mas um só par de sapatos, De maneira que a filhinha Não desande em espalhafatos.

— E' grávida... a noticia.

— Grávida não se diz! Aqui se recorre, ás notas da musica: --grá-

— Gráve?

— Sim, gráve e não grávida.

— Não comprehendo.

— Porque?

— Porque noutro dia eu ouvi mamãe dizer que a minha irmã do meio (sem s-r a mais velha), estava literalmente grávida!

— Isso é conforme...

— Mas ella estava apenas doente... de kisto.

— E então? Não é o que lhe estou avizando?.... Oiga bem: quando a doença é de kisto, diz-se grávida, mais quando é mortal, se diz grave, isto é, porque está fatalmente incuravel!

— Pois eu pensei que grave e grávida, eram a mesma coisa, differença de pronuncia...

— Não, senhor, comprehenda bem: grávida, é quando está noiva, e grave é quando já casou, porquem quem casa, morre... para o mundo!

— Bem, agora comprehendi. Portanto, sobre este ou qualquer assumpto que seja de responsabilidade, devo dizer—Gráve!...

— Sim, senhor.

— Obrigado.

O papagaio.



PERGUNTA INNOCENTE

— Mas quem é Miloca?

— Não conheço.

— Nem eu.

— Mas porque me perguntaste isto?

— Porque andam dizendo que esta tal de Miloca sae a passeio e quando volta... Valha-nos N. S. das Encerencias!... Vem cheia até aos olhos...

— Cheia de que?

— Cheia de homens, que vêm rebocados para o tradicional «doce far niente».

— E não têm ciúmes?

«A TOCHA» NO CUTIM MIRIM

Chamamos a attenção do povo para o proximo numero d'«A Tocha» em que relataremos bandalheiras que se tem desenrolado no Cutim Mirim.

Apagelança campeia por ali, mas de um modo espartozó!

Dizem que o pessoal do Sítio Carvalho se corresponde com o do Cutim Mirim.

BOQUET DE NOIVOS

(Concussão)

—Do modo mais simples, meu querido! Pois então ignoras que o boquet dos noivos são de flores brancas por excellencia?

—Isso, sei eu; mas tinham um certo chiste arrôxeado!

—«Arrôxados» são todas ellas no vigôr da seiva, mas uma vez fóra do tronco, «o tempo que corrôe a pedra bruta, destrôe também os fructos da memoria»!

Ella, agora mais reclinada nos travesseiros, prosegue:

—Meu marido, uns tres dias antes de fallecer num tom compassivo e melancolico, arrancou do vaso o boquet já meio murcho e collocando fóra deste objecto da sua adoração, disse-me sorrindo:

—Carolina, o unico desgosto que me rala, é não poder levar commigo, quando morrer, este vaso precioso! E como talvez se estivesse despedindo para sempre, elle proprio por tres vezes tentou equilibrar dentro do jarro, sem todavia conseguir tel-o de pé, o talo já apodrecido e murcho do boquet, que apesar da quotidiana água que deitava para virifical o, por isso mesmo, quem sabe? a haste foi contrahindo-se, debilitando-se e já extremamente molle, lembrava, aos que olhassem, uma enorme raiz de jussareira, fiapada, cheia de limo, esquecida no fundo dum riacho.

—Vês? disse elle:—estou liquidado; a haste já se não aguenta mais de pé...prevejo a propheticia do talisman...breve serei um morto!

A viuva, num desses assomos de repassada saudade, com os olhos razos, de pranto, o rosto livido, as mãos apertadas contra os seios, o peito offegante, foi pouco a pouco derreando a cabeça para o fundo do leito e balbuciou, deixando roçar nas minhas mãos trementes, o sedoso objecto cubigado do marido:

—Pega...guarda o, pelo amor de Deus!

Causava dó vê-la assim naquella estado de torpôr e deixar esphacelar-se o precioso vaso que ella m'o confiava!

Para não soffrer damno algum ou quebrar-se de vez no chão, eu segurei-o com carinho e a seu

pedido ia apertando gradualmente entre os dedos, á proporção que ella se estirava, se estirava queixosa e soluçante, num estretecimento singular...

Quando pelo temôr ia desperal-a...despertei do pezadello.

XIN.

—O—O«O»—O—O—

Ciumes

A vara-grossa, visinha da vence-tudo, parece que não gosta muito da pão leve, por causa do grammophone.

O diabo do grafynote tem dado com o pão na...paciencia da vara-grossa.

Vence-tudo, debaixo daquella fleugma de Naiza começa desafiá-la a Vara-grossa, que só fica espiando por baixo da rotula, com medo de sahir á rua.

Serão ciumes?

Talvez.

Mas o certo, é que dizem que a vara-grossa dirige pilherias para a Vence tudo e a Vence tudo para a Vara-grossa, enquanto a pão leve, cantando a chula de «Siri-boia no Pará», vai calmamente tocando o grafynote, sem mudar de peças!



A JOGATINA

Segundo informações fidedignas, sabemos que a jogatina campeia desenfreadamente aqui nesta terra.

Pelas informações que obtivemos, ficamos inteirados de que em certa caza em frente a Fabril, existe uma jogatina infernal, tendo já, havido, prejuizo de dinheiro arrancado á bolça de paes de familias que tirando o pão da bocca de seus filhos, vão encher o pandulho de meia duzia de bandidos que pouco se estão incomodando com as desgraças dos mais.

Calculem os leitores que a jogatina, também, se nota entre as mulheres, principalmente, em certas empregadas da fabrika Canhamo que todos os dias vão jogar n'uma caza á rua de S. Pantalão em frente ao muro da fa-

brica S. Luiz, onde se vendem sabonetes.

Dizem que entre ellas tem corrido muito dinheiro e que por isso faltam ao serviço....

Tambem dizem que, ao depo da jogatina as «cujas fazem sabonetes marca moça que diariamte são postos á venda na mendicada casa,

Cuidado que «A Tocha» tra

—«O»—

Correio d' ATocha

Ill.^{mo} Senhor Redactor.

O fim d'esta tem em pedir-vos de chamardes a attenção de certa typa cazada rezidente na rua Affonso Penna, que tem o mal costume de dirigir pilherias as pessoas que não lh'a ligam a importância.

Se continuar pode contar que nós, os offendidos publicaremos o seu nome.

Os offendidos.

Senhor Ramos, a sua carta é um enigma...está difficil de comprehensão...

Naiza—No proximo numero publicaremos o teu bellissimo neto, dedicado ao Carvalho...

Frei—Está muito bom o seu discurso apesar de ser d'este tamanho...



Chamamos a attenção do camano que todos os dias vem na porta da fabrika Canhamo, não continue a beijar e a abraçar empregadas no meio da rua.

Isto não é serio! Quem quer praticar patifaria procura logar mais occulto.

Ora «zabra» seu carcamano Alandine...

A TOCHA

Nous persisterons jusque les derniers...

ANNO I |

Maranhão, 30 de Novembro de 1911

| N. 61

Mais crimes do

Pão Baliza

Vendedor espancado—As providencias tomadas—A razão d' « A Tocha »

O homem sinistro que attentou contra a vida de respeitavel cidadão maranhense, está irremediavelmente perdido no conceito publico.

Ninguém o liga; todos que o vê escarram de nôjo ante a perversidade e a maldade da sua alma!

Pois bem, esse typo, esse typo odiado, corrupto, impostor, não podendo vingar-se contra nós que estamos dispostos a reagir—á bala, espancou barbaramente o vendedor de jornal, Ricardo, rasgando os numeros d' « A Tocha ».

Esse homem está bem criminoso; merece cadeia para pagar com o remorso, a affronta que atirou ás faces da sociedade desta terra que não pode mais aturar as suas façanhas atrevidas.

Foi mais um crime que esse bandido praticou, ferindo a cabeça do menino Ricardo.

Agora duas palavras, apenas duas:

« A Tocha » foi o unico jornal que relatou o crime nefando que todos os maranhenses têm já em conhecimento; e sentimo-nos muitissimos felizes por termos comprido a risca a nossa missão.

E ainda ha entre nós esportos atrasadissimos que teem o cinismo de dizerem que nós, os denunciadores desses crimes, desassas immoralidades, uzamos de linguagem pornographica...

A critica deve ser livre, clara, e precisa.

Nós, aqui, escrevemos para o povo, com o fito de oriental-o.

Aqui não fazemos carreira jornalística e nem tão pouco reclamaes de literatura, mórmente n'esta epocha de « systhema », que todo gato e cachorro tem pretenção à literato.

Como medico que, com o seu bisturi, desagrega as purulencias do corpo humano, assim, nós, os criticos de combate, atacamos o mal onde elle rezidir, atirando para a luz do sol as podridões que se occultam nos antros criminozos, verdadeiros focos de vicios.

« A Tocha » não se apagará nunca pela nossa vontade, sejam quaes forem as consequencias funestas, havemos de gritar contra o mal.

Aqui não se injuria, não; aqui se diz a verdade.

Os tratantes hão de andar de rabinhos entre as pernas...

Commentarios



O Carvalho, por qualquer couza, e a qualquer pretexto, faz um monumental discurso e é um gostoso vel-o enthusiasnado repetir essas velharias, com a mesma sa-

tisfação com que nós praticamos um acto digno:

—« Que querem? Nasci para orador »—dis elle quando recebeu cumprimentos pelas peças oratorias que impinge aos seus resignados ouvintes.

Um dos assumptos predilectos dos seus discursos é o sexo feminino; e não ha banquete a que vá, onde não levante um brinde ao bello sexo, á mulher « essa estrellita de primeira grandeza, que allumia o destino do homem na senda fenebroza do povir »— como elle costuma dizer.

Ha pouco tempo fui com elle a um baile em caza de uma familia. Depois da ceia o Carvalho levanta-se e começou a fallar, e o orador cada vez mais enthusiasnado, vomitava desapiadadamente trechos desparatozos, que electrissavam o fragil sexo, como mais de uma vez disséra.

Mas, ou porque o discurso fosse longo ou por já serem muito conhecidas as imagens nelle empregadas, as victimas de tão tremenda caceteação, foram-se levantando, e com tanta insistencia, que o orador exasperado deu tremendo murro sobre a mesa e disse:

—Sou forçado a terminar, fazendo-vos sentir que desconheço a razão porque, sempre que nesta « conspicua » sociedade falo da mulher, todos os membros se levantam...

E o orador, jurou nunca mais fazer-se ouvir por semelhantes cavalgadas.

Para fechar:

--O Pão, baliza foi ou não?

ZÉBIAS,

EMPASTELLAMENTO

D' «A TOCHA»

Mais crimes do Pão Baliza—Zigomar—A nossa atitude—As autoridades—A guarda civil—Notas.

Tem visto o povo d'esta terra as façanhas de um bandido covarde e pusillanímico que já se vai tornando celebre pela peripecias dos seus planos anarchísticos no assaltar a bolça alheia.

Ha mais de uma semana, seguramente, que a familia maranhense vive com o lar agoniado temendo um assalto de Zigomar que, furejando dinheiro tentou envenenar um distincto chefe de familia, homem honrado, pelo facto aliaz digno de o ter corrido de casa, a bem da sua bolça que esse ente sujo, canalha e patife pretendia surripiar e ao depois bater a linda plumagem.

Esse covarde, essa pustula fe-dorenta, não deve ficar por mais dias aqui nesta terra; o povo maranhense acaba de ordenar a sua retirada, e nós nos encarregaremos disso, publicando na quinta-feira proxima a sua necrologia nojenta.

Pois bem; esse bandido mil vez superior ao Zigomar, premeditou um assalto a nossa propriedade, hontem á noite, para empastellar a typographia d'este jornal, que vigorosamente tem denunciado os seus crimes nefandos.

Logo, que, avizados por amigos nossos, resolvemos procurar as autoridades, sciificando-lhes o facto, para que nos poupasse o sacrificio de uma lucta sanguinolenta em defeza dos nossos direitos que não podem ser espezinhados pelas patas de um cavallo fogoço como é o Pão baliza Zigomar.

As autoridades tomaram as necessarias providencias mandando garantir a nossa propriedade por quatro guardas civis e praças de cavallaria.

Não pense a quadrilha ja muito conhecida, que obedece aos ascenos atrividos do Rocambole que nós ficamos com medo, não; o que procuramos evitar foi o de não alarmar e nem sobresaltar a vizinhança.

Agradecemos penhoradamente a boa vontade do digno e austero senhor delegado geral que criterioso e recto como é, e que sabendo fazer justiça, soube garantir a nossa propriedade, como

tambem a nossa vida, nos livrando ainda mais de sermos assassinos, em defeza propria, legitima, em bem do nosso direito.

Esse agradecimento se estende tambem ao distincto escrivão Julio Lobato que incançavel se mostrou para que as garantias fossem uma realidade.

Aos guardas civis tambem os nossos agradecimentos.

Agora duas palavra ao Zigomar; queremos lhe dar essa honra, pou o embora não a mereça. E' preciso que te retires d'esta terra, a sociedade exige a tua auzenzia, como nós tambem e o povo a desêjamos.

A terra maranhense, o berço do saber; a gloria do talento, patria de genios de primeira grandeza não te pode acolher no seio, porque tu, és o lodo da sargeta, ou aliaz um cano de esgoto!

Vae-te, bandido, se não queres sahir desta terra corrido á pau! Tu és um assassino! tu tentas matar um chefe de familia!

Nós já conhecemos os teus amigos, e não pensem elles que ficarão impunes, se na tua auzenzia nos fizerem qualquer desacato.

O que é d'elles está bem guardado...

Quem é o filizar-do?

O publico maranhense teria a grata satisfação de saber do Senhor Faria, agente de loterias entre nós, aquem pertence o bilhete sorteado.

Nós temos mesmo interesse de saber p'ra esclarecer o publico da verdade.

E' bom deixar de posição dubia e fazer luz no caso; é muito melhor assim...

O publico é que não pode estar sendo explorado e nem tão pouco illudido com sortês grandes que não são mais do que sonhos de grandezas, que se disfazem em «pouca sorte».

Nós não podemos nos conformar com esses engodos ao publico que já está cansado de ser explorado.

Apreciamos as couzas serias,

como tambem applaudimos os homens que teem procedimento recto, digno e altivo.

Vamos Senhor Faria, diga a verdade!

Seja franco!

S. S. pode ser um naufrago, mas pode encontrar a tabua da salvação: dizendo a verdade!

Agora, o Senhor Faria pode mandar nos chicotear, como prometteu, caso tratassemos no caso do bilhete.

Durante o dia, estamos aqui na rua de Sant'Anna, e a noite em qualquer ponto da cidade.

Logo que realizada a agressão, isto é, satisfeito os desejos do Senhor Antonio Faria, nós temos o direito de empunharinos um bom revolver, para a desforra que se fará publicamente.

Ao depois, publicaremos tudo que sabemos do loterico no condicional do verbo fazer...

AO PUBLICO

Declaramos ao publico que os artigos que aqui teem sido publicados com relação ao Pão baliza; são de responsabilidade nossa, que os escrevemos sem temer de quem quer que seja, mórmente de um cadaver em estado de putrefacção.

Fazemos esta declaração para que a asquerozidade não tenha o atravimento de propalar de serem elles escriptos por outros seus desaffectedos, que nada teem a haver com a Redacção d'esta folha.

E prevenimos as respeitaveis autoridades que estamos dispostos a reagir á bala e a agua quente qualquer ataque que venhamos a soffrer, cuja a responsabilidade recabirá sobre Rocambole—o pão baliza que deve ser corrido á pau da terra maranhense!

A Redacção.



O bairro da Fabril está sendo theatro de diversos escandalos; no sabbado ultimo houve um barulho enorme em certa casa não mencionado bairro; dizem que o páu comeu a... valer, houve até tiros de revolver.

« A TOCHA » NA FABRIL

Era engraçado as duas se de-
batendo num vão de thear.

—Foste tu sim, branca de...bô-
ra, que atiraste estôpa no meu
tear! Fala...fala; que eu te ar-
rebento a venta!...dizia a Maci,
estalando de raiva.

A Eurides estava amarellissi-
ma...de coragem. Quando a gor-
na sabiu, a branca disse entre
entes.

—Qual, tu tã bestando! Pensa
que tenho mêdo de ti!...

—Fala alto que eu ouça...Tu
pensas que eu já me esqueci de
andares espalhando mentira,
zendo que eu fui levar notícias
ra « A Tocha »...

—Disseste sim.

—Qual foi a vez?

—Não sei...

—Olhã, eu não preciso de ser
porter de ninguém e aqui pes-
a alguma prova que já me vis-
colhendo notícias...E queres
ber o que mais?...Tu não
nas repetir essa infamia, bran-
relaxada...Eu duvidô tu ré-
lirês...repete...

—Vá embora sinão...

—O que tu me fazes?

E a pobre Eurides, coitada,

amarella, foi se apadriñar...

Nós, encostados talvez no cai-
o de espúlas, mas sem sermos

tos, riamos a valer daquellas

as contradições—Uma tão gôr-
e morena e outra tão magra e

lida—se debatendo de insultos

r causa d' « A Tocha », como

isa que Maci, Eurides ou outra

alquer, trazem notícias dessa

brica!

Oçam um conselho:—não bri-

em, que nós aqui para saber-

s noticia de qualquer parte,

a donde fôr, não é preciso que

pregadas do respectivo esta-

ecimento, venha nos trazer re-

tagem! Nós não queremos

por nossa causa se compro-

ttam pessoas que nem conhe-

nos, pois temos ao nosso ser-

o muitas pessoas sérias que

em entrar e sahir em qual-

ar inferno sem serem suspei-

! Não briguem, porque a nossa

nensa reportagem é toda in-

vel, tem o poder de devassar

o e qualquer escondirijo, mui-

vezes ignorado de muita gen-

! Não briguem mais por cauza

so, pois ninguém dahi é nosso

reporter! Os casos são presen-
ceado por nós mesmos.

Se o duvidam, reparem vocês,
quando estiverem praticando
qualquer acção reprovavel, não
ouvem, como que sahida de den-
tro das paredes uma gargalha-
da baixinha, cinica, devassa...

Pois som's nós!

-----«O»-----

RETRATOS A CARVAÕ

(Estantâneos)

—Batendo o diafragma da nos-
sa maquina em direcção a « Praça
da Alegria », conseguimos pegar
o seguinte vulto de mulhr:—bai-
xa, gôrda, mas demaziadamente
gôrda, trazendo vestido e brinco
prêtos, rosto redondo e achatado,
olhos redondos e mendos, nariz
regular, bocca pequena, labios
finos, dentes miudos, orelhas me-
dianas, etc, cujo vulto andava,
(tal qual uma pato), em direcção
ao globo encarnado da « capeli-
nha »; porem, ao passar o becco
das aguas verdes, tomou a calça-
da da direita e entrou naquella
primeira casa das brancas e bai-
xas que ficam no fundo do Men-
donça. Quem será ? !

-----«O»-----



As moradoras do A, B, C, têm
« comido fogo » com o pessoal
proximo ao galinheiro !

A Mundica do Pedro tem feito
um azar de carôço com o pessoal
do seus fundos que a tem trazido
atropellada ! Ahi Mundica « turu-
na » !...Força na « bolandeira » !

ASSASSINATO... CANINO

Pú... pú... pú...

— Olhem là, senhores, olhem
lá esses tirôs !...

—Desculpe, mas não é para
si...

—Quasi me pegam !...

—Desculpe, mas queremos ma-
tar esse cechorro...

—Mas o cachorro é meu.

—Não temos nada com isso,
arrede da frente...lá vae fogo...
pú, pú, pú...

—Fogo, fogo... ainda não
morreu... fogo, gritaram vozes.

—Mas, senhores... o cachorro
é manso... piedade, piedade...

Já era tarde ! O pobre bicho
expirou numa pouça de sangue !

—Sim, senhor... que gente
valente !... Com dez desses, Vir-
gem Nossa Senhora ! a canzoada
estava frita e... temperada !

-----«C»-----

VEZ DOS PASTORES

O porteiro de certo pastôr de
meninas, é um sujeito garato e
feliz, Entende que não deve fi-
car bem toda menina que entrar
para os ensaios, passar por elle e
não lhe dar um abraço ou apenas
um beijo.

—Isso é lei da porta, diz elle
todo enfundado.

—Eu hoje estou indisposta
para lhe dar um beijo, meu doce;
dizia uma pastorinha.

—Ora, coração então você não
entra hoje.

—Deixe eu entrar que amanhã
são dois beijos em vez dum, fei-
to ?

—Tá dito.

—Agora o que não gostamos é
que ellas só beijem o porteiro.

Queæ dera que as pastorinhas
nos beijassem tambem ! Era uma
feli...

Vamos nos pôr na porta, que
talvez...

Pensamentos

Se o pão baliza não existisse era preciso invental-o.

Electrica Honorina.

Se o Pão baliza não existisse, era preciso « fabrical-o » com go-ma « arabica »...

Siriboia Naiza.

Se Pão baliza não viesse ao Maranhão, era preciso ir-se buscal-o.

Anna Paula.

Se nho Pão, bão, lizo, não fosse padeiro era preciso fazel-o.

Trez canos.

O paladar de um Pão baliza, está em ter-se dinheiro.

Gregoria Poita.

O Veneno é para o Pão baliza, um linitivo rapida.

Rufino 3 por 2.

Deus não manda que se mate, ao contrario do Pão baliza que ordena.

Pata choca.

Deus é branco; o pão baliza tambem o é, em questãc de branco cu branco ninguem se metta.

A. Paixão.

O QUE E' O QUE E' ?

Com relação a esta pergunta de quinta-feira ultima, recebemos as seguintes respostas, que nos

apressamos a dar publicidade, para os nossos respeitaveis leitores não suporem immoralidade.

Eil-as.

Primeira pergunta.—E' o vobatido ou qualquer cobra do universo.

Segunda resposta:—E' o adulterio, porque quando o marido entra, o amante fica fora.

Tercera pergunta:—E' janapucá, fructa conhecida no Maranhão.

Adivinhador.

« — — — « 0 » — — — »

Entre criada e patroa

—Mas porque te vaes embora Luzia ?

—Se lhe parece. O patrão entende que por ser official todos hão de ser soldados, e obriga-me todas as noites a esfregar-lhe a espada...isso é serviço que compete á senhora...

E foi se para nunca mais voltar, pois de espadas, basta a que lhe prometeram no becco do Couto...

— — — « 0 » — — —

No Telephone

Tlim, tlim, tlim...

—Prompto, estação.

—Quem fala ?

—Curujinha.

—Diga...

—Olhe, na rua dos Prazeres, tres mulheres e dois homens deitaram abaixo um poste de madeira, do téléphone, para racharem achas de lenha...

—O Siridó já vae lá.....e que mais ?

—A viuva da rua da Alegria não deixa de todos os dias ir ao matto da Cambôa...

—Que duvida ! Então você não quer que ella vá ao matto ?

—Mas não é isso o que quero dizer.

—Então, explique-se.

—Olhe, ella entra e depois...

—Depois, o que ?

—Entra atraz um sujeito...

—Atraz ?

—Sim, atraz.

—Mas atraz de quem ?

—Atraz della, no caminho do matto !

—Isso é muito natural, porque os gostos, variam e nós não sabemos o segredo que existe...

—E quer que eu me incumba de informar ?

—E' bom, é bom.

—E aquella menina empregada da rua de Nazareth, que anda agora de namoro com um bodegheiro da rua da Paz, você já sabe ?

—Não.

—Pois ella desce para o serviço ás 6 da manhã, sem tirar o olho de dentro da quintanda quando volta para o almoço quando vae para o jantar, cruza mais de dez vezes a calçada fronteira ! Está louquinha ! Mas louca mesmo, que já temo que ella um dia não dê na venêta de andar por aquellos bairros de pernas para o ar.

—Pois está assim ?

—Doidinha !

—E a mãe ?

—A mãe....a mãe....de nada sabe, coitada !

—Então, calma, calma...

Siridó



Encrencas

—Então os dois velhos brigaram por cauza da manguda Zézé

—E' verdade; eu ouvi falar no bonde.

—Dizem que o pato é o viúvo e o esperto que quer comer...das costas do velho, é mechanico.

—Mas, a culpada é ella, vo não se lembra do conego ?

—Sim; lembro-me....Aque conego que comprou a casa.

—Justa...mente...

—Ella não é nada séria eu culpo o mechanico, elle está no seu direito, comprar barato para comer do melhor...

—Foi uma encrencia dos dois: saia, não saio; entro, não entra....O certo é que alguem entrou...

—Nella...

—Naturalmente, na casa...

A TOCHA

Nous persisterons jusque les derniers...

ANNO I |

Maranhão, 7 de Dezembro de 1911

| N. 63

Commentarios



Até hoje, nada do Senhor Faria dizer quem seja o felizardo do phantastico bilhete, cuja sorte dá aquantia de trinta contos de... mentiras.

O publico está anciozo por saber da verdade; e, nós não podemos silenciarmo-nos ante um facto que se reveste de gravidade.

O povo não pode estar sendo explorado dessa forma, que não é mais do que uma alta bandalheira e uma indecente negociata.

O caso, não ficará assim só, não!

Ou o Senhor Faria diz a verdade, ou o povo que tem brio, esta na obrigação de não mais comprar um só bilhete das loterias de que é agente aqui n'esta terra.

Uns, dizem que quem tirou o premio foi um distincto official do cruzador «Benjamin Constant». noticia essa que correu logo depois do navio ter abandonado o nosso porto.

Ora, a ser exatô a versão cor-

rente, já era tempo, e de sobra, para o agente commonicar ao publico, e não ficar na moita, fazendo reclamês e apregoar uma sorte sem «sorte»!

O agente «federal paulista» obuzou da confiança e da boa fé do publico que o tinha como um homem serio, incapaz de uma acção pouco decente.

Se o Senhor agente provar ao contrario, nós retificaremos tudo que aqui temos dito.

E' preciso que o povo não se illuda com essas sortes mentirozas!

Ou o Senhor Faria diz quem é o filizardo, e, no caso de equivoco, vir em publico retifical-o, ou então terá de fechar ás portas sobe penna de completa desmoralização ás loterias de que é agente

Para fechar:

--E o código?

==Brevemente, em ayulsos.

ZÊBIAS.

-----«O»-----

O Palacio do Sultao

Dizem, que já foi gasta aquantia de duzentos contos em a construção do palacio Imperial a rua do Sól!

Quantas viuvias em desesperos a sorte infeliz choram á falta do dinheiro que lhes foi roubado!

Quantas criancinhas não têm pão para matar a fome!

Quantas lagrimas vertidas entre gemidos augustiozos e agonias horriveis!

E o Sultão, nos grandes faustos da grandeza e da riqueza, vae levando de vencida a Torre de Babel—mirin.

Mas, ó Deus! vós que sois tão poderoso; vós que sois o amparo dos desvalidos da sorte, castigae, Senhor, com o vigor da vossa Justiça, a unica que não estabellece conveniencia, esse ente máo e tyranno!

De uma coiza temos convicção: é de que esse palacio, não será nunca terminado, porque está sendo construido com lagrimas e, as lagrimas terão o poder immenso de destruir o barro!

Deus é Justo!

-----«O»-----

A Loteria São Domingos deu, mais um premio ao Maranhão, mas um premio serio, á vista de todos.

Nós que sabemos render homenagem a verdade, comprimentamos com muita satisfação o digno agente da mencionada loteria.

Parabens ao povo.

-----«O»-----

O ESPERTALHAO

Sobre esse titulo recebemos um annuncio que deixamos de publicar porque reconhecemos ser calumnia e aqui essa «virtude» não tem acolhimento.

O THEZOURO

Em uma delegacia:

—Mas, do que vem queixar-se a Senhora?

—Eu lhe conto, Senhor doutor. Eu sou uma pobre rapariga honesta e vivo exclusivamente do meu trabalho honrado:

Morava sósinha lá na estalagem, guardando com u-ura o meu thezouro, unico que meus paes me deixaram, quando me apparece o José da Luz com esta pequena e...

—Como se chama a pequena?

—Bertha, senhor doutor; mas, como lhe dizia, appareceu-me o José, lá se aboletou e principiou a inquietar-me, a namorar-me... a perseguir-me, e eu já ia « cahindo » por elle.

Vae sinão quando, está noite tenho um sonho horrivel! Sinto sobre mim um pezo... uma couza estranha. Acordo, vêjo tudo em desalinho; procuro pelo José para dar-lhe parte do sonho e da desordem, porém elle lá não estava; tinha fugido, levando consigo o meu rico thezouro de sessenta réis, e ainda por cima deixou-me a Bertha...

-----«0»-----

O CASO DA BARRIGA

Uma moça em apuros—feijoadada...

A coiza vai se desenvolvendo entre nós de um modo espanতো.

Quando o feitiço falha, não fazendo dessapparecer « barrigas » cujas redondezas indicam existir dentro algum kisto cabelludo, ellas recorrem a medecina com o intuito de a « calmar » a coiza; exigem um remedio qualquer, mas, um remedio que lh'as façam bom rezultado...

—E' preciso vermos em que fica isso disse a mãe.

—Eu mesmo não sei, mamãe, o que possa ser isto...

Eu sinto um enjôo... Não tenho vontade de comer... Vivo assim não sei como. Tenho, em verdade, desejos...

—Que diabo tu fizeste... Olha, Maria já desconfiou com isso.

—Eu não fiz nada mamãe!... Juro pela minha « honra ».

—Então, vamos logo mais, para casa do medico, pois a medica-

para esses cazos, é uma sciencia positiva. Não ha engano e nem duvidas...

E não se demorou muito, quando mãe e filha sahiram em caminho da caza do medico. A mãe ia levar a filha para ser examinada, ia ver se o medico descobria aquelles incommodos, todos cheios de gravidade, mas de uma gravidade pasmoza...

Entraram, e sentaram-se a espera do medico.

Não se passou muito tempo quando apparece o medico:

—Bôa tarde, doutor.

—Bôa tarde, minha senhora, como tem passado...

—Eu não vou muito bem, e tenho passado agoniada com esta menina que tambem não vae bem com uns incommodos na barriga. Vêja doutor, examine a.

—Minha senhora, a sua filha parece que comeu feijoadada... e a coiza grêlou na barriga—O medico fez um arzinho de rizo...

—Que diabo de feijoadada é essa, senhor doutor?

—Quero dizer, sua filha está grávida, faltam apenas dois mezes para dar à luz.

—Com certeza, doutor?

—Tão certo como ella estar grávida.

A moça tapou a cara e poz-se a chorar...

Não se demoraram muito, não; despediram-se do medico e se retiraram em direção a rua do Alecrim...

Efeitos do feijão farta velhaco, não ha duvida.

Em hora em hora acabou-se a historia.

Agora, quem é; fiu...fiu...

-----«0»-----

*Quem é o
filizardo?*

Recebemos as seguintes respostas:

==

Se não são contos dos...fados São contos da carunchinha.

s trinta « conto » assombrados Na agencia do nhô « fari...nha.

Sete lascas.

Um dos treis baiacús ha de tel-os.

Minas geraes.

—

Os trinta contos estão depozi-tados na pança da carriapêta doida.

Anna Paula.

==

Deus no ceu, e se: Faria na terra, são brancos e lá se entendem...

A. Paixão.

-----«0»-----

« A TOCHA » NO GINIPAPEIRO

O pessoal pagé de que temos tratado aqui neste jornal, vae fazendo prodigios admiraveis; é um sabôr vêl-os em redór da meza, ouvindo as sacramentaes palavras do « Principe ».

Tem, entre elles, um pagão impagavel; é um bôbo para essas coizas de feiticarias.

Esse moço liriano—isto porque é do Lira, e todo lira é liriano—tem ja gasto grandé somma de dinheiro com o pessoal que vive agora de galho em galho, sem encontrar logar commodo para montar de vez para sempre a santa e milagroza encrenca...

Nos dias marcados para o Santo entrar, o cordão fóрма em torno do « Principe » que, de toa-lhas de rendas na cintura e roza-rios no pescôço, faz a predica, advinhando coizas imaginarias que só podem entrar no cerebro aquelles que se deixam dominar pela esperteza e pela mentira.

Quando o « Santo está dentro » o pessoal fica todo reverente e constricto a espera do milagre:

—Tem um bi-cho deste tamanho...na barriga; tem uma aranha na cabeça, tem um rato no coração !!!

E por ahi vae a coiza...

Achamós justo que cada um tenha o seu modo de pensar quanto á crença, mas quando é uma crença seria, e não essa banda-lheira que não é mais do que uma esperteza para ganhar dinheiro á custa dos incautos.

Isso não passa de uma bestida-de que não fará milagre nenhum; eis a verdade,

O ROLC

PONTA DE...RÔLO

No ultimo dia da festa do Illos pital Portuguez, domingo, Naiza apresentou-se no largo com todos os reclames da «moda».

O chapéo parecia mais de vaqueiro do que chaleira, um despropozito nunca visto!

E o vestido! que coiza incitante!... Naiza abuza da moda, mas de uma maneira indecente...

Mas, não pagou a costureira da rua da Estrella, que está cansada de cobrar e...nada do cobre...

«O»

PADRE...PADRE

(Ao Cura)

Diz a mãe ao doutor:—«A rapariga que não é, como d'antes, tão an-

deja,

Cóspe e vomita e cousas mil de-

seja;

Está gorda, mas...cresce-lhe a

barriga».

E continúa a mãe:—«Não tem a

antiga

Alegria que tinha; o doutor veja:

—Ella só falla no padre da Egreja.

Oh, miuha filha, alguma coisa

diga!»

Responde a filha para o chão

olhando:

—«Estou assim, doutor, já desde

quando

Partiu d'aqui o nosso amado pa-

dre!»

Diz o doutor:—«A moça não tem

nada.

Mas,...deve com tal padre ser ca-

sada,

Antes que, com certeza, saja ma-

dre».

A. V. de Mélo...dia.

«——=«O»=——»

Declaramos ao Senhor Bernar-

dino Salles que nunca detrata-

mos da sua pessoa e nem tão

pouco temos motivos para isso.

Fazemos esta declaração, para

evitar que seus desactos não

continuem attribuir a esse Senhor,

algumas noticias por nós aqui

publicadas, com relação ao Ber-

padino da Pharmacia Franceza.

As coizas pela Baixinha, não andam lá muito serias.

De vez em quando surge uma desavença perigoza, terminando sempre em rôlos de todos os ta-
manhos.

Mulheres de vida barata vivem ali no maior desregramente mo-
ral, na mais torpe devassidão, não
respeitando ninguém.

Sabemos que num destes dias da sem na corrente, a coiza foi
tão furibunda entre ellas, a pon-
tos de uma das rivaes sahir gra-
vemente ferida.

E' preciso terminarem com
esses escandalos, e que o respei-
to se faça para o bem e socêgo
de todos.

«O»

Que tal a electrica com o ves-
tido de velludo.

—Era o diabo em figura de
gente.

—Tirja pago o logista?...
—Você ahí falou no condicio-

nal...«Teria».

—Sim, porque o logista man-

dou que ella ficasse e ao depois...

—Ahn!... Já comprehendí a

condição.

Garanto que não pagou...

«O»

Na rua da Palma fronteiro a
certo bêrco tem um namoro en-

graçadíssimo e que por isso vae

caminhando para o terreno es-

cabrozo da rivalidade amorosa.

Uma senhorita que não tem

certeza do amor de um, procura

ainda mais nove para poder aju-

zar qual d'elles o mais sincero.

Mas, namorar dez a um só

tempo!

Santissima encrenca!



Prevenção à tempo

Prevenimos a certa professora

bananeira que já deu cacho, que

não continue a detratar da vida

alheia.

Quem me aviza...

—Mas, seu Chico, venha cá...
me diga uma coisa: você não
tem mais que fazer sinão ir con-
tar aos seus amigos, aquillo que
o senhor pratica commigo? Olhe,
meu marido já me indago e eu
fui obrigada a negar, embora mui-
to pallida.

—Mas, meu doce...

Não venha com desculpas. vo-
cê mesmo é safado....que é do
que lhe pedi ante-hontem?

—Palavra, como não me lem-
bro o que foi.

—O gramophone...

—Ah! Mas como tu queres gra-
mophone...e teu marido...

—Ora, seu Chico!

—Mas te garanto como não
acho um geito de desculpar-me,

entregando-te o aparelho...teu
marido ha de por força e com

justa razão, saber porque te offe-
reci um gramophone...

—Então, não acha um geito?

—Te juro como estou imaginan-
do intractavelmente.

—E como o senhor achou um
geito de fazer comigo o que mui-
to bem queria?

—Ora, isso é outra coisa, é
questão mais facil....e quanto

mais que...

—Que, o que?

—Que foste...republicana.

—Pois já sabe, arranje um
meio...eu preciso para amanhã...

«O»

NO BONDE

—Mas, p'ra que fim a viuva
dos Afogados quando mudou-se,

carregou com todas as torneiras

e partes do eucanamento que ti-

nha em casa?

—Ah! Não sabes?

—Não.

—E' para impedir as entradas
de elementos fecaloideis nas par-

tes estagnadas da materia...

—Que diabo de confusão! O

quer dizer tudo isso?

—Quer dizer que as torneiras

expedem a materir fecaloide que

por descuido ficar estagnada no

tanque do...registro.

—Basta...cada vez mais com-

prehendo menos.

—Então, fica por isso,

RETRATOS A CARVAO

(Estantaneos da torre
de Sant'Anna)

Botando o diafragma da nossa machina em direcção à rua « Coronel Colares Moreira », conseguimos pegar os seguintes vultos de homens: — um, alto, robusto, branco, bigode regular, rosto de europeu, nariz afilado, olhos redondos e regulares, cabellos castanhos lisos, mãos grandes, cabeça regular, pés desproporcionados etc., etc. — o outro, mais baixo, também robusto, branco, bigode grosso, rosto também de europeu, nariz afilado, olhos redondos e pretos, cabellos pretos lisos e partidos de banda etc., etc. — o primeiro, trajava: — calças, paletot, gravata, camisa, colarinho baixo, borzeguins e chapéu de palhinha branca e o segundo: calças de brim e curo listado, camisa branca de mangas arregaçadas, botoadura de plaquet fino, sem chapéu e sinto escuro que lhe fingia as vezes de suspensórios. — Estes dois tipos achavam-se conversando na rua já sitada, o segundo recostado num dos aliaes pintados de verde de umas das portas da refinação que fica na mesma rua esquina com a da cruz e o primeiro de pé na calçada, de frente para o outro. Nesse interim, eis que uma pulga ou outro qualquer inseto o persiguisse, (ao segundo): e elle pois o pé sobre o batente da porta, suspendeu uma das pernas da calça, dezatou a ceroula e então uma enorme ferida se fez representar na perna do... cujo; mas uma cousa medonha e nojenta!

Quem será esse « sifilitico » ?!

E o outro, que ainda tinha os braços cabelludos ?!

O photographo.

— « 0 » —

MOÇA — VELHA

Dona Piedade é uma senhora velha, rechonchuda, mas tão atirada e alegre, que um qualquer rapaz do meu tempo seria capaz de fazer-lhe uma... carêta. Apezar disso, dona Piedade tem um rosto delicadamente oval, uns olhos grandes e matadores, braços grossos, cintura fina e nos quartos largos e roliços, então abunda a fascinação da volupia

que, sem engrossamentos, eram capazes de attrahir o velho Fariolha D'água!

Quem a olhasse sem conhecê-la, iria impingir adiante que tinha encontrado uma noviça com trajos de madama...

Dizia ella que tinha os seus setenta annos, mas que em compensação, tinha também comido bons bocados de... carne fresca, quando tudo era uma « tutemêia »; todas as noites, para corroborar as fibras, entrava nos quartos da gente, fóra de horas, uns pedaços de homens robustos do campo, trazendo na mão uma bôa cuiada de leite quente.

Dizia também que nunca fóra solidaria ao casamento, apezar de coniar dezenas de pretendentes.

Uma noite, depois do costume do reforço de leite do homem do campo, dona Piedade adormeceu profundamente e quando acordou no escuro, tinha a mão apoiada sobre um bicho de fórmes singulares.

A principio, devido o excesso do medo, não reflectiu que era o seu travesso cadellinho, que aproveitando a saída do homem-leiteiro, entrou no seu quarto sorrateiramente.

— O certo, dizia ella, é que quando despertei pela madrugada, com o quarto todo no escuro, tinha eu a mão direita poisada sobre um bicho molle e felpudo que me causava horrôr; mas nem por isso me achava com a precisa coragem de suspender a mão de cima d'elle.

Levei mais de meia hora a pensar no que havia de decidir. Tive uma ideia: — ir levantando de mansinho a mão, até que por fim encontrasse o buraco da bocca ou o focinho para me convencer se era realmente o Fido, como eu suppunha. Fido, era o nome do meu cadello, que para comprovar o seu appellido, era a summa encarnação do fidelismo... Pois sim: fui levantando a mão e com os dedos, ia procurando o buraco da bocca, que por fim encontré-o. Metti o primeiro dedo na bocca do bicho sem que elle protestasse. Conheci que era o meu Fido; estava animada. Retirei o dedo minimo, que além de molhado da saliva do animalzinho, era muito diminuto para espantal-o e empurrei o indicador e o mezeiro e mecei a soffrer inque-

ta o seu respeito de me não querer morder.

Satisfeita com a obediencia desse existente irracional, quiz experimentar até onde ia a sua fidelidade para commigo e então principiei a apertar-lhe a linguazinha com os dedos da mão esquerda, emquanto com os da mão direita ia lhe forçando mansamente e abrir a bocca, mais sempre apertando a lingua.

Com grande espanto meu, vi que o bichinho, coitado, supportava resignadamente os meus caprichos, pois além dos dois dedos que a principio tinha introduzido pela bocca a dentro, já agora tinha quasi a mão inteira e a não ser que me babasse toda a mão, os seus dentes afilados não se atreviam a magoar-me!

Fiquei com pena d'elle e como já não estivesse tão disposta para sacrificar-o aos meus prazeres, soltei-o e fui acendêr um phosphoro. Mettia dó: — os beiços, completamente vermelhos, apertavam a pontinha da lingua, que também vermelha, distillava uma especie de saliva ensanguentada.

E dona Piedade, sem ter piedade do bicho, era uma môça tão... velha!

XIM.



QUEBRA CABEÇAS

Chiradas sem numero

Abre buracos em penca...

Com bastante perfeição

Sómente na pertinacia

Reside toda a questão.

=

Applica se logo, e zas!

Vae entrando...vae entrando.

Com geito p'ra não torçel-a.

Porem é ir empurrando.

Atarab.

— « 0 » —

Piranha percorreu ás zonas segunda-feira...

Que será?

A TOCHA

Nous persisterons jusque les derniers...

ANNO I |

Maranhão, 10 de Dezembro de 1911

| N. 64

A' LIBERDADE

A humanidade hoje se encaminha para o grande ideal da unidade liberta! Porém, é necessário para isso, que os partidários dos diferentes regimens, se penetrem de um só pensamento de tolerancia se rezolvam a consolidarem-se e a empreheender com imparcialidade o estudo comparado das revelações idealistas que de todos os tempos nos têm sido transmettidas, para que possamos chegar a um fim unico, então desejado pelos grandes «Tira-Dentes, Beckmão» e alguns outros infelizes propagandistas da liberdade.—Bem como «Ferrer», ultimamente fuzilado na «Hespanha»!

Por nossa parte no que respeita a igualdade e que se propõe exactamente áquelle mesmo ideal que o progresso, estaremos sempre firmes, não sómente para impedir algum embaraço que se queira antepor á uma aliança que á todo observador esclarecido se afigura necessaria, como também dispostos a favorecer-a por todos os meios ao nosso alcance, trocando a lucta pela vida, procurando sempre guial-as na estrada longinqua elarga do provir, colaborando nessa obra de fraternização de que podem depender a paz, a felicidade e o progresso da nossa patria!

—E não seria difficil a impenetrção, contanto que todos conviessem em fazer-se mutuas congregações.

Assim, por exemplo; uns condemn a pratica dos outros, todos querem subir de uma só vez, o grande, quer sempre ser maior, subir mais uma vez em cima, se

esquece completamente do pequeno, queo fez subir, escarnecendo-o, empurrando-o com o tacão das botas a cada passo que elle tenta avançar, não deixando subir um só degráo da grande escadaria!

—E como rezolver então a duvida?—Recorrendo a esperiencia e nada mais: (Ninguém é capaz de levar ao hombro um grande volume sem que necessite de adjutorio de outrem.)

(A seguir.)

W.



Commentarios

Recebemos de São José de Ribamar a carta que abaixo publicamos.

E' uma carta escripta pelo punho de pessoa não muito intelligente, mas que, fez um esforço para protestar contra as immoralidades do encarregado das aguas do Moropoiá.

Pelo que nos diz a leitura da carta, achamos; que esse individuo procede incorrectamente, abuzando de um modo indigno, querendo negar aquillo que lhe não pertence, porque é o do povo, é o seu dinheiro que ali está empregado em melhoramentos.

E' preciso que esse sujeito não continue a praticar semelhante abuzo, em negar agua á pobreza, principalmente á mulheres, quando estas lhe não querem satisfazer ás suas libidinozidades.

Eis a carta;

Illmo Sr. Redator da «Tocha».

Cazo grave em S. José de Ribamar.

Levamos ao seu conhecimento para ser publicado no vosso consituado jornal, as patifarias do encarregado das aguas de Moropoiá, que não quer dar agua para as pobres mulheres, nem ao menos para beber.

Elas vivem cavando em outros logares, para vêr se conseguem obeter agua para evitar do abuzo do encarregado que tem a agua preza em suas mãos de ferro.

Elle, só não nega agua para aquellas que se entregam ás devassidões com elle; bem como tem umas que vivem com elle no maior dos escandalos, sem respeitarem á moral.

O encarregado das aguas é tão ruim, é tão impostor mesmo, que fez quatro moradores mudarem-se de junto d'elle, isto é, de apagado.

Pedimos providencias aquem de direito tem em zelar pelo bem geral do publico.

Veritas

Ai fica publicada a carta para o conhecimento do publico que fará o seu juizo, com relação ao modo de proceder do encarregado das aguas.

E' preciso que as providencias sejam tomadas, para corrigir esse abuzo, que não é mais do que uma immoralidade e uma indecencia inqualificavel.

ZEBIAS.

ECHOS

Não é moça de boa família, não pode ser nunca, pois a acção que ella praticou, debatendo-se com uma rapariga, não lhe ficou muito bem.

Comprehendemos uma moça distincta, quando ella tem comportamento exemplar, mas, uma moça que vem à porta da rua provocar uma rapariga, insultando-a com palavrões do mais baixo calão, não é la parase diga d' familia.

A familia pede respeito, pede obediencia, principalmente quando entre ella existe costumes austeros.

Essa moça da rua da Viração, que deu bananas, cada qual, que pelo tamanho fazia medo, não é uma môça seria; não pode fazer questão que se lhe respeite, pois do modo que praticou, tão publicamente, só pode ser comparada á propria rapariga.

E ao depois não queiram culpar a rapariga que não provocou e que não podia ficar de braços cruzados ante á aggressão de que fôra victima.

O respeito em todo caso...

Está ai porque Azôinho não atura desaforos, e a prova ainda está bem viva no espirito daquelles que assistiram o desenrolar da fita comica em plena rua da cidade.

Zôinho, procedeu de um modo digno, em reagir as insolencias de quem se julga com o direito de abuzar e de desrespeitar familias e afrontar a sociedade, deflagando o revolver sem que nada lhe passe na vista...

Pois, foi uma lição de mestre, e, o valentão correu de uma mulher, mas correu de um modo triste...

Talvez, por que agora comentamos o caso, elle queira fazer bravatas aqui na porta da Redacção, mas as autoridades estão de prevenção.

Será verdade que certo gerente de fabrica, cazado, esteja concubinado com uma empregada da mesmo onde é gerente, moradoura a rua dos Craveiros.

Diz a esposa do...

A ser exato o boato corrente, achamos que o cujo procede mal por dois motivos:

O primeiro, de seduzir a empregada, sendo um homem cazado;

O segundo, por fraquejar a honra, tornando-se infiel a virtuosissima espoza.

Se, a empregada da fabrica era honesta, isto é, virgem, e agora entrega-se aos gozos voluptuosos com o gerente, nada mais provavel que o mesmo a substituiu ou tem pretensão para tal. Uma vez que não poderá nunca reparar o mal, pois que, é um homem cazado.

Está porque «A Tocha» é linguaruda, e muitos dizem que ella deve desaparecer da arena; e por uma coisa desta, intoleravel e que merece sençura acre.

Um homem cazado que assim procede, trahindo a fieltade da espoza, não pode ser um bom cidadão.

A sociedade é o abrigo das coisas serias, e nós não consentimos que em seu seio brote a flôr da discórdia, e por isso havemos de gritar sempre contra o mal.

Qual o intuito de certo negociante de calçados, rondar a rua Direita.

Estará conquistando aquella cazadinha á quem faz tentadores bichinhos, na auzencia do marido?

Se continuarem na safadeza, podem contar que o marido da cuja será sabedor.

Isso não é serio!

Então, o pobre marido sai para o trabalho honrado, em procura de ganhar o pão p'ra ella, paga-lhe a caza, compra-lhe roupas, faz-lhe de um tudo, e ella, miseravelmente lh'o traindo para, satisfazer desejos de certo conquistador ja celebre.

Está porque «A Tocha» fala, e fala com toda a razão...

Nós aqui condemnamos tudo que não esteja de accordo com a civilização.

E podem contar que atocharemos...

A Porca ruiua do Becco da Caiella tem se portad...

Persuadida que ali seja algum chiqueiro, a porca ruiua não respeita a vizinhança, a pontos de prohibir que as familias cheguem às janellas.

Palavrões, os mais immundos ella profere ostensivamente, afrontando a moral publica.

Vive num desbragamento nunca visto.

As familias por nosso intermedio pedem providencias no sentido d'ella ter outro comportamento.

--- «O» ---

Pedimos ao um senhor proprietario de certa fabrica de cigarros, obsequio de não continuar a por em pratica os seus costumes de seducção, como no sabbado ultimo as 10¹/₄ horas da manhã, em frente a pharmacia Jesus, com a irmã da «Siriboia». Terá por ventura saudade daquellê sonho cor de roza, que teve num dos bancos da Praça Benedicto Leite? Olhe lá, seu «fulano»?...

--- «O» ---

Fomos avizados de que a Roza «murcha», «Segonha choca» está trabalhando aceleradamente com a sua panela magica afim de enviar deste para o outro mundo uma pobre rapariguinha; e tudo por causa de um amante!

Olha lá segonha, calma com essa feitiçaria; e é melhor passes a fazer uzo do permanganato, em vez de pedra lume que gastas muito...

--- «O» ---

O galhinheiro do Pedro tem revistido de calma, porem ainda tem um defeito; é quererem galinhas do mesmo, banhar tranzeuntes com agua de lagem...

--- «O» ---

GAIATICES

O guarda civil, de serviço rua do Passeio, chamou a attenção dos moradores de certa caza mencionada rua, onde teve botequim durante a festa, um sujeito que, trepado na beira d'ava psiua par... umas nas da Roda, em serviço na Caza.

O gaiato, logo que, intimamente cantou rei chegou...

A TOCHA

NATAL

Leitores, eis os versos do pastor que Naiza, a Siriboia, vae en-saiar com a Antoninha Canguru, na residencia da Electrica.

São das « Brisas de Maio » do celebre Madahy, mas « filados » pela Piranha, que actualmente ensina as pastôras.

Eil-os:

(canta o anjo—Minas-geraes):

Não tem mais,
Feliz nova-ves digo:
Na cidade de Sú-Anca,
Nasce gente sem umbigo.

(canta o guia—Electrica):

Venho guiando esta encrenca
Que tanto me dá trabalho,
Para vêr se ao menos ganho
Adnos, Reis e um bom...bimbalho.

(canta o pastor-mestre—Canguru):

Pastorando estas meninas,
Venho contente e feliz;
Cada qual mette dois dedos
No buraco do...nariz.

(canta a pastôra mestra—Piranhinha):

Sou mestra desde pequena,
Desde pequena sou mestra;
Sou grande fazendo rôlo,
No rebôlo sou bem destra!

(canta a cigana—Siriboia):

Sou filha da...deuza Baccho.
Quero fu...rar num vestido,
Commigo, qualquer buraco
Não passa despercebido.

(cantam os camponezes—Fila-nickel e sete-lascas):

Ambas somos dum só tope,
Diferença de gordura:
Quando uma sae, outra entra,
Quando uma tapa, outra fura.

(canta a pastorinha—Sete-tostões):

Que sorte, que vida a minha,
Pastando no meu repasto!
—Por sete tostões dei tudo,
Por sete tostões me gasto!

(cantam os gallêgos—Um ce-

lebre Pão de Bico e sete-palmos):

«O gallego»—Anda, anda, sua atrevida,
Sinão te liquido a vida...

«A gallêga»—Meu sinhô, meu sinhozinho,

Me faça um pão de biquinho!

(agora canta o cordão—Um verdeiro barulho medonho):

As coricas desta terra,
São mais porcas do que da minha.
Muitas dão por um sapato,
Outras viram até...galhinha!

Estrilho:

Tà, tá, tá, rá,
Stá, tá tá rão,
«Vida» só serve
No Maranhão!

Madahy.

E dizem que este celebre pastor vae cantar lá para as banda do pirão-crú, que muito deseja vêr e ouvil-o.

Será certo?

Lá estaremos com «A Tocha» na mão.

No Telephone

Tlin... Tlin... Tlin... tlin...
tlin... tlin...

—Calma! Calma! Isso não vae assim! calma!

—Ora, sêbo! Isto não é serio!

—Calma! Deixe de bitólas.

—Tenha a bondade de ligar á Estação Ferro Carril.

Tlin... tlin...

—Prompto. Prompto. Prom-

pto...

—Quem falla?

—O conductor do bonde da linha...

—Que deseja?

—Diga ao gerente, que hoje, é impossivel trabalhar, pois, estou com muita moleza no... corpo.

—Passei a noite inteira nos braços da minha amada, a da abril... Elle me dispensará?

—Talvez...

—Até logo, tlin.

Tlin... tlin... itlin...

—Prompto!

—De onde falla?

—Da rua Direita.

—O que deseja?

—Tenha a bondade de comunicar ao Papagaio que o negociante de calçados, continúa a namorar a Senhora cazada que não respeita a auzencia do marido.

A couza está tão livre que tem chamado a curiosidade dos transeuntes.

—Que fazer! A epocha actual é isso, cada um procede da forma que muito bem quer, pouco embora, sêja uma devassidão; haja a vista, o caso do finorio que depois de esbordoar a-espoza por cauza da amazia, sahio de caza ás 11 horas da noite, indo dormir na caza da cuja.

—Mas, não pode continuar assim...

—«A Tocha» não pode fazer mais do que tem feito

—...eu acho, que a sociedade, soffre muito com esses escandalos.

—De commum acôrdo.

—Mas, então promette atohar?...

—Como sem duvida...

—Posso esperar?

—Pode...calma!...

Tlin...tlin...

—Prompto! De onde falla?

—Do gazometro.

—Que quer!

—Senhor Redactor, hontem á noite, eu vi o guia de certo pastor passeiando com um caxeiro da Praça do Commercio; os dois metteram-se por detraz do muro e custaram a sahir...O que será?

—Naturalmente foram ensaiar no escuro, para afinar afluata do caxeiro que é eximo tocador em pastores...

—Não chegue-a tanto...

—Nem tão pouco direi; mas a conclusão é essa; está logico...

—Até logo!

—Adeusinho...

Siridô;

Correio d' A Tocha

Zé do Rio—Pode mandar, porrem com brevidade.

Códó & Códózinhos—No proximo numero publicaremos a sua carta, com relação ao pessoal.

Está boa...

Pela Fabril

—Não tem nada! Hoje, ou me dão muito ou eu quebro a cara de muita gente aqui!

—Tu quebras a cara é de cachorro, sua saca de algodão, sue esta, sua aquella, dizia a alta arregaçando as mangas...

—Tu só falas aqui dentro, girafa preta, do diabo. Eu quero que tu fales na rua, ás dez horas.

—Qual, tu estás bestando, saboneteira de... encrencas... Tanto apanha tu, como tua mãe... Deixa apitar.

—Ixe, cá cá. Minha filha não é disso, sem-vergonha. Minha filha o tempo que ia encher de... catarrho outra qualquer, pr-curava um homem, ficas tu sabendo!

—Gentes, deixem de barulho aqui! Respeitem ao menos o lugar onde estão! dizia uma voz de juiz conselheiro.

—Saia dahi, saia dahi, se não quer se metter tambem no em-brulho, dizia a saca de algodão.

E a braço de the r continuava:

—Olha, a gabineteira já foi p'r'o olho e vê lá se queres tambem ir.

—Ixe, quem és tu, girafa.

—Sou muita coisa. Deixa apitar que eu te mostro quem sou.

—Pois vamos.

Bú ú ú ú ú ú ú ú ú ú ú...

—Dez horas... dez horas... tá apitando... tourada, tourada... gentes, vamos vêr tourada...

E a fabrica ainda apitava:—Bú ú ú ú ú ú ú ú ú ú ú...

Metade do pessoal sahia, outra metade escorava na porta, esperando o rôlo entrar. Afinal o rôlo entrou. E ali mesmo na porta do estabelecimento, haja insultos de parte a parte.

—E' isso, diz agora o que tu disseste lá dentro...

—E digo sim.

—Pois repete...

—O que tu me fazes?

—Nada, repete.

—E repito sim.

—Pois repete,

—Venha cá, dona fulana, você não viu esta mulher me insultar? ..

—Mulher é do soldado.

—E o que tu és? Não és mulher tambem?

—Não sei.

—Então, vá-se p'ra...

—Yae tu.

—Eu não quero é discussão.

—Nem eu.

Bú ú ú ú ú ú ú ú ú ú ..

Dez e meia, dez e meia.

—Tourada, tourada, negrada.

E lá se foi novamente o rôlo

p'ra dentro, ficando transferido

p'ra 5 horas. Eu não quiz mais

esperar-o e pelo caminho vim

pensando que barulho de mulher

acaba sempre em palmo e meio

de... lingua! E tudo isso, só por

causa dos sabonetes! Malditos sa-

bonetes, que fizeram a gabineteira

ir cantando rei chegou...

—E foi p'r'o olho?

—Dizem que foi.

—Ora, que pena!

—Tou me importando?...

Lyra Góes.

A POMIBNHA DE SUÇU

Suçú era uma parlinha de 12 annos, formosa, mas tão ingenua, que muita gente, ás vezes, a tirava para deboche ou entretenimento nos intervallos de bailes...

Uma occasião, ella, o noivo e mais o pae, foram assistir a uma festa de arraial, em cujo adro havia um bonito leilão, de um tudo p'ra bem dizer

—Quinhentos réis.... seis... setecentos... oito... nove... mil réis.... mil réis.... dou-lhe uma...

—Mas o que é que estão rematando? perguntou a noiva ao seu pequeno.

—E' uma pomba.

—Uma pombã?

—Sim.

—Não ha casal?

—Vamas vêr... espera.

—O' seu leiloeiro, a pomba não tem casal?

—Tem, sim senhor.

—Então... mil e duzentos pelo casal.

—Mil e duzentos, mil e duzentos... dou-lhe uma...

—E quatro centos.... disse a noiva dum outro sujeito, que tambem queria a pomba.

—Dois mil réis, seu leiloeiro. Dois mil réis pela pomba para Suçú!

—Dois mil réis pela pomba ô'ra Suçú, disse o homem do leilão... dou-lhe uma, duas e...

Suçú ficou com a pomba desejada cu p'ra melhor dizer—com o psal.

Um dia o pombo fugiu e Suçú largou a pomba atraz, no intuito dos dois voltarem, mas... desillusão:—só voltou a pomba.

Como não houvesse casal, a pomba amansou de uma tal maneira, que era mesmo um gosto vê-la e... pegal-a.

Ap-zar de toda essa mansidão, Suçú desconfiava da pomba e por isso mandou fazer uma bonita gaiola, polida, com portas doiradas e que a noite collocava dentro a pomba.

Quando o noivo chegava da rua, a primeira coisa que Suçú fazia era pegar na gaiola e pôr-se a brincar com a pomba. Então o futuro marido, satisfeito com aquillo, abria a portinhola doirada e punha a pomba p'ra fóra, que Suçú e elle, fingindo-se malvados, começavam a apertal-a pelo pes ôço, a ponto de fazer a bichinha engulhar e por vezes até deitar fóra o que comêra antes. Isso era costume de toda noite.

Suçú se dava por mais feliz quando via a pomba dentro, pois fóra da gaiola tinha o desgosto de vêr o noiva maltratal-a, judial-a, sem necessidade alguma.

Aquella costume de todas as noites botar a pomba p'ra fóra e ambos brincar com ella, já não ia bem para a pobre bichinha, e só se alegrava quando Suçú arrancava-a da mão do noivo e a nettêl-a com cuidado entre as grades de sua gaiola.

XIM.

Uma opinião profunda:

—Não me importo que minha mulher tenha amantes; a questão é que sêjam decentes.

—Então a senhora arranjou amante.

—Estás admirado! Querias que arranjasse dois? Esses maridos...

—Foste ao convento d'Ajudá? —Fui. Notei que havia grande zelo pela cultura de nana e da cana.

A TOCHA

Nous persisterons jusque les derniers...

ANNO I I

Maranhão, 25 de Dezembro de 1911

N. 68

A LIBERDADE

II

Continuação.

Jamais poderia o povo brasileiro, sofrer, em tempo algum, tão dura e aguçada paixão que se pudesse assemelhar a tantas outras produzidas por leis chafardeanas fora dos limites da constituição inabalável, que prevalece desde o brado inicial de república e que não foi creada nos chafurdeos onde foi e continua a ser tudo aquilo que vem toldar os santos direitos conferidos pela liberdade aos cidadãos brasileiros!

República, que quer dizer, alias que representa a confirmação da liberdade, dita mesmo pela constituição, não é, e, talvez que não seja tão cedo compreendida como tal no seio da sociedade, cuja sociedade se compõe de grandes e pequenos. Ella foi, como sabemos, creada para todos! Porém, ainda não se pôde escapar do laço que lhe armou um certo numero de pessoas que na época da sua proclamação se julgaram grandes e que ainda o mesmo qualificativo pretenderam estender até as suas setimas gerações.

W.

Notas

Eil-o, o mez das ferias, com o seu penacho verde, com a alma da floresta, batendo as palmas do Natal.

A natureza sorri, a terra canta o hymno dos lyrios, o céu fala a linguagem dos astros.

A alma expande na alegria da orquestração sublime em que se casam as flôres, se harmonizam os soés, se combinam as côres.

A tonalidade, la nuance é a veste mais bella da noite Santa em que vio nascer o Salvador: no alto do céu o gloria dos anjos, na face da terra o hozanna dos homens.

Céu e terra se confundem no beijo do amor: homens e anjos se estreitam no braço da paz.

E o coração se inflamma, e o pensamento arruba-se, e as flôres vôam, e os passaros gaguejam bebidos da luz que deslumbra a aurora.

Os velhos dormem, e as crianças sonham com os fructos bonitos da arvore doce do Natal.

Por toda parte a nota festiva da muzica que termina e logo começa; passa o ultimo accento da derradeira poesia, que é aquella que se não descreve, porque emmudece a alma, extázia o coração: a formosura é embevecedora, tem laivos de santidade.

Dezembro é a primavera dos estudantes, a estação dos sonhos; a quadra dos rizes, o jardim das chiméras, o oasis da felicidade.

E' o paraizo dos moços, a mocidade dos velhos.

E' tudo amor, floração da paz, exuberancia d'alma, broto do coração que renasce.

Salve! Natal!

Coisas

Hoje, é o dia consagrado a alegria; ella é commum: domina em todas as almas, palpita em todos os corações!

A mocidade na florescencia esperançosa do futuro, dedica o dia de hoje para o brinquêdo; a velhice, recordando o passado, lembra-se daquelles saudozos dias de infancia querida de que nos falla o poeta.

A riqueza, hoje, abre de par em par as portas douradas dos palacios, ostentando a vaidade, tem a meza farta; nada lhe falta para uma boa ceia!

A pobreza, perseguida, abatida, recolhe-se á mízera choupana; dorme o somno do justo para sonhar com a felicidade, e, assim é muito melhor!

O sonho é uma illusão; não passa dum brinquêdo da alma quando repouza nos braços de Morphéu.

Porém, mais vale sonhar com a felicidade, vendo-a tão risonha qual o razer da aurora, do que ser rico, orgulhoso, cheio de vaidade, despido de intelligencia para comprehender a vida humana, essa vida tão passageira, tão mízera, que cada é, a não ser o proprio nada.

Pois bem; a pobreza, é, hoje, neste dia de festa e de alegria, mais feliz do que a riqueza; o rico, no maior dos prazeres, tem sempre o espirito machinando no desastre, pensa perder tudo.. o pobre, simples e honrado, só pensa na alegria e na felicidade, tudo lhe sorri!

E por isso, bem haja todo aquelle que é pobre e que pode no dia de hoje passar entre rizes e flores na maior tranquillidade d'alma!

Ah! como é bom fter-se a consciencia limpa, despreocupada de vaidade, dessa vaidade que nada vale!

Bemdicto seja a pobreza!

Bemdicto seja todos os pobres que, hoje, levantando as mãos para o céu, imploram ao Deus, uma festa de felicidade, de bonança, de paz, de alegria, de rizes, de flôres e de tudo o mais que é bello e sublime!

Bôas festas!

Palmerio Leiró.

Natal dos pobres

Madrugada festiva.

As arvores farfalham docemente os beijos glaciaes da brisa, que das bandas do mar, sopra com brandura para o occidente!

Na campina, onde o luar prateia a gramma verdejante e o caudaloso rio serpenteia pelo campo a lórá, pastam ovelhas descuidosas, perlustrando com indolencia!

O céu é de um primôr saphyrico e dum aspecto bondoso, salpicado de nuvenzinhas brancas que se vão esgarçando, transparentes, para o lado do occaso.

No fundo das quebradas, de quando em vez, um gallo solta um canto estridulo.

Na, roçajá hoje ninguém lá vae, porque as roceiras, estão contentes, satisfeitas, radiantes de ventura, por envargarem os largos vestidos de chita cor de rosa, que só talvez de anno em anno, teem o privilegio de apparecer, gommados, aos olhos indiscretos desses camponios, que agora ali palestram em estreito circulo de amizade, na mesma modesta cabana onde vae cantar pastores!

Uma duzia de velhas, aclara um volumoso presepe ao fundo da choupana. Um odôr de incenso e murta, impregna o acanhado ambiente daquelle sala deslustrada da belleza de tintas multicôres!

Um vaqueiro passa além, cantando trovas e desafios ao sabôr da toada predileta!

Os rouxinões ao som da mysteriosa musica da matta, começam a preludiar seus lindos madrigaes!

Ao longe, aos rumores da aurora que desperta, ouve-se, pelos montes, pastores que chegam pressurosos da jornada, cantando melopéas...

Um lenhador humilde, alheio aos luxos do encargo, abeirando-se do presepe, abre um pequenino livro de rezas, confisca-o, benze-se e começa, em melodia, uma ladainha da aldeia. Todos se acercam do supposto padre e respeitosos, humilhados e reverentes, entõem um apaixonado hymno ao Omnipotente Creador do Mundo:

—E' o Natal dos simples!

A Redação d'«A Tocha» que tem o apoio das pessoas sérias, que como nós condemnam os escandalos, sente-se bem, neste dia de alegria, enviando aos seus numerosos leitores, milhares de felicidades perennes.

Aproveitando o ensejo, agradecemos penhorados a todos que nos tem enviado festas, almejando-lhes ennumeradas felicidades e mil venturas, e uma era de paz, entré rizos e flores.

Bôas festas!

— «O» —

Conversando

(Na Avenida Maranhense)

— Então, despe ou não despe o corpinho?

— Não, doutor.

— Porque, minha menina?

— Porque não ha necessidade disso, doutor.

— Mas, assim, eu não posso auscultar-a... Arrie mais um bocadinho.

— Prompto, doutor.

— Ainda mais um bocadinho..

— Então, é melhor tirar-o todo..

— Não, só mais um bocadinho.

— Prompto.

— Agora, vire-se. Deixe auscultar-lhe pela frente... assim.

— O que está ouvindo, doutor?

— Palpitações, só palpitações...

— E não ha remedio.

— Para palpitações, só... amor!

E o doutor em vez de «escutar», olhava... olhava... olhava muito attentamente para onde devia olhar.



— Quem era aquelle sujeito e de calça preta, colete preto, camisa branca, de mangas arregaçada e de chapéu largo, de carnahuba?

— Onde estava?

— Sentado na calçada da avenida do largo da Misericórdia, de frente da cessa do Nhô-tó...

— Não seria o baiacú?

— Eu supponho que fosse o Canôinha.

VOLTANDO A CARGA

Ainda os pastores da rua de Sant'Anna.

Seguros pela gola do paletot, conseguimos trazer á chicote, de dentro do lar da familia para o meio da rua, aquella ralé indecente de mulêques cynicos, de fuças deslavadas que, não respeitando a moral publica, vão abuzando da liberdade individual, commettendo toda a sorte de vandalismo e infamias, atirando ás faces da sociedade o labêu pugente do descredicto e da deshonra.

Um delles, por ser muito petulante, passou pela merecida decepção de ser, prezo na noite de terça-feira, dormindo no calabouço immundo, digno dos bandidos e perversos.

A nossa missão prende-se a um fim nobilitante e altamente social: expurgar do convivio das pessoas sérias, a fecaloide nojenta de que é composta a corja atrevida de certos meninos brancos que, se dizendo filhos de familia, vão pintando escandalos com as côres mais negra,

Porhoje, aqui ficamos, aguardando para quinta-feira, os commentarios das façanhas que elles venham a praticar.



Chamamos a atenção de uma moça operaria da Fabrica Cambôa, que não continue com os seus chôros, por causa de outra que se despedio.

Tem paciência minha filha; se queres matar á tua vontade, vens aqui, que daremos bom remedio para o teu ensaboreado... chôro!...

— «O» —

MISSA CAMPAL

Padre Eudamidas, vigario da Igreja de N. S. de Guadelupe, castrará missa, hoje ás 9 horas da manhã, na pedra da memoria.

Ouvimos, que, um grupo de meretrizes, prepara-lhe condigna manifestação acompanhada de birimbãos e latas velhas.

Bravos! ao Baiacú!

— Viva seu Eudamidas!

— Vivôôôô!!!!

Chronica do papagaio

—Então; meu loiro, que diabo de confusão foi aquella na Santa Amélia?

—Confusão?

—Sim, uma encrenca duma moça que, dizem, foi tirar linba no caixa de espulas e o namorado, que já andava despeitado, aproveitando a occasião, deu-lhe de murros pelas costas, a valer.

—Eu ouvi falar nisso.

—E como foi o resto?

—Ouvi dizer que, depois dos sóccos, a moça ponde livrar-se da posição critica que estava e voltando se contra o petulante, desforrou á vontade...

—E elle, o que fez?

—Fez o mesmo que podia fazer aquella encarregado de certa escola, que quando se mette nos grogs, manda os discipulos pegar perús alh ios.

—Será para fazer alguma meia noite?

—Não, porque o costume é já antigo.

—Então, dize a elle: ou se com porte, ou deixe de mandar «unhar» perús alheios, porque, apesar de lhe querermos muito, nem por isso estará auzente de lhe publicarmos o nome...

—Pois amanhã dir lhe-hei.

—E' bom, é bom.

O papagaio.

==—o—«o»—o—==

NO TELEPHONE

—Faça favor de ligar para o becco do Quebra-Costas...

—O que ha por lá?

—Uma mulher que quer dar de chinello na cara de um cobrador dos alugueis dos seus baixos.

—De seus baixos?

—Sim, dos baixos do sobrado onde ell, a cuja dita, mora.

—Então se explique.

—Faça favôr de ligar para «A Tocha».

—E' impossivel, o apparelho está arreventado.

—Como?

—O fio que liga para essa redacção arreventou ainda há pouco.

—Então, desculpe.

—Sim, senh. r, até logo.

—Até...

Siridó.

«A TOCHA» NO CUTIM

DO PADRE

Recebemos do logar a cima, uma carta em que se nos pede tomar providencias no sentido de que certos republicueiros d'uma «republica» ali proclamada, terem outro comportamento, pois que ali reside familias que não estão na obrigação de verem homens em ceroulas e nem tão pouco a ouvirem palavrões indecentes.

Pela leitura da carta, tambem sabemos que, d'entre elles, tem um que abandonou a espoza com quatros filhos, arrancando-lhe o pão da bocca, para satisfazer a vaidade das Damas que trêquentam a «republica».

«A Tocha» que é a lei e a correção para esses cazos, não deixará que os mesmos continúe a dar escanalo e nem tão pouco que, uma espoza cercada de filhos, sofra as maiores torturas, sem ter pão para matar a fome de tenras crianças.

Pedimos ao missivista que nos envie novas informações.

—o—«o»—o—

Pouca vergonha

Ali pela entrada do Galpão (caminho grande) em certo muro, onde se nota uma escuridão profunda, Cupido, o trefico Deus do amor, vai fazendo prodigios admiraveis.

Como, andamos sempre com «A Tocha» acêza, nos dirigimos ao logar, e, fomos então ver de perto aquelle mysterio phantasmogorico.

Cupido, d'esta vez armou um cinema cuja fita é a seguinte:

Uma joven, debruçada no gradeamento de um jardim tem as mãos seguras as do seu namorado, este não só aperta como beija as, delirantemente.

De momento, ella—oh! como devia ser bom aquillo, que coisa meu Deus!—remexe o corpo e elle pespega-lhe um demorado belliscão; ella dá um gemido—ai! não séjas mau!...

Mas todo aquelle gemido é de mentira, pois, ella tem o prazer de levar a mão do cujo ao seio ofegante, beijando-a com fremito voluptuoso!

Não podemos bem descrever d desenrolar dessa fita amorosa, porque as folhagens verdejantes que no muro fazem pouzada com as suas ramagens lindas, não permitiram que vissemos melhor a função do Cinema.

Se, aquellas flôres côr de roza, fallassem, diriam muitas coizas!

E, em todo cazo é um namoro pouco decente, porque se faz as ocultas, em pleba escuridão... E' uma pouca vergonha do conductor do bonde.



Consta que um grupo de moços da «sociedade» pretende vaiar certa casa onde se realizam danças de pastores.

Chamamos a attenção da guarda civil, no sentido de não consentir que esses patifes falem mais uma vez como devido respeito a sociedade maranhense que não pode estar sendo sobressaltada ante a garotice da mulecagem de gravata.

Conforme o que se der pode contar que relataremos na quinta-feira.



Quem é aquelle sujeito que todas as noites ronda o campo d' Orique.

Seré algum phantasma errante?

—o—

Quinta-feira, commentaremos as danças de pastores.

ECHOS

—Mas, sim; conte como foi a encrenca.

—Que encrenca?

—A que você prometeu que publicava neste numero...

—Cada vez mais, compreendendo menos.

—Ora, não se faça de tolo.... conte a historia.

—Mas, que historia, homem de Deus?

—A historia dos 90 e depois mais 50 mil réis...

—Ahn!... Então se explique.

—Mas eu me expliquei...

—Não, senhor; perdão... Tenha paciencia... O senhor fez a sua pergunta por meio de mysterios, subterfugios, que eu não comprehendia.

—Mas...

—Bem, agora sim... agora eu percebi o que o senhor quiz indagar-me...

—Então... fogo!

—Sim, o nosso homem Teve (com «t» grande) a heroica coragem de receber duma velhinha decrepta, a quantia de 90 mil réis para pagamento de certas «oitavas» que se achavam em atrazo...

—Oitavas?

—Sim, oitavas! O senhor ignora o que são oitavas?

—Não, senhor! Ora, pois esta é boa... sei perfeitamente o que são oitavas.

—Então, é como lhe disse: 90 mil réis elle embolsou-se e depois allegou que ainda faltavam oitenta...

—E a velhinha deu os?

—Como não?

—E depois?

—Depois, é o que nós todos estamos vendo...

—Vende o que?

—Navios.

—Mas ficou mesmo por isso?

—E mais ainda.

—Que foi?

—Depois dessa mamata toda, casa... vendida!

—Mas é ter coragem!

—Demais! E o que mais ainda admiro, é elle não ter remorsos...

—Mas, olhe...

—Bico, que elle vae passando ali,

—Escute, é esse ali?

—E' esse mesmo. esse homem tão serio que o senhor está vendo.

—Eu não pensava...

—Pois pense!

—«O»—

Pela Fabrica

—Mas afinal, quem foi que tirou o cobre da Candida? perguntou o Leão Macaco.

—Eu não fui, respondeu a protestante.

—Mas quem foi, então?

—Eu acho que foi «Torcas»...

—Iche cá cá... pulou Torquata; eu não «percizo» de faltar... E' mais fôrça a «curpa» recair na dona da maqui...

E o rôlo entrou...

Quem deve saber do cobre é a camarada do Macaco, pois que, na São Luiz, tem a primazia...

Consta que certo alfaiate da praia grande, está seduzindo uma menina, cuja residencia fica por cima da officina onde trabalha o gajo.

—Sabes de uma coisa?

—Não; o que é?

—O sacramento está por baixo do conego da rua Collares Moreira...

—Com certeza?

—Tão certo como o cujo, sei um eximio namorador...

—Isso sei eu!... que para namorar só elle; principalmente quando está com o sacramento na mão; faz bichinhos de admirar...

—Ora, o sacramento por baixo do conego!...

—E' o caso!...



PROEZAS DE CUPIDO

As coisas pelo A. B. C. não andam muito boas.

Vegeta por lá uma tal de Dionizia feaçozinho que, durante o dia provoca os moradores da circumvizinhança, dirigindo palavras dos mais indecentes, aponto de desafiar uma outra, cujo nome ignoramos, por motivos de ciúmes.

E' bom que se comporte, pois o seu «anjo» jurou dar-lhe uma surra, para que não continue de, a sua auzencia pintar o frade com outros...

—«S»—

Que fim levou os pastores da rua dos Affogados...

—Aquillo não vale a pena commentar-se, porque cada partidario é um tição de carrapinha, e cada qual o mais perfeito casca grossa.

—Não fala mais nessa encrenca, muito mal ensaiada, sem nenhum atrativo, sem nada...

E a lem disso que manda ali a gégê.



Quinta-feira trataremos de um rôlo extraordinario e importantissimo que se deu na Fabril, entre duas familias.

Sitaremos o rôlo desde do começo até o fim, pois a couza é gostosa, prende-se a namoros escandalozos.

Quinta-feira! Quinta-feira!

A TOCHIA

Nous persisterons jusque les derniers...

ANNO I |

Maranhão, 14 de Janeiro de 1912

| N. 73

NOTAS

Promettem ser empolgantes, no anno corrente, as grandes, incomensuraveis e popularissimas festas do Carnaval.

Momo, o mais amado dos deuses, o supremo archi-patente magnata dessas lides annuaes do gozo e da pandega sem limites, parece que ja vae livrando da maligna influencia de s. a., malandirissima d. Morpheu e nesse movimento mais se asanha, sentindo o guizalhar e suas magestozas purpuras.

Sinão, eis que nós daqui nos apressamos a ajudar o desenterramento dos metaes, a escovação das tunicas, os aprestos, finalmente para a apresentação solemne e deslumbradora do magnanimo rei dos reis, aquelle que conta mais adoradores, fieis vassallos sobre torbe.

Está entre nós, para tal fim o barulhento rei da galhofa, que, modesta á parte, é sempre o pronunciador do glorioso reinado, escudeiro funambulesco, arauto batedor das legiões que prestam culto ao grande deus do Carnaval, o primeiro prazer e alegria que se vae desencadear.

Sou eu, portando, eu mesmo o escrivinhador destas linhas que me torno jornalista, que escolho as apreciadas e valiozas columnas da popular e acatada. «A Tochia» para expandir-me, para mexer com todos e com tudo, pois que todos e tudo neste mundo se mexe logo ao presentir a aproximação do Carnaval.

Aqui fica o meu avizo programma, emquanto vou verificar se S. M. D. Momo ordena alguma coisa e depois aqui estarei sempre firme, desputando as hostes de foliões, desde Mephistopheles nas profundas do inferno, até ao mais pacato burguez.

E até quiñta-feira.

OS ATTENTADOS AO PUDOR

Escreve-nos:—

«Senhor redactor—E' de enstresticer um chefe de familia, si não para aterrorizar que menos favorecido da sorte, o desenvolvimento dos attentados ao pudor nesta capital e que na sua quasi totalidade ficam impunes.

E' preciso que o autor de um d'elles seja de todo desprotegido e não disponha de dinheiro com que contractar advogado com influencia para que seja compellido a reparar o mal feito em afronta á sociedade.

Diz-se-hia que isto é uma cidade preza dos Dons Juans, e que se caminha para a completa dissolução dos costumes, pois não são só os dons Juans...

Não é um caso isolado, são muitos.

Basta ter em mira a prostituição no Anil, obra nefanda do Sultão, o tyranno e carasco da virgindade!

Da se tempo ao d. Juan preparar as suas testemunhas, que muitas vezes nunca tinham visto a victima, como ainda ha pouco succedeu...

E a victima ahi fica no rol das meretrizes e a sua familia enxovalhada, porque a campanha da deshonra feita pelo d. Juan é completa.

Chega a doer a alma essa situação que aterroriza a toda a gente seria!

Para quem apellar?

Para a justiça da terra!

Ah! de certo que não!

Quem leu a «Pacotilha» do dia 7 ficou completamente inteirado o que é a justiça no Maranhão.

Basta!

Anellemos para Deus.

Vêde Senhor, as lagrimas daquellas mães que choram a desgraça de suas filhas, que eram as suas esperanças do dia de ama-

nhã; vêde o desespero daquellas pobres mães desprotegidas da fortuna, mas que tem labôr incessante e honesto, e que tinham na filha o encanto e a alegria; vêde aquellas esqualidas mulheres, na juventude da vida, mas envelhecidas pelos desregramentos, são todas victimas da podridão moral que lhes invadiu o lar, sob a capa da proteção, do beneficio, da constituição de uma nova familia feliz!

Estão agora empenhados no saneamento da cidade; mas ha um mal peor que o do impaludismo, da febre amarela, da variola e da peste negra, que assolou o nosso torrão natal, ao qual é preciso dar combate, é o mal moral, que está em altas vozes clamando por saneamento;

Em nome dos desprotegidos da fortuna, apesar de que a honra não tem bitola em que se possa medir, em nome da familia é que faço esta supplica, pela moralidade dos costumes que estão sendo francamente corrompidos!

Acreditem, oh! prostituidores! que existe um Deus e que esse, amaldiçoa os mãos!

Um pae de familia.



AO PUBLICO

Constando que o Sultão do Anil, prepara uma cilada contra nós, logo que embarque para a Europa, em vizita ás cortes, desde já o responsabilizamos por qualquer a aggressão que venhamos a soffrer, da qual tomaremos vingança, no dia em que voltar ao «harem».

Ahi fica o avizo ao publico.

A Redacção.

Apontar!

Consta-nos que certo «orgão» do povo que «defende» os interesses do mesmo, prepara os prelos para romper em «franca» e tenaz opposição ao governo do Estado.

Prepare-se o governador do Estado para tolerar a campanha de difamação, de quem hontem lhe batia palmas e lhe atirava flôres, e que, hoje, por um desmedido rancor politico, desce á sargeta em procura da lama podre para sujar a obra fecunda do seu governo, cujo programma mereceu d'elles applausos e lóas!

Miseraveis!

VIZITA HONROZA

Recebemos a agradável vizita do nosso prezado amigo Bedico de Rodrigues, scintillante poeta e prozador maranhense.

Cavalheiro distinto, artista de merito, Bedico tem um nome feito aqui na nossa terra onde goza de grandes sympathias no seio da sociedade.

Victima da «concentração» literaria, que não sabe ou não quer fazer justiça ao talento de eleito, Bedico tem ja publicado obras de valor, que são uma consagração ao seus bellos doctes de intellectual.

Quando, os literatos d'aqui, procuraram «a chatar» o seu valor literario, fóra do estado é elle apontado com um verdadeiro poeta.

E' que aqui em a nossa terra, só teem direito a «optimas» referencias, aquelles que sabem babujar lóas á meia duzia de caricatos que vivem do engrossa mento nojento e asquerozo.

Agradecendo lhe a honroza vizita, abraçamol-o.

OS FUNERAES DA HONRA

Qual é a penna que merece um homem cazado, cercado de filhos, que prostitue meninas pobres e inexperientes, que se deixam seduzir por promessas meli jirozas?

Achamos nós, que a unica admissivel é a de linche!

O homem casado que desce ao lupanar da prostituição para por em pratica as suas libidinosidades, de florando uma mocinha pobre, não merece o bom conceito dos homens de bem e nem o amplexo da sociedade.

As pessoas serias, os que honram o lar da familia, os que têm dignidade, os que são austeros, os que sabem cumprir com os seus deveres perante a sociedade tem o direito de repellar a todo o individuo perverso que commetter um acto de baixeza, que degrade a propria sociedade.

Esses não merecem a menor particula de consideração, devem viver com a fronte baixa, desprezados e a maldicoados.

E' a justiça mais acertada para os transviados que effrontam ostencivamente á moral social.

O facto que ora está no dominio publico relativo ao desfloramento de uma pobre moça seduzida pelas labias asquerozas de um homem que não soube ou não quiz medir a alta responsabilidade de um acto reprovavel, condemnado pelas leis sociais, é desses que entristece, pela maneira brusca com que foi perpetrado!

A pobre infeliz mocinha, rezidia em companhia do acuzado, quando se deu o triste facto da sua deshonra!

O que fará a justiça da terra para o acuzado?

E' o que nos resta saber!

Haue: á dote, apesar de que o dinheiro não compra honra e nem a restitue?

Ja se procedeu o exame de sanidade?

O que disseram os medicos?

Ninguem o sabe!...

O certo é que o negociante ficará na impunidade do crime, expiando a sua obra nefanda de prostituir uma moça pobre, talvez as ultimas esperanças de seus paes!

Mas, aqui estamos para gritar contra essa miseria moral que nos amesquinha aos olhos do mundo culto!

Voltaremos na quinta-feira.

CONCURSO

Como é?

O cujo comeu macacheira, ou... caxeira?

Tem um premio p'ra quem ac-vinhar!

Namorados

(A scena passa-se á rua da Palma. A moça já tinha se esquecido do primeiro marido, que por motivo de molestia, fóra para o interior da ilha. Agora, a famosa namoradeira gostava d'outro - Actualidade).

—Mas, eu tanto que a você...

—Jure...

—Serio, com certeza.

—Mas jure, senhor...

—Pela ultima benção que minha mãe me botou; quero ser o sujeito mais «desinfeliz» deste mundo, se não fór a pura verdade que despejo pela bocca a fora!

—Basta, basta.

—Então...

—Não é isso: para eu acreditar francamente no seu amor, quero que me dê um signal evidente.

—Qual seja.

—É simples, «mas porém» radical.

—Diga.

—E'...é...

—Fale, sem vergonha.

—E' que eu tenho muita...

—Então não diz?...

—Digo: é que eu queria... eu queria... que o senhor me presenteasse com um corte de vestido, como o primeiro signal de verdadeiro amor..

—Uê é é!

—Acha muito?

—Conforme a fazenda.

—E' de cambráia barata.

—Ah! bem, bem...dou...

Não sabemos se a bohemia ponde sangrar desta vez; mas o certo é que voltou o antigo namorado.

Quando o segundo (que ia dar o corte... de vestido) estava no decantado «dulce far niente» da palestra com a futura noiva, chega o primeiro que tinha mais direito adquirido:

—Aprompte-se e... vamos ao cinema.

Todos, entreolharam se espantados. O primeiro noivo continuou, voltando-se para a dupla noiva, ou noiva infestada:

—Já disse... levante se... deixe-se de mais conversas ahi... aprompte-se... e vamos ao cinema.

—Mas...

—Não tem mas, nem mais nada... vamos.

—Deixe ao menos eu me apromptar...

—Então levante-se.

E os dois sabiram. O segundo noivo do corte, ficou abestalhado, com agua na bocca, a ver navios. Sumiu se a barca.....rebocando um...tubarão, enquanto debruçado sobre o...espelho da cadeira, o noivo desprezado dava voltas ao móllo, a adivinhar para qua. dos cinemas os dois se botavam. Ha tantos!...



Chronica do papagaio

—Então meu loiro, como vamos de festejos de Nascimentos?

—Que Nascimento?

—Nascei-me to de Christo.

—Ah! Iamos bem, muito bem, mesmo, se não fôr e uma encenação de branquidade, que se deu numa festa de nascimento de Jesus, lá para as bandas do...

—Mas, espera, como foi? Apuração de qualidades?

—Sim, umas «brancas» que quizeram se apurar com uns mulatinhos, noitantes, que faziam a festa na mesma casa.

—Mas, como? Não comprehendidi ainda.

—E' facil:— umas brancas, que a côr, corresponde com a astulta pretensão; mas, o cabelo...

—Ah! Já sei. O cabelo éuveiro e sêcco...

—Justamente.

—Sim, vamos.

—Pois bem. O mulatinho era noitante mais uns quatro... Contractaram uma boa orchestra para o baile. As moças deram a meza de doces. Mas, (já ia me esquecendo), na vespera, a dona da casa, de combinação com as brancas, preveniu aos noitantes mulatinhos, que só convidassem «brancas» de primeira ordem... veja lá que audacia...

—E' exacto e mais exacto é, que, depois da liberdade, sem contar mesmo a infinidade de ventre-livre não digo que seja impossível, mas, todavia, é bem trabalhoso e difficil, encontrar-se uma arvore de trinta e dois galhos, que brotasse da pura neve...

—Não comprehendidi, Ioyô...

—Então deixa, fica por isso... vamos ao desenlace da festa.

—Mas, sim; o baile já ia em meio quando o pessoal, «alvorado» notou a «escuridão da noite». Os semblantes tornavam-se «carrancudos». Ameaçava tempestade.

Botou-se a mesa.

As «brancas» e a dona da casa, serviram perfeita e largamente as «claras-neves». Houve dôce muito. Para os «tabatingas»... nada: nem dôce, nem meza.

Principio de rôlo.

Nisto chegou um clarinêta imprudente, que queria por força tocar uma quadrilha com um só instrumento, provocando os outros musicos.

—E não brigaram?

—Felizmente, porque os mulatinhos tinham educação. Não comeram dôces, mas também retiraram, com a orchestra que contractaram, o cujo causador...

—Bravos, fizeram bem! E o homem de um só instsumento?

—Quem?

—O clarinetista.

—Ah! Esse eu já disse: depois da orchestra fóra, elle confessou que não podia, sósinho, tocar uma quadrilha... e o baile teve de acabar. Mas, na rua, elle ainda dizia, furioso:

—Diabo. Mas as «brancas» me contractaram!... Quero o dinheirô...

O papagaio.

—O—

NO TELEPHONE

—Prompto, quem fala?

—Sou criado. Faça obsequio de ligar para o caminho do Turú.

—Mas para que parte?

—Para a encruzilhada.

—Prompto.

—Olhe, quem fala é uma empregada da fabrica, ouça bem. Aqui tem mais duas companheiras minhas, que se estão queixando do gerente não augmèntar o salário.

—Mas, porque?

—Porque não fazem serão.

—E porque também não fazem serão?

—Porque os que fazem, são sómente aquellas que elle anda de olho...

—Como?

—Pergunte a essa que está aqui na cidade, quantas vezes ella não fez serão, até ás seté, limpando agulha na machina no gabinete do gerente.

—Mas é impossível.

—Não é tanto. Compre uma «A Tocha», leia toda e depois acenda lhe o morrão, que o senhor facilmente achal-a-ha.

—Vou experimentar. Adeus.

—Adeus.

Siridó.



ARMADOR... BARULHENTO

Pleno meio dia. O pessoal do becco do Mocambo estava á janella, procurando um pouco de calor, pois chovêra a noite inteira.

Tudo frio.

Não tardou muito, porém, que viesse esquentar a rua, uma scena escaldante:

—Passe p'ra rua.

—Não passo.

—Ah! Você não passa?

—Não passo.

—Pois, então, lá vae obra.

E o camarado passou uma formidável rasfeira na camarada, atirando-a toda esfrangalhada, de capo para o ar no lagêdo. Foi o bastante. De pernas abertas, completamente nua, a pobre mulherona mostrou o «cinematographo».

—Cinema! Cinema! bradaram umas creanças que estavam perto, enquanto o pessoal cahiu de gargalhadas...

Só assim esquentava o dia... o sol appareceu...

=

Outra, Sapateiro gaiato. Entrou para tirar medida do pé da namorada e tirou justamente de onde não devêra. O pae pegou-os em flagrante. Pôlos na rua a ambos. Agora é que são ellas. Elle pobre, ella também. Filho em scena. No Cutim do Padre, de frente da chacara Izabel. Os commentarios versam em todos os sentidos. Nós não sabemos o que faça. Adeus.

Coisas

Pafuncio era casado.

Verdadeiramente felizes, os dois esposos uniam-se tanto, que pareciam nascidos para esse fim.

Todos os dias Vivica tinha dinheiro para emprestar ao marido, quando este, por falta de serviço, chegava resbaforido da rua, no fim das semanas, se maldizendo da sorte.

A mulher, muito amavel, tinha sempre uns arrancos como este:

—Ora, Pafuncio, não te lamentes assim, que podes offender a Deus, com tuas pragas!

—Deixa-me, mulher, deixa-me, com os milhões dos diabos...

—E' isto! Sempre isto...fraco...esmorecido, respondia a esposa, consolando-o.

—Mas, o que queres que faça, sem dinheiro?

—Ouvi: eu ganho mais dinheiro do que tu, Pafuncio... e sem sair de casa!

—Como?... Ora sêbo...

—Bem...bem, mesmo...

—Mas como?

—Escuta...e a mu'ner ia explicar em como ganhava mais do que o marido, quando bateram á porta.

Vivica correu ao corredor, abriu o cancelão e mandou o amante entrar para o quarto contiguo.

Volto á esposa para junto do...do...marido e disse:

—Tens dinheiro?

—Como hei de tel o, se ainda não ganhei vintem nesta semana? respondeu o Pafuncio um tanto intrigado, mas sem comprehender a pergunta da Vivica.

—De quanto precisas?

—Duns quarenta ou cincoenta mil réis...

—Oh! E' muito!

—Nem vinte?

—Espera ahi...tenho uns cobres, na mala, no meu quarto de dormir...Vou vêr...já volto.

E' foi.

Passados uns vinte minutos, o...marido, sem de nada maldar, foi de pontinha de pés, abelhuar onde a espôsa guardava o inexto tavel thesouro.

Abriu de mansinho a porta e espiou para dentro. O quadro era delicioso e não nos detemos a descrever o que fazia uma adúltera com o amante sobre a cama... o leitor julgará.

O marido não se oppôz...fez um ar de rizo e muito de leve pegou duma cadeira e pôl-a junto da porta, aguardando a esposa.

Vivica não demorou a sahir do talamo nupcial com uma nota de vinte entre os dedos.

—Já? perguntou o marido.

A mulher fez um signal affirmativo com a cabeça.

—Bem, disse o Pafuncio, guardando a nota:—Falta apenas o resto. Vá buscal-o e guarde-o para quando eu voltar...e beijou a espôsa na testa.

Palmerio Leiró.

Nas Zoras



O leitor já viu Naiza chorar?

Pois bem, nós a vimos «lavada» em prantos no dia em que o couraçado Marócas arribou os ferros indo em procura dos estaleiros para retocar os fundos que estão estragadissimos.

Era, um gosto ver Naiza chorar...

Coitadiiiiiiiinha.....

—Adeus Marócas! até quando?...

Ah! Sirlboia! quem te não conhece que te coma...

Antoninha cangurú está de lucto «fechado»...

Ora bolas! Um lucto fechado, para quem leva fechados...

Anna Paula declarou que, no dia do seu anniversario, haverá cinema, livre, onde será exhibido o «trade» do barbeiro da rua de S. Pantaleão.

GOSTO ESTRAGADO

—Mas, que diabo andava fazendo a tres canos de par com aquelle cavalleiro, lá para as bandas da rua do Passeio, tamanha tres horas da tarde?

—A tres canos?

—Sim, ella mesmo.

—Mas, de par como,—na garupa?

—Não, a pé.

—Não sei. Mas, talvez, estaria pensando, quem dos dois passava ao outro: se ella passava o cavallo, ou o cavallo passava ella.

—O mais certo é mais evidente, é o cavallo passar ella.

—Eu digo que não; porque uma vez que a tres canos aprenda a esquipar, virá a ser uma egua de primeira grandeza para...marchar.

—Que Deus o ouça...



Phantasmas

I

E' baixo e roliço
Parece um barril;
No grosso toitico
Carrega um funil,
Por onde despeja
Com muita imposão
Cachaça e cerveja
De grande porção.

Futuro intendente,
De largo horizonte,
Fareja essa gente
Que leva na fonte,
Porque essas divas,
Com mais rapidez,
Se tornam captivas
Do obêso Lupez.

Me disse a Gregoria
Com assento pedante,
Que sabe uma historia
Dum anel de brilhante;
E' que aquella cabeça,
Que lembra uma esphera,
E' feita da cêra
De Santa...Severa!

Braz Aquino

TOCHA

ANNO II |

S. LUIZ—QUINTA-FEIRA 7 DE MARÇO DE 1912

| NUMERO 83

7 de Março

Mais um anno de governo completou no dia 4 de março o inclyto governador do Estado S. Exc. o Dr. Luiz Antonio Domingues da Silva.

O povo maranhense reconhecendo os grandes beneficios que lhe tem prestado tão conspícuo e honrado cidadão, festejou, no domingo, essa data que marca na nossa historia politica uma era de congraçamento partidario, pelo bem geral da terra Maranhense.

Apezar de que as finanças do Estado não estão em optimas condições, no entanto, vamos vivendo folgadamente, e isso so devido a saiba e criteriosa administração que tem imprimido a sua gestão governamental o honrado Dr. Luiz Domingues.

Como maranhense que nos orgulhamos de ser; como patriota que muito amamos a nossa terra, fazemos votos sinceros para S. Exc. o Dr. Luiz Domingues, vencendo as dificuldades financeiras em que se acha o Maranhão, possa terminar de modo brilhante o quatrienio governamental, e que no momento politico a que ora atravessamos, S. Exc. encontre amigos sinceros, amigos desinteressados dos manejos da odienta politica, dessa politica que aniquila o caracter de todo administrador honrado que se deixe cercar dos judas e transfugas.

Saudando S. Exc. pela data feliz de 4 de Março, nós fazemos a vontade do povo maranhense, que honrado e glorificado com presença de S. Exc. no governo, tem o gratissimo ensejo de mostra-lhe o quanto admira.

Glorias !

Inagurou-se, hontem, a estatua d'aquelle que em vida se chamou Benedicto Leite.

Justa, pois, a homenagem que, de certo fallou de perto a alma do povo maranhense sempre limpida para glorificar os grandes !

E Benedicta Leite, é por demais merecedor desse preito de homenagem, immortalizando-o no marmore para a admiração dos posteres.

Era Benedicto Leite um desses homens que, abraçando a vida politica, sabia com carinho e amor servir a cauza publica.

Politico de rara envergadura moral, chefe de um partido de tradições gloriosas, Benedicto Leite soube imprimir na organização do movimento, uma orientação esclarecida, uma ordem em todo o vasto campo por onde se estendia as fileiras do mesmo.

Amava o Maranhão, queria vel-o grande, florescente, marchando com desasombro entre os Estados que progridem.

Era um benemerito, pois que, a sua fecunda e vasta dedicação, pelo bem de terra que lhe servio de berço diz de modo insophismavel.

Bondoço, elle sabia corresponder a todo aquelle que lhe procurava a cata de melhoras de vida material.

Era um bom; tinha um coração magnanimo; e a prova é que collocou em diversos ramos da publica administração os seus mais acirrados adversarios.

Quando governou o Maranhão, fez um governo de liberdade, foi tolerante ao extremo; respeitava as opi-

A terra maranhense, erigindo a sua estatua não faz mais do que um dever !

Elle é merecedor de todas as homenagens, elle merece o carinho de todos porque, não houve, não ha e nem haverá maranhense que amasse mais a esta terra do que elle !

Glorifiquemos, pois, o nome d'elle, rendamos-lhe homenagens, immortalizando-o no bronze para viver a posteridade !

Foi um vulto extraordinario na politica nacional, deixou nos annaes do parlamento a sua vasta e culta illustração.

Era uma gloria para o Maranhão que nelle divizava um luctador cheio de serviço a cauza de seu progresso.

Por isso foi que o povo unido compareceu a Praça que lhe tem o nome, para render o verdadeiro culto de civismo, o culto de respeito e admiração que lhe é devido e que só aos grandes temos o dever de homenagear com a alegria de nossa alma e com a expontanedade dos nossos corações !

Aos grandes não se nega o culto de civismo.

Benedicto Leite é um desses, merece, e por merecer tanto, é que jaz immortalizado no bronze !

O seu nome não morrerá nunca da nossa memoria, basta sempre lembrar que elle mais do que ninguém se esforçou pelo progresso do Maranhão.

Glorias a Benedicto Leite !

Glorias ! Glorias !



Campanha Justa

do lado do povo, fallando pelo seu bem estar, clamando pelo bem de todos, mórmente quando se trata da carestia da vida.

Aquelle magistral artigo publicado em a sua edição de quinta-feira, sob a epigrapha:—«Uma questão vital», é uma verdade.

Aquellas palavras calaram profundamente na alma do povo; todos aplaudiram com desmedido entusiasmo, todos a «uma voz», bem disseram a voz do mencionado jornal, que ainda não esqueceu as suas tradições gloriosas em defesa legítima dos interesses do povo.

Os senhores marchantes abuzam de mais; commetem os maiores absurdos no preço da carne, explorando a bolça do povo e ainda por escarneo põe a venda carne podre por preço excessivo,

«Quando a imprensa clama, o povo chora», disse um dia o grande abolicionista e eminente jornalista, José do Patrocínio.

E o jornal «Pacotilha», sentinella avançada dos interesses populares deu o grito de alarma contra o abuso e o absurdo de meia duzia de exploradores gananciosos, exploradores da bolça do pobre,

Continue a «Pacotilha» clamar contra essa falta de decência da parte de quem procura prejudicar uma população inteira pondo a venda carne podre.

Clame, a «Pacotilha» que maior serinda as correntes de sympathia, que de certo, não lhe negará o povo d'esta terra, cansado de soffrer com o preço da carne verde!

Muito Bem!



UMA CARTA IMPORTANTE— PROVIDENCIAS A'S AUTORIDADES— JUSTIÇA PARA OS GRANDES.— CLAMOR PUBLICO.

Cebemas de Alcantara, a carta que abaixo inserimos, para a qual chamamos a attenção do publico maranhense.

O missivista pede-nos que clamemos justiça para punir conhesido cidadão que em «cooperativas» investidas aos dinheiros do povo, que coitado é sempre a victima indefeza dos espertalhões, que uma vez condemnados ainda encontram protecção esrandaloza da parte de quem por um principio de moral devia zelar pelo bem e respeito á boa cauza da Justiça que em actualidade vae perdendo, e nós o acatamento que lhe

que as vezes sofre o oprobrio da venalidade e do descredito!

Se ha punição, e severa, para os pequenos que ás vezes roubam pela necessidade latente da barriga, um furto mesquidho de escalar muros para furtar gallinhas, uma insignificancia, como não haver para os refinadissimos... de cazaca, experimentados no assalto aos dinheiros do povo?

Não; isso não está nada serio!

A justiça, para melhor desempenho da sua sagrada missão, deve afastar de si toda e qualquer conveniencia.

O povo, cabisbaixo, assiste essa falta de boa ordem na distribuição da Justiça na terra maranhense.

Não temos intuito contra quem por um esperito vesgo de incomprehensibilidade, nos leve a mal em publicarmos a seguinte carta:

Illmos. Senhores Redactores do jornal «Tocha».

Saudações.

(Alcantara)

D'aqui vos escrevo para relatar ao publico de S. Luiz, como se acha nesta terra que foi o berço do grande Franco de Sá, um certo senhor, que por mexer nos cofres do Zé po-vinho, «foi «punido na forma da lei».

Eu não comprehendo o character da Justiça quando ella estabelece distincções entre partes que lhe são afeta.

Não ha Justiça para os grandes, amigo Redactor, se houvesse, estou certo, o cujo que aqui destructa a cobreira—federalistica, teria como punição ao escandoloso «cooperativo», de então, as grades da cadeia, e não vastissimos salões, mesa farta e tudo o mais que mui bem deseja...

Justica! vã palavra!

Justiça, symbolo da ordem moral, guarda vigilante de todas as instituições, de todos os direitos, mas que, tem decabido nas plagas maranhense o berço incomparavel do sa- de onde ha brotado genios de

cafila dos tratantes e au faciozes ma fazejos».

Ah! quem nos dará a sua presença aqui!

Talvez que a justiça fosse uma realidade!

Emquanto a pobreza difinha a fome; emquanto as criancinhas desvalidas choram a falta de um pedaço de pão; um individuo que criminosamente rouba os dinheiros do povo, vive regaladamente com a pança cheia e por ultimo escarnecendo da Justiça da terra!

Só ha uma no mundo que lhe não perdoará as faltas: a Justiça divina, cujo Juiz é Deus.

Um alcantarens.

==0-0==

Coisas



Minha avó Carlottinha, mulher do meu avô Simplicio, me contara, em o meu tempo de criança, uma historia de bailes familiares. Dizia-me, que, quando se realizava um baile familiar, era o mesmo que estabelecer uma regra de verdadeira moralidade na escolha dos convites.

A sociedade d'aquelles tempos saudosos, impunha um certo respeito ás leis sociaes, não admittia em o seu seio uma certa ordem de pessoas que, victimas do germen da corrupção, procuram espelhar a desordem e o desmembramento social.

Prezentemente, se da ao contrario, principalmente em reuniões em que se procura o nome de «familiar».

Os bailes são o que todos vêem, principalmente nos de carnava

Agora, vim contar ao leitor, ami-
go, um desses casos que merecem
condenação formal.

Uma certa cuja, muito conhecida
essa e talvez do publico em geral,
e a sencerimonia de penetrar em
dos clubs onde se realizou uma
tida a phantazia.

Só isso bastou para escandalizar a
a!

uma «moça» prostituida dançar em
familiar, onde se procurava
decer as qualidades!

as directoras ficaram com a
no... chão...

o houve quem não profligasse
lhente abuso da parte da cuja,
por principio de respeito à so-
de devia retrahir-se, mais e não
der o lar alheio.

sorte... sua alma... sua pal-
mas sem «grinalda»...

Palmeiro Leiró

tempo— Quem ficou dâmnado
torco em pé portanto.

endo Mas não deu remedio,

Eu mesmo.



ENTRE AS... DUAS

verdade, minha filha; que
ou a tua roseira, que com
balho cultivavas no jardim
e?

ren.
veja! Como?

Juca é que sabe como foi,
quasi todos os dias, entendia
a, sem necessidade!
te? Elle tambem mexia na
ra?

o não? Que mal ia, nisso?
muitas vezes até molha-

ahi o caso:—ou elle não,
o direito, como mandam
ou, então, foi mão elha-

— Talvez fosse, «mãe olhada» de
outro?

— Isso é que não? O unico que
olhava para a minha... roseira, era
elle. E para mais provar a sua de-
dicação pela planta, era quem cons-
tantemente tirava com os dedos,
uma coisa branca que criava ao re-
dor... Como se chama?

— O que?

Essa coisa branca que cria em re-
dor do tronco das roseiras?

— Ah!... Allôrra, minha filha, al-
fôrra... uns bichinhos alvos, que
formam uma especie de massa bran-
ca em redor da...

— Isso mesmo! Pois era elle quem
os tirava constantemente com os de-
dos,

— A proposito: que fim levou o
Juca, esse teu noivo?

— Um, um.

— Não sabes?

— Elle zangou-se por uma vez,
que... que lhe falei por me ter des-
florado... a roseira. E desde então,
até hoje não appareceu!

— Desflorou?

— Sim, desflorou a roseira.

— E porque não m'o disseste?

— Achei inutil, pois mamãe não
podia revivel-a...

— Mais outro poderia.

— Ah... Se houvesse...

— Experimenta.

LE TLOCH.

— (o)—



SARILHO

Amelia tinha um gatinho,

Que bicho lindo, asseiado!

De manhã, muito cêdinho.

Miava pelo telhado.

Era branco, todo alvinho,

Mas sahiu se malfadado;

De maneiras que um visinho

Prometteu-lhe um «pão furado».

Amelia, «chula» do gato;

Veste grosso espalhafato:

ol ter com o vizinho:— o Prizo,

— ou, então, foi mão elha-

— ou, então, foi mão elha-



SONETO

á uns namorados que se não vecham

Na cama, com a fronte para o ar,

O ex-caxeiro, assiduo enamorado

Pelo riso do amor illimitado:

Deitado com... á bricar á brincar...

O dono da Casa, já alquebrado

E loentio, jámais póde falar;

A' mãi (della) alheia ao paladar,

Da filha, não se encomoda. O es-
covado...

Já tira o palitot! E quando chega..

...Todo amaval:—boa noite, senho-
ras!..

E, á dona da casa, que não gosta.

Faz que não houve, (um pouco
grêga),

E, diz:—vou me deitar. já deu dez
horas?!
gecha as janellas e vai danda á
costa...

Frei Pimenta.



Que fim levou a decantada cons-
trução da Estrada de ferro de S.

Luiz á Caxias?

Seguirá, ou meteram alguma tra-
va?

Como é, vai ou não?

O' Maranhão! Que é feito dos
teus representantes!

Só sabemos das trilhos, assim
mesmo porque são aqui despacha-

Um homem nu

A rua de S. João n.º, existe um individuo que como o Eudamidas no tempo em que era professor á rua Jacintho Maia, deu para andar em trajos de Adão.

Não sabemos por qual motivo, pois, as Evas estão um tanto ariscas em virtude do lustro ds seu coiro exposto á luz da lua.

Se continuar assim, e a policia não der cobro a semelhante «aphrodisio», darlhe-emos uma boa dose de chibata. . .

Alem do «traje» indecente, o tal individuo arruma uma pornographia indecente a quem lhe corrige a forma de «vestir-se».

Basta, que um dia não se lembrará mais de tomar «fresco assim» . . .



Chamamos a boa attenção dos papás para um abuso religioso de uma menina que todas as sextas-feira vae confessar-se no Carmo.

E' bom ver que os taes frades não são «Santinhos» . . .



Chamamos attenção da Hygiene para umas mulheres que á rua da Palma, junto ao Paulino deram para lavar pratos, tigellas, ouriões e tudo mais, em plena rua, e isso acompanhado de «fria linguagem».

—o—

Pelo Turu



Só parece que no Anil não tem autoridade, só parece que vivemos em uma terra onde não existe a mais pequena noção de civilização.

Os bailes publicos são o que toda gente sabe; terminam sempre em barulho, e as vezes em assassinatos principalmente o do celebre Marciano, que constantemente tem os salões sujo de sangue das vitimas do punhal e da bala.

Ainda temos em memoria aquelle crime horroroso de que foi autor um filho de conhecido capitalista em Pernambuco, que friamente arrancou á existencia de um infeliz chefe de familia, barbeiro, que não honrando o matrimonio, vivia en-

gatar; o que prende agora a nossa attenção é um «forchodó» que se realiza todos os sabados para ás bandas do Anil, no Turú.

Tem havido o diabo; rôlos de todos os tamanhos; onde se celebra o machinista da fabrica do Anil, que tem as costas protegidas pelo Sultão, que por sua vez é intimo da autoridade, que fecha os olhos para semelhantes attentados ao socêgo publico.

O Turú vive entregue ao banditismo, e a autoridade permanece impassivel, assiste tudo de braços cruzados.

E' preciso por-se termo aos bailes que ultimamente se realizam no Turú, pois, se não tomar-se providencias, certamente, teremos de relatar assassinatos.

Urge tomar em consideração a nossa reclamação que é toda de justiça, pois, é a verdade.

—(o)—

O veneno

O veneno está no auge do maior progresso com relação ao terminio forçado da existencia.

A quadra horrivel que atravessamos com semelhantes attentados á existencia, faz crer que mui breve esta terra adquira no seu necrologio o maior numero de victimas da toxocologia.

Quando não é alguém que peite outro para mandar envenenar, é mais outro que, lançando mão do terrivel toxico põe termo á existencia.

Sabemos que na rua de Sant'Anna, deu-se outro caso de envenenamento.

Pelo que nos contam, esse foi motivado por excesso exclusivo do amor, pois, não ha muito seu namorado morreu tambem envenenado...

Entretanto, o caso parece, pilheria, porque, segundo ouvimos, a cuja envenenou-se com «papa» de «ararutá»?

Será certo?

Que diabo de ararutá é essa que envenena?



Fac. s

Maria Luiza, é uma bichinha que mora á rua da Estrella e que tem uns geitinhos de siriri-moleque.

Um dia destes, o camarado da Amelia, embelezado pelos tregeitos da Cotinha, lá foi todo dengoso, parar nos quartos della. A Amelia, que não estava para se conformar com o «roubo», zás, pegou o «rico filhinho» gosando as carnaduras da Luizinha.

Ahi é que a coisa entrou:—Foi taponas de nossa morte!

Por fim, a Maria Luiza cansada de dar com a cara na mão da Amelia, lá foi queixar-se á policia.

E cae o panno.

—o—o—

E' certo, mesmo, que aquelle dr. anda namorando aquella conhecida viuva, que ainda nem deixou o luto? Vamos informar.

—o—o—

RETRATOS

E' branco alto, (amarello) feio, falla fanho, bebedo, desmoralizado, casado, não vive com a mulher, servente de um estabelecimento publico, mora na rua das Creolas, usa palitot preto, calça remendada, tem a cara de fome, o pé de pato, vai todas ás noites a uma casa á rua de S. . . onde amola até meia noite. C-type procura manchar, este, aquelle; relira de si mesmo uma nodoa que jamais se apagará, ferindo indirectamente o preto feio, lambe sola, mas honrado, estimado, criteriozo que vive junto dos seus.

Tem um premio para quem advinhar.

E' sem vergonha mentirozo e petulante. O patife se arroja ao ultimo grão, porque procurando ferir os melindres de uma familia honrada, mostrou o quanto é baixo de

TOCHA

JORNAL DO POVO

ANNO - II

I

MARANHÃO--Abril de 1912

I

NUMERO 87

CANDIDATURA POPULAR

E' voz corrente que está apresentada a candidatura do sr. coronel Alexandre Collares Moreira, para Intendente Municipal.

E' uma escolha digna e patriótica, que não só merece applausos, mas o completo apoio do povo que sabe render culto ao civismo, sufragando nas urnas o nome daquelle que, na administração publica, quer estadoal ou municipal, soube imprimir a gestão criteriosa e honrada, dos homens de seu caracter.

O povo maranhense que nelle divisa um homem de caracter rijo, de moraliteirica, ed e tino politico que não transige, certo que não vacillará em fazel o intendente mais uma vez, recompensando com seus votos, os inolvidaveis serviços que o eminente chefe politico vem de ha muito patenteando á terra maranhense, orgulhosa de lhe ser berço e tel-o como filho extremoso:

Será a manifestação expontanea do voto livre, que lhe ha de levar novamente á cadeia que tanto honrou e honrará com a sua administração.

E' o que espera o povo maranhense nas proximas eleições.

MARANHENSES !

A miseria nos bate á porta ! De toda a parte ouve-se protesto contra a carestia da vida ! Do lar da pobreza partem gemidos e ais lancinantes, lagrimas de mãe que choram a falta de pão para dar aos filhinhos !

E' o desespero em cauza ! Mas tenhamos resignação; enfrentemos a miseria que ahi está de fauces escancaradas, tentando devorar tudo d'uma só vez ! A carestia da vida ! é o que ouve de momento, cortando coração e apunhalando a alma !

Quantas creancinhas t e e m passado fome, porque os seus paes não podem adquirir o dinheiro preciso para comprar o genero de primeira necessidade á alimentação: a carne ?

As mercadorias de taberna estão carissimas; até mesmo o pão é uma insignificancia !

Alguem, pelo despeito e para tirar proveito ao partidatismo mesquinho, aponta como responsável pelos males que nos affligem, o honrado e impolluto governador do Estado.

Mas não acreditemos nesses cretinos nauseantes que se servem da desgraça alheia para ganharem «laures de victorias».

Esses são uns miseraveis, que, em vez de coadjuvar o patriótico governador, na grande obra de salvação do estado, estabelocem entre nós o dominio da anarchia num desmedido ran-côr diabolico, levantando a fandeira da insania !

Quem merece a nossa maldição são esses marchantes larápios cynicos da bolça do povo; esses sim; merecem cadeia por que estão roubando o povo !

Convencamo-nos de uma vez para sempre que esses marchantes são uns refinadissimos gatuños, porque rouba nos até o socêgo ! Até o SOCEGO !

Contra ellos é que devemos nos levantar !

NOTAS

Caxias está anarchizada. A justiça ali vae sendo enxovalhada por um juiz caricato e capadocio, que faz da sagrada profissão de magistrado, um campo mesquinho das mais audaciosas torpezas de politicagem que lhe domina o espirito trefico e diabolico.

Filismente, para honra da magistratura maranhense, la se acha o integro e austero dr. juiz em commissão que com dignidade e altivez que lhe são peculiar tem sabido impor sua

autoridade, em respeito á lei e ao direito.

Vociferem os cretinos da jararaca o quanto poderem, mas não alcançarão nunca morder o tacão das botas de quem muito acima, mas, muito acima mesmo das suas perversidades, sabe impor-se a admiração do povo maranhense.

—O—

O «Diario do Maranhão» mais nada...nem mais masculinidade ! Remorso !...

—«O»—



PELO ANIL !

Não pode ser outra coisa. Aquella «terra» está sob o dominio absoluto do sultão.

Já moça alguma naquella arrebalde pode francamente dizer: —Eu sou minha, posso desposar quem muito bem anteder; porque se fôr tão «ousada», como diz elle, não ha duvida que passará pelo diszabor de ser passada a «fio de espada».

Foi o que aconteceu num destes dias pelas duas da tarde no proprio harém das damas de honôr, quando uma destas, não querendo sujeitar-se ás imposições selvagens do monarcha, quiz fugir. Este, furibundo por aquella desobediencia inperdavel, mandou-a perseguir por todos os caminhos em carruagens mysteriosas, cujos sacripantas alcançaram a victima, obrigando-a a voltar no mesmo pé para internar-se vexatoriamente no sinistro palacio das misérias !

E' o cumulo !

E será possível que não haja alguem que cuide disto ?

E o que fazem os homens des-se lugar ?

Quinta-feira voltaremos,



Recebemos a seguinte Cart
que publicamos para o conheci-
mento de todos.

No numero passado o nosso
jornal deu uma retificação com
relação ao senhor José Ribeiro.

Elle s. dizia innocente, pe-
diu nos uma retificação, e nos
fizemos a sua vontade, porém,
hoje, recebemos uma carta em
que o mesmo senhor é apontado
até passando receita para a po-
bre moça.

Prezado amigo Redactor

Santares

Quem vos escreve estas linhas
é um amigo do pae da victima
do senhor José Ribeiro.

Eu venho em defeza do infe-
liz velho e da desgraçada meni-
na que se d. ixando seduzir pe-
las palavras doces de amor do
senhor José Ribeiro, cahio nas
suas garras para sahir prosti-
tuída.

Quadro negro, amigo R. dac-
tor; a moça está no fundo de
uma rede, emagrecida; cada veri-
ca e as vezes agoniada...

O velho pae d'ella, oh! Linda
é mais triste com o abalo mo-
ral da deshonra de sua filha per-
deu até o emprego!

Eu li quando citastes que os
medicos da policia declararam
o defloramento antigo, ach i bem
ponderada a opinião dos distin-
tos facultativos.

Elles não poderiam dizer ou-
tra coiza, sinão o que está no
registro policial em resposta a
auctoridade.

Mas, am go Redactor, quando
o José Ribeiro dellorou a pobre
moça andou cabando-se do mal
que fizera e até mesmo offere-
cendo a outros sem que o infe-
liz pae fosse sabedor, so vindo
a saber quando a sua filha apre-
zentou symptomas de gravidez,
logo, por ahi se conclue que o
defloramento não podia ser re-
cente uma vez que José Rib iro,
teve concubito carnal, ha me-
zes... Essa é que é a verdade.

E demais Senhor Redactor,
qual o intuito do Sephor José

Ribeiro se fazendo medico, pas-
sar receitas para a pobre moça
não sentir enco. modes isto é,
matar o feto?

Os remedios ainda estão na
na casa da familia, tem até
uma caixa de pilulas que a po-
bre moça ainda não «provou».

O certo é que, desde o d a em
que ella tomou os remedios re-
ceitados pelo senhor «Dr.» José
Ribeiro, tem estado em vom-
ito... o que é isso?

Ah! amigo Senhor, José Ri-
beiro procurou esconder a gra-
videz da pobre moça e porisso
deu lhe remedios para dissolver
o feto.

Mas a Justiça Divina ahi está
para castigar-lhe.

Um pae.

Pela crta acima achamos que
a polia tem de chamar de novo
em sua presença o moço, J.
Ribeiro para justificar-se das
«receitas» que passou a pobre
moça que segundo diz a carta,
elle a prostituiu.

Em todo caso aqui ficamos.

—o—

CHRISTG RIFADO E NA LATRINA

—Seu mané, o senhor já
«passou» todos os bilhetes da
rita?

—Não passei-os, vendi todos,
sim, senhora:

—A como?

—Oitocentos réis, conforme
a senhora determinou.

—Fez bem, mas já estão ahi
todo o dinheiro e todos os ao-
cios?

—Já, sim, senhora.

—Pois então alerta! Vae
correr a «Joana»! Muita atten-
ção!... E' verdade. = quantos
bilh tes o senhor vendeu?

—Todos.

—Ah! Vendeu todos?
Pois bem; eram vinte e um,
logo são desesseis mil e oito
centos (16\$800)?

—Venha o cobre.

—Está aqui... prompto.

—Agora, s.m. Vae correr a
«Joana»!... E aquelle que tirar
por sorte o Christo, eu compro
por dez mil réis... Vae cor-
rer!

—Vinte e quatro...

—E' bole.

—Dôse...

—Vamos.

—Desenove...

—Vá dizendo

—Quinze...

=Venha o «bicho», que é
meu.

—Não Senhor! Você fez
quadra, não pôde ainda bater!

Não ganhou, não s nhor!

—Ganhei sim. Fiz quina,

portanto o Christo é minha

—Não é, protesio!

—E', sim.

—Não é...

—Quil! Você está até be-

tando!... Ou eu levo o Christo,

ou se escangalha elle já aqui

nesta garapa!... Isso é ladro-

eira.

—Então, pegue, pegue o

seu dinheiro.

—Não quero. Eu quero é o

Christo; e vamos...

E nesse momento, lá foi qui-

no, lá foi gent, lá foi Christo,

lá foi tu to!

O pessoal estava doido de rai-

va. Foi bofetada a valer!

Por fim, a dona da rita tam-

ben zangada, mandou mão dos

fragmentos que se espalhara

pelo terraço e juntando os todos

dentro dum cofo, correu para o

fundo do quintal e zás! dentro

da latrina, para ninguem ficar

de posse delle!

Sim, senhor. E isto em ple-

no Batatan, ao rio Bacanga!

Ainda hoje, por lá, algumas

devotas piás, murmuram aos

ouvidos d'outras.

—Que boa christã que ella é.

Cruz, credo... te escunjuro;

cabra preta!

—o—

OS JUDAS

Belíssimos est veram os fes-
tejos em honra de Iscariot's, do
Zé de Cal zans. Tudo na me-
lhor ordem, paz e amor. O ci-
nema ao ar livre esteve impor-
tante com seus films a muque-
da creançada. Foguetes muito,
salva a valer e até banda de
musica.

Apezar dos grandes esforços
da comissão promotora dos
festejos, os fogos do Judas esti-
veram de uma pessimidade a
toda a prova. Parece que en-
cheram o tal Iscariot de trápos
e cofos velhos, com algumas de-
zenas de bombas e t ca a lascar
fogo, eclipsando as ruas, en-
chendo todas as nar nas de fu-
maceiro damnado e um cheiro
acre de... «gazolitina». Um
horror, um verdadeiro horror!

Desta feita, o fabricante do
Judas não se exhibiu muito na
arte da pyrotechnica.

Um addendo:—Vimos, de fur-
tivo, o sr. Dario atirando pu-

nhados e mais punhados de niqueis de 200 réis, á valente creançada, que não cansava de repetir:

Ora, bote dinheiro,
Que o dinheiro não chegou.
Gent's, esse «moço» estará rico?

Tambem o Judas que secundou o do Celazans e que nada deixou a desjar, foi aquelle da rua do Norte, canto das Minas, que mais uma vez, na confecção dos fogos, provou o distincto pyrotechnico que ainda não perdeu o gosto de fabricar... semelhantes.

Quanto aos outros todos, que pelas esquinas amanheceram pendurados, estiveram no rigor da moda.

Foi um Abril de Judas mil!

—o—

INJUSTO E INCONSCIENTE

Apareceu-nos aqui vindo do Rio de Janeiro, um tal de Ernesto Costa, que entre nós veio occupar o lugar de agente da Loteria Federal, lugar tão bem dirigido pelo respeitavel senhor Antonio Faria, que era bem relacionado na sociedade maranhense.

Esse senhor Ernesto sahio peor que a emenda; não queremos tratar aqui neste artigo das suas gananciozas pretensões de querer ficar sózinho em campo, para melhor poder pôr em pratica as suas explorações.

O que queremos frisar aqui, é o modo incortêz e o procedimento injusto, ditado pela sua requinta la inconsciencia de ter dispensado o senhor Nestor que honradamente exercia o lugar de caixeiro na agencia da Loteria Federal.

O acto do inconsciente Ernesto, é desses que causam indignação aos espiritos sensatos, ante a qual horrorosa, que atravessamos com a terribilissima crize que avassala o Maranhão.

Foi um acto impensado, foi uma precipitação diabolica da parte do senhor Costa que já principiou a botar as maogui-nhas de fóra...

Sentido l...

—«o»—

Sabemos que em certa casa na rua da Madre Deus se está praticando scenas indecorozas com mezas de feitiçaria.

A mencionada casa é frequentada por connecidas familias da melhor sociedade maranhense que ali são levadas para curarem-se de encrências ros-cloficas.

Se não derem um fim na geringonça, nós relataremos tudo, tim t m, por tim tim.

Não ha feitiços e nem curas, o que ha nesta historia de pagelança é uma alta exploração.

Na rua de São Anninha, reside uma velha que recebe boas gorgêtas de coquetillo proprietario da Mercancia Luzitana para abrandar o coração de certo senhor que é geralmente estimado na sociedade desta terra.

Ainda na terça feira, fomos informados que na casa a rua da Madre Deus, «quartel geral» da pagelança, foi morto um gato para lhe ser retirado o fígado em proveito de uma mocinha, que pretende por meio de feitiço arranjar consorcio com conhecido empregado do commercio.

E preciso dar-se fim nestas patifarias, pois, não há muito deu-se um aborto...

—«o»—



COMO SE CONTA A COISA

A Flora Fila Nickel, depois que começou a andar de boi pelos bondes; dando com o «canhão» pelos bancos, como para abaixal-o de vez, as coisas, parece, conspiram agora contra ella.

Já a Miloca Palito, uma occasião, jurou dar lhe nas ventas por causa do Guadalupe e do conductor de bonde; o Domingo, que tambem é da Piranha.

Mas, larguemos as duas e peguemos a Flora, que vae passando ahi no bonde, com a saia verde da barra preta, de Maria Soim.

Vejamos o que falam della.

Emilia Arroz de Mosca, tinha um par de chinellas, que lin-

deza! Todo bordadinho a oiro, laços de fitas... era mesmo o «não-me-toques», de vêr a Deus aos domingos.

Arroz de Mosca, todas as vezes que vinha da rua depois da missa, pegava nas chinellinhas, escovava-as com cuidado e zück, dentro da mala. (Um bahu de flandres velho).

Um dia, eis que apparece a adoidada Fila Nickel, pelo cui-biculo da Emilia a dentro, pedindo uma caneca d'agua, pois estava morrendo de secura.

Até ahi, tudo no natural.

Por sua vez a Arroz de Mosca perguntou se a Fila Nickel havia dansado muito, matado muito juda, ao que esta respondia affirmativamente, mostrando o collo todo manchado de dentadas.

Ac bada a palestra, Arroz de Mosca deixou a collega na «salêta» enquanto ia passar o café. Depois do moka, abraços, beijos e se separaram.

No domingo seguinte, após o banho, o vestido novo (porque era domingo da Ressurreição), a Arroz de Mosca foi ao bahu e tr-meu... lá não estavam as chinellas. Sahiu incontinenti á procura da collega. Era a unica de quem d'sconfiava, pois outra pessoa ali não tinha penetrado.

—E' ella, não ha duvida. E' a Fila Nickel, transformada em fila chinellos, pensava a pobre Arroz de Mosca, seguindo rua acima.

Afinal, ao dobrar uma esquina deparou com o velho manêta, pae da Flora, que descia.

—E então?

—Então, é que vou já, já á policia, obrigar a a fazer sua filha restituir meu chinello.

—Mas...

—Você ha de ver...

Dez minutos depois, os tres reunidos no velho casarão da chefatura, discutiam calorosamente, teimando e teimando muito.

Teima p'ra cá, discute p'ra ali e no fim das contas a Emilia foi quem ficou sem o malogrado chinello, «chorando copioso debruçada sobre o ventre».

—Mas, o que teria feito a Fila Nickel com as chinellas da bichinha?

—Ora, você ainda grita! Fez o mesmo que com o vestido da Soim:—Ou vendeu, ou guardou para uzar mais tarde, quando aquelle par de botinas der o prego!



Coisas

Ora o Pedro do Outeiro da Cruz depois que deu para fazer bailes mixtos no primeiro apiador, o «grog» tem apanhado a valer.

Desde sexta-feira santa, pela manhã o Pedro deu inicio ao sarau, dansante convidando a mór parte do pessoal arrelento da beirada, conjuntamente com algumas «morenas loiras dos cabellos pretos».

A coisa corria no melhor da festa, quando surdiu das bandas do quintal, uma ciurmada perigosa.

Uma das «habitués» tinha ido lá fóra provar um bocadinho da «para fina», de sucia mais uma outra.

Um janota do bairro, que não queria aquillo com a sua futura, zâs! tomou-lhe a dianteira e fez a cuja quasi engulir o copo.

Ahi é que foi o grosso.

Pula d'aqui, pula dali e o rôlo começou a entrar pouco a pouco, causando o seu effeito bulicioso.

—Ai, ai, ai... grita d'acólá com ataques.

O Pedro, como uma dessas formigas grandes insinuantes, andava de um lado para outro, como doido.

—Não sei, seu Pedro, não sei: Quero meu chapéu, que já roubaram...

E outro dizia:

—Seu Pedro, dê-me um cáete, que lhe mostro já como se faz um rôlo!...

—Esperem, homens, esperem, pelo amor de Deus!

—Ai, seu Pedro, ai!... Olhem que estão rasgando o meu vestido... me acuda!

—Isto só com os diabos se pôde aturar... tudo isto! Só com os diabos!

E por sua vez também pagando de um pão nodoso, ultimou os rebolços do sarau.

Que pena, ser sexta-feira da paixão!

Emfim...

...E o estupro inominavel deu-se no Oiteiro do Giz.

Pelo que nós consta, a pobre creançinha tem apenas 4 annos!

Não ha muito, pelas mesmas immediações deu-se identica monstruosidade, que por felicidade excessiva poderam, emfim, capturar o miseravel.

Agora vem a tona facto semelhante.

Quem nos diz que essa pobre creançinha não venha a fallecer de tão horrivel barbaridade no anus? E o que acontecerá ao miseravel bandido?

E depois desta, quantas outras infamias, que ignoramos não terá talvez efectuado essa fera, longe da cidade? Que virá a ser o dia de amanhã, entre estes tigres?

Mysterio! Tudo mysterio!...

—(0)—

MOSTRANDO A CALVA

Merecida lição acaba de receber o famigerado ladrão da reputação alheia que para satisfazer-lhe o instincto perverso da alma devassa tentou, deprimir aos olhos do paiz uma distincta senhorita filha de emnente homem de letras que tão ben dirige certo estabelecimento de instrução publica.

A revista «Carêta» deu-lhe uma esparada nas faces cynicas onde a vergonha e o poder jamais atingiram.

Parabens a familia da distincta senhorita que assiste gloriosa a passagem do reprobado acoardado em procura da sarjeta infecta onde se chapurda.

—(0)—



LEILÃO IMPORTANTE

—Um Bacuráo, senhores meus um Bacuráo, que vem mesmo ao pintar da fanéa, nestes tempos cabelludos de mangudas no cemiterio!... Quem lança primeiro no Bacuráo! Quem compra! Quem dá mais pelo Bacuráo cantador? I... Anima, pessoal, anima!

Ninguem responde. Sussurro nas galerias. Grande confusão. O leiloeiro proseguia:

—Senhores, vejam bem: Um Bacuráo sem igual, no Brasil e

no universo inteiro! Quem lança! Quem mais dá? I...

Ninguem respondia, mas se entreperguntavam quem era o Bacuráo.

O homem do martellinho, continuava:

—Mas, então, não haverá por ahi quem offereça coisa alguma pelo bichinho?... Será possível?

Todos, a «una voce», decididos, responderam então:

—Remataremos, seu leiloeiro, mas nas condições de atiral-o ás creanças ou ás onças... do Jardim Zoologico.

—Vendo, e podem fazer o uzo que lhes convier.

—Então, reuna as creanças...

—Não senhor, tem 15 mil réis pelo Bacuráo, para dançar a meiga Carabú.

—Feito, seu Guido, feito. Cá está o bichinho.

—Alto... Tem aqui 30, para fazel o fiscal da intendencia e escrever letras gothicas com a... vassoura.

—Pois não, seu Zeca, pois não.

—Bata o martello...

E' já... Prompto! 30 mil réis... pode levar o Bacuráo e desde já internal-o nas grades da... Intendencia.

—Ora sébo!... E eu que o queria comprar para soltar-o aos sabbados, na Capellinha do Aristides! Ora sébo!... Só esta faria eu perdê-lo novamente... Ora sébo!...

—(0)—

REBATENDO

A «Jararaca» do largo do Carmo, num mentiroso artiguete, propalou que em certo estabelecimento conhecido, joga-se a dinheiro por meio de «Richos».

Como não vovem a vista para outro certo ponto principal, onde a «coisa» corre mais fresca e certo redactor-gerente faz parte activa?

Vae sem commentario, e... voltaremos.

—(0)—

Consta que o «Diario do Maranhão», órgão de meia duzia de postas de... aguas turvas, vae abrir fallencia por não vender mais um só exemplar para a despesa da gazeta.

Será certo?

Pobre do «redactor»-reporter; não pode mais figurar na... sombra!

Tou me emportando, seu Chuchô, que cavallo te róa o buxo?

TOCHA

JORNAL DO POVO

ANNO - II

MARANHAO—Maio de 1912

NUMERO 93

Um rasgo de civismo

Para o povo ler

Chamamos a atenção do povo para o artigo que abaixo inserimos publicado no jornal «O Povo» na sua edição de 18 de maio corrente.

O illustrado collega quebranta o silencio criminoso em que se oculta a imprensa diaria, em não commentar os escandalos das banalidades que se desenham no nosso meio social, mostra, de modo evidente, que não conhece o convencionalismo gradiente de que a mesma se reveste.

É um grito de alarma contra os cafagestes e assassinos da honra de meninas pobres que elles prostituidas são atiradas aos alcoves infectos onde a histeria e o cancro florescem. O mencionado artigo merece a attenção da familia maranhense.

«D. JUANS» DA EPOCH

modernos D. Juans da época não trepidam em contra a ingrata es laboriosa tarefa, quanto os vangloria, de ar mais ampla e mais de ad a repellente estrada da civilização.

primos na concupiscência, ciosos nas conquistas, petulantes no modo por que desprezam os mais elevados preceitos

da moral, vão os fanáticos pedantocratas de hoje envaidecidos como se conquistassem uma auréola de glória, violando a ampóra da honra e da virtude, que é, por assim dizer, o pergaminho da mulher, principalmente da mulher pobre.

Nestes ultimos tempos. então, a desfiguração dos celeberrimos conspurcadores da virgindade, os tem levado a expor as nossas patricias a horrorosos escandalos perante os quaes até os séres humanizados tremem de vergonha.

Ora é um biltre arrojado que dá ingresso, em uma «república», a uma inexperiente para quem já colloriu venturoso futuro, com fallazes promessas de conquista fôr devasso; ora é um nojento sevandija que não trepida em augmentar o numero de habitantes dos alcoves, seduzindo a mulher que chama, lescaradamente, eleita do seu coração, deixando a num já dilatado periodo de gestação desiludida e abandonada, para se estirar, de unhas e dentes, como um famigerado, a outra em quem tem os olhos da maldade fitos.

E, se por ventura apertado no circulo do ferro das contin-

gências, compellido p-la força das leis, repara a afronta atirada a uma, pela mesma força das leis, rodeado por mais fortes contingências, atrai a outra aos profanos catres dos lupanares, onde se vende o corpo para se ganhar o pão.

Noã! Não devem continuar assim na mesma acelerada marcha de conquistas perniciosas, os galopins hodiernos que tanta instrução vão buscar na vida deletéria de D. João Tenório!

Urge que na impossibilidade da intervenção das autoridades competentes, seja nos nós mesmos os policiadores de nossas casas, a sentinella alerta da honra de nossas familias, prompta sempre a repellir com energia bastante, os saltedadores da honestidade sem que receiemos as consequências da nossa attitudede altiva, exemplar e dignificante. Assim procedendo o povo de

nossa terra; isto é, o povo que idolatra e venera a familia, esses factos deprimentes, o ultraje á honra da mulher maranhense, não se reproduzirão a muito num Estado em que a ignorancia rotunda campeia, e o progresso não caminha, mas a prostituição se desenrola sem obstáculos atirando o fôr da virgindade ao tremedal da ignominia



RECORDAÇÕES

Um anno fez no dia 23 do corrente que a parca arrebatou ás regiões do nada o nosso saudo amigo Paulino Araujo.

Recordar esse dia é trazer a alma taciturna, apprehensiva de tristezas e magoas:

Um anno! O tempo se vae passando mas a saudade inda level cada vez mais se vivifica em nossa alma!

No silencio do tumulo com aquella mudez pavorosa, o nosso amigo descança em paz, e daqui lhe mandamos mais uma vez o nosso adeus!

— « » —

Commentarios

Uma tira... do Anil.

Como vae o Zé Pereira do Anil, que noticias nos dão desse homem tão fatalista para meninos pobres em cuja honra, elle, o tyrano, tem ceifado as garras aduncas.

Oh! Zé Pereira, a tua fortuna terá o fim igual a todas que são arranjadas criminosamente, por meio de trapacas e indecorozidades.

Tu levaste ao tumulo o teu bemfeitor, fraudulaste a escripturação que a boa fé do bom velho em ti depositou e com esses arranjos, tu que eras um simples caixeiro de borralhos, enriqueceste, deixando na miseria criancinhas e viúvas que te hão de amaldiçoar até mesmo quando estiveres fervendo na caldeita de Pedro Botelho.

O teu palacio ha de desabar, essa Babel de barro, ha de se transformar em ruínas e então tu arrependido das desgraças de tantas pessoas, has de chorar. Não serás nunca como o gran-

de Mario que chorou sobre as ruínas de Cathargo, mas imital o has.

O dia é chegado, o mal que tu tens feito para filhas da pobreza, essas que tu prostituiste, incluzive a tua sobrinha, has de pasar.

Lembra te que ha mezes não mandas um pedaço de pão para aquella pobre velh nha da rua de São João.

Vê lá, oh! Sultão, quantos crimes tu tens na alma.

Recua, está em tempo.

ZEBIAS.

— « » —



CARTA LINGUA

..... Compadre
E lá prenderam as mulheres
Pleno sol de meio dia,
Por causa da propaganda
Da bella feitiçaria.

Não sabemos bem ao certo,
Se as cujas levaram sóva;
Mas as nossas feitiçairas
Sahiram da rua nova.

E dizer que sobre a mesa,
Cobertas com uma camiza,
Havia muitas caracas
E uma pomba... e pãobalisa!

E mais adiante, ao longe,
No chiqueiro do quintal,
Gritava um famoso porco:
—Sou da Imprensa official!

E assim compadre o bruxêdo
Nesta terra mais se expande.
Além de tantos cinemaos,
Temos um na rua Grande.

Namoros, já não se fala,
Todo mundo ja namora,
Onde são—ania e proza
No Maranhão revigora.

A proposito de amor
Lhe vou contar uma bôa,
Vive solto um grande porco
Na praça de João..., Lisboa.

Este porco, meu compadre
Ronca muito que é um horror,
Apezar de ser tão qorco
Tem pretensões a donior.

Diz elle que já namora
Uma branca de sobrado;
Mas o pae dessa menina
Trouxe o porco atrapalhado.

Tanto assim que fez de mimo
Para o nosso Bacurão,
E ezte quando fez annos
Fez do porco um catimbão.

E agora, me despedindo
Dou lhe adeus, ja vou embora
Desculpe que a «Tocha» traz,
De sua filha e sua senhora

ANSELMO JUNIOR.

— « » —

No telephone

Tlim, tlim, tlim...

—Prompto.

—Donde fallam?

—De estação.

—Dona, faça favor de ligar

ao harém.

—Que harém?

—Do Anil,

—E' já...espere um bocaninho.

—Prompto...

—Quem está no appare. ho

—Sua Grandissima Magestade de o Rei Sultão José I...

Que deseja?

—Quero fazer vêr á sua Enorm'ssima Magestade o Rei Sultão José I, que os pã sageiros que tranzitam no tra co dessa linha para sua terra queixam-se quotidianamente grandê immoralidade que e pelos bondes.

—Mas que bondes, que linha que traficos alega o sr, segun explicar?

—Quero dizer que sua Magestade, como o poderoso do tã bem podia, com seu imã absoluto, sanar de vez os at dos e obscenidades que a passageiros que «navegam» linha do Anil (sua terra). dam dentro dos bondes on rocês.

—Ah! agora sim, eu com hendi. Pois b-m, seu Siridô vou tomar as necessarias p dencias, ouviu?

Muito bem, Deus queira
o consiga,...

Siridô.

==<>==



alestras...

Uma contrariedade nunca dá
bons resultados; e a prova é
que eu estou bastante aborreci-
do com a revisão da «Tocha».

—Porque, Maricota?

—Então não notaste os erros
typographicos que se veem no
meu artigo?

—Notei-os: mas são passíveis
de censura, apesar de ter sabi-
do «actualidades» (!)

—Eu fiz um protesto de não
deixar escrever uma só linha para
o jornal, mas...

—Já sei, já sei...

—Sabes lá nada...

—O caso do reporter que mu-
ta o terno?

—Qual; não ligo em seme-
lante pedantocrata, que procu-
passar como branco de cabelo
ro, «nheim»...

—E o que elle tem feito Ma-
ricota?

—Onde?

—Nas letras,

—Nada; não passa de um
simples reporter de policia e no-
tariista de thezoura com que
che toda o jornal.

—E' verdade Maricota, eu
ainda não vi, ou aliaz, nunca li
um artigo d'elle que merecesse
atenção, passam-se as datas
gloriosas, os nossos feitos de
victórias e o poeta nada... não
é... o jornal a não ser o ser-
ço telegraphico, nada mais
ale; não tem graca, não tem
espírito, não tem nada que in-
terresse a gente...

—Aquelle jornal, com um ex-

cellente corpo Redacional, e
com um bom «reporter», ga-
ranto-te, teria uma nova vida;
aquelle jornal diario está feito
mas não tem quem se lhe en-
teresse.

A alma do jornal, è o artigo
de fundo; o principal assumpto
do dia, o interesse colectivo,
o bem geral que corresponda a
perspectiva do publico.

Mas, assim como vae, nada
hão de alcançar.

Sem uma boa Radação, sem re-
portagem, a não ser as notas po-
liciaes que elle vae copiar na
delegacia, e as noticias dos Ci-
nemas, mais nada...

E è um «poeta»; jornalista,
orador, professor (!) e por últi-
mo um pedante, «branco» de ca-
bello duro e ruivo... e encarre-
gado de zelar pelo credito intel-
lectual do jornal.

Ah! poeta! Ah! professor
Maricota.

A Tocha em Alcantarã

NAMORO ESCANDALOSO NA RUA GRANDE OFFENSAS A' MORAL

Não è só em São Luiz que se
exibem os cinemas livres e es-
candalosos; não è só aqui onde
a b' lleza já se vae tornando uma
realidade, em architectura, que
os namoros se realizam de mo-
do indecente e offensivos á mo-
ral publica; tambem no Largo
de Franco de Sá, se desenro-
lam scenas amorozas que envor-
gonham a sociedade dali, que
está já enxada e aborrecida de
assistir a exhibição livre de um
cinema amoroso, em certo so-
brado á rua Grande em que è
celebre um tal senhor Salles.

Cuidado que a «Tocha» tarz...

—o— PELO ANIL

Consta-nos que na fabrica do
Anil tem uma santa encenica de
uma cuja que-no Oiteiro da Cruz
deu espectáculo bem trisite, e
que por isso não devêra jamais
trabalhar na fabrica; mas
como o Sultão quiz, seja feita a
sua vontade.



NECROLOGIA DOS ...VIVQS

Falleceu na madrugada de
hoje o conhecido literato João
Porco.

S. S. deixou á posteridade
grande numero de produções
que provam exuberantemen-
te que entre os irracionais só
podia ser comparado ao burro
que è o mais intelligente dos
chrisostomos Souzas.

João Porco era geralmente
estimado entre os porcos do Jar-
dim Zoologico, que, por signal
de pezar, mandaram consignar
na acta da reunião dos bichos
um voto de profundo pezar.

Paz á sua alma que astà pur-
gando o espaço.

O BECO DA INTENDENCIA

(A's 12 horas da noite)

Quem v'm lá?!

—A rua è publica! Não ras-
pondo!

—Então não passa

—Passo! Passo!

—Não passa!

—Eu grito!?

—Pode gritar...

—Socorro! Um homem que
me ataca por detraz (gritou o
menino)

—A vizinhança alarmada veio
á janella ver o que era E. o
menino então contou que era
novo alto que parece ser em-
pregado publico federal estava
em del route «rende-vous» com
uma meça que parece de fam lia
monradora da rua do Sol.

A bandalheira vae se desen-
volvendo com rapidez e o es-
candalo vae sendo entre nós
uma instituição.

Até no meio da rua!

Nem ao menos no caes junto
às pedras do tempo de D. João VI
que estão «fortilhandos» o caes
da sagração. Que tal? O' Manes
de Eudamidas!



O pão do Quirino

É certo que quasi durante o anno, o pão do Quirino vivia abandonado, secco, murcho, ali para um canto, que ás vezes, quando se pegava nelle, erguase de uma maneira tal, que até a vizinhança pedia por favor, muito cuidado, se sujeitando a mandar os filhos ou as filhas, segurar, tambem com força, o pão do Quirino.

Era, justamente, quando chegava a epocha da festa do Divino Espirito Santo.

Um pão de mais de quatrocentos palmos de cumprimento com uma enorme rodela na cabeça, fingindo um bôlo, era o terror dos vizinhos, quando empinava.

Prezo pela cabeça, pelo meio e pelo tronco, ora por cabos, ora por braços de homens e mulheres, assim o festejado pão do Quirino, era suspenso e enterabado, de pé, rijo, torte, no tófo terreno da mulher do amo do pão, com grande satisfação das outras mulhres, que, meladas de suor, locam nas suas caixas em redor do «monstro grande».

Quantas vezes, em occasião em que estava cahido, abandonado por não ser tempo de festa, o pão servia de banco no quintal e nelle, muitas pessoas íntimas que iam vizitar o Quirino, sentavam-se garbosas, descansando o corpo, em noites amenas de luar.

Aquillo era uma delicia para o cono.

Não obstante, a esposa muito cothelica que era, quando via uma infinidade de mulheres sentarem no pão do mar do, ficava vizivelmente enclumada, porque aquillo era uma profanação aos santos e dizia:

—Logo ali nosse mastro, que

as senhoras acharam bem de se sentar a tanto assento por ali.

As visitas levantavam-se envergonhadas e a sub dona do pão do Quirino, ia então com cuidado, puxar mais para um canto, o mastro da sua adoração, resmorgando;

—Eu, que sou dona e que podia a todo instante sentar-me nelle não me sento!.. Quanto mais... quanto mais...

E passou uma minuciosa revista no mastro inteira...

XJM.

—00—

Perfis

É magra, mas que pernas Santo Christo,

Que pernas, de assombrar a humanidade!

De milhares de pernas que hei visto,

São as primeiras pernas na verdade!

Sem mentira nenhuma, é quasi isto,

De bonitas que são na qualidade

Que juro ser, tão certo, como é xisto

De moça, o que me faz ficar seismático,

Não é tanto a grossura dessas pernas,

Mas o geito de mostrar-las tão sympathicas!

«Chega aperta» bem a saia na cintura,

Deixa a forma esculptural em linhos ternos

Que um homem fica, assim, de... cara dura!

SANTUCCI.

—0—

Pede-nos que chamemos a attenção da Pata choca da rua da praia de S. Antonio que não continue a «xibir-se tão escandalosamente, offrendo ao publico as suas preciosas maneiras de viver quando em Curucuru. Lá é lá, e aqui... é aqui. Respeita manguda...

Correio da Tocha

Recebemos a seguinte carta

Senhoras atochadores

Chamo a especial attenção dos amigos para um namoro escandaloso que se faz às escuras em certo corredor á rua da P.z. Já é demais, e não é nada serio...

Sentido que o cujo azula.

Um curiozo

Senhor Caneinha—os seus versos estão magnificos apesar da má metrificacão, mas valem para quem é está bem. Publicaremos depois de enviar a gerencia desta folha a quantia de cinco mil reis.

Santoza—Mande informações do bispo Xisto Albano, que publicaremos com gesto e satisfacão.

Recebemos uma carta do senhor Vicente Ferreira, carta que deixamos de publicar por nos ter chegado tarde.

Publicaremos no proximo numero, para a qual chamamos a attenção do publico.

—00—

Que tal aquelles ezadas da rua dos Afogados?

—Magnificos, meu amigo, e ao depois dizem que só a Siriri é devassa.

—Mas rapaz, que mão precedente abriu essa senhora, que couza esquezita, que vergonha para o marido ser mirado em presença das criadas, quando entra do serviço... publico...

—Diz ella que aquillo é «só della».

—Não importa que seja até do diabo, mas não é nada serio, uma senhora casada, mandar o marido despir-se para passar revista.

—Couzas da actualidade!

TOCHA

JORNAL DO POVO

ANNO - II

I

MARANHAO -- Junho de 1912

I

NUMER 97

O poder!

Quem luta pela vida actual, em qual quer que seja o ramo de actividade humana, está sujeito a conhecer e experimentar os tormentos de agudas repressões.

E, onde mais e mais ella se acentua, onde mais ella apparece e furbunda, é na força, e na prepotencia da autoridade, que representando um direito constituido, amparada pela lei esta, belee o poder; e isso é um facto tão logico que não ha quem no conteste a superioridade de mando ás vezes descrecionario e arbitrario, formando no seu todo uma serie de absurdos e violencias!

No meio da collectividade em geral, sempre a sempre, e isso uata de éras remotissimas, encontram-se individualidades que se caracterizam por formas diversas:

—Umas representam a pureza de sentimentos, a nobreza de acções nobilitantes que as distinguem muito de outras que corrompidas pelo virus da degenerencia, procuram transformar a mesma collectividade em um vastissimo antro de toda a sorte de vicios que bem caracterizados não são mais nem menos do que a perversão moral, e a maledicencia contaminosa.

Para combatel-os é mister que aparea alguém que, por mais pequenino que seja, procure expor-las aos olhos do publico, tal qual elles são, mostrar-las a sociedade, provar que elles são uns mascarados, que elles só valem pelo dinheiro e pela posição, que elles são homens de máos instinctos, de ac-

ções odientas e que se fazem uns purissimos representantes da mais alta roda social...

E onde se encontra a condemnacão delles é no jornal, no jornal que é feito para esses fim...

Mas, elles que gozam do prestigio da força autoritaria do poder, vão se agachar, implorando a misericordia, supplicando-lhe piedade: só ella, a força do poder, conseguirá pelo mando da própria força fazer calar quem tanto mal lhes faz; e fique sabendo o leitor que elles tudo conseguem por que, para surtir efeito, elles se dizem victima de chantagem!

Mas, não ha duvida, o tempo tem a sua marcha e com elle vai tambem se evoluindo os costumes, e a verdade um dia ha de aparecer, clara como a luz do dia, pura como o cristal!

A força vale muito, mas, entretanto, ella as vezes perde a autoridade que a fort lece e transforma-se em nada.

Ninguém se illude com o poder!

Só ha no mundo um poder que ate hoje, e como sempre, é temerario a morte!

Só ha um tribunal que nos ha de julgar; —O tribunal Divi

ZEBIAS.

—00—

S. João

E' hoje a grande noite de São João. Ella é tão tradicional, é tão memoravel que o povo ainda festeja, se não tanto como

dantes mas não deixa de festejar-a.

A noite do fogo, é o nome ella tem; mas esse fogo é que é uma couza brutal e prejudicial, principalmente nos taes brinquedos de boi, que as vezes do logar a toda sorte de desatinos.

Na Europa, a noite de hoje é festejada mui diferente da nossa: a noite de hoje, lá, é toda de diversões familiares, os fogos que elles uzam são os de salão que é uma couza delicadissima; ha entre elles prendas e adivinhações, mas tudo debaixo de todo respeito, com toda a sinceridade.

E' uma festa encantadora.

Entre nós dá-se ao contrario; aquelles que procuram divertir-se lançam mão de bombas e busapés, e carritilhas atirando-os por cima de trazeuntes vulgares, e até mesmo nas familias que se veem obrigadas a não sahirem de casa, resguardando-se de prejuizos que lhes passam pra-julgar a propria vida.

E' um absurdo a tal brincadeira, e tudo isso prova exuberante que somos um povo atrozado, pois que a estupidez e brutalidade, só são dignas dos selvagens, mas esses não gozam de fóros de civilizados.

E a noite de hoje, entre nós, em vez de oferecer-nos os bellos ensinamentos da boa civilização, pelo contrario, apresenta-se-nos qual um cinema que exhibe á tela fitas rubras e emocionantes.

—00—

Aquelle namoro da rua das Hortas não vem acabar bem...

Noivo que dorme na casa do seu doce e que ja quer ter mandado!

Santo Deus! Que encrenca!



Revoltado

O mundo todo é falso ! E tudo falsa trama !
A vida é um sonho mau, o amor uma chiméra,
O homem vil abutre e a mulher umã fêra
Que nos mata a sorrir, dizendo que nos ama.

Não creio mais em nada ! O mundo é uma cratera
Que lança podridões e pustulas de lama;
O vida o mais nefasto e o mais terrível drama
Que o corpo nos destroe e a alma dilacera !

A Gloria é uma illusão, felicidade nm mytho,
A honra um papel sujo. E tudo, pois, maldito
Na terra, O velho globo, hoje especula em ruínas

Tudo é mentira, enfim, e a propria consciencia
Ja não existe mais; ce deu-se a prepotencia
Do dinheiro, que compra e rouba e que assassina !

S. Campello,



TOCHA

A empresa deste jornal, leva ao conhecimento do publico que a sua Redacção está agora na rua da Praia de Santo Antonio, n. 50.

Por enquanto o seu formato é o mesmo, pois, nada, agora, conseguimos para a sua completa reforma.

Porem, garantimos ao publico

que do mez de Setembro em diante a «Tocha» passará a formato de Revista caricaturista.

E' o que esperamos, e que Deus nos ha de conceder.

==«O»==



AVIZO ALEGRE

O alfaite das injeções humanitarias, está apaixonado porque o Juca vai rezidir no Rio de Janeiro, largo do Rocio.

Consta-me que por milagre de S. Aristides o cujo não irá pois o Bebe foi e não mais voltou, morrendo no Pará.

Côcôzinho,



Ja viram no Zooligico um quaty de lunêta ?

Pois se não viram reparem que o bichinho está catito...

A cotia continua na mesma posição, no Zoológico, agora está de namoro com o Macaco.

Quem não está muito satisfeito com as gracinhas do Macaco é o Veado, o que também já desconfiou que lobo vive fazendo fosquinhas para a sua mulher, em pl no Zoológico.

Que bichos intelliçentes !

Têm ciumes como nós !

Uma encrenca. . .

—oo—

Quem é a cozinheira na rua do Mocambo que concete uma das suas filhas namorar um sujeito cazado, acuzado de prostituir diversas mocinhas.

Olhe que o cujo é preto e desce com elle todos os dias pelo bécio da fabria Santa Amélia.

Bote sentido:..

==«O.O»==



Ja viste a menina que sahio da fabril, prostituida ?

—Ja, é linda como são as couzas lindas !

E meiga, e sedutora !

Poderia ter um fucturo brilhante, mas desgraçadamente, ahí está, apesar de rezervada sem honra !

Eu avii um dia destes na rua de Sant Anna.

Desgraçada ! Infeliz,

Pitadas

A terra maranhense atravessa actualmente uma crise toda social, crise que ali está corrompendo tudo que é sagrado e magestoso para a sociedade.

A corrupção alcançou o seu trono, a bandalhice se fez instituição, o despudor levantou o colo das suas torpesas, o deboche é lei, nas vias publicas se assiste o espectáculo triste e deprimente da afronta que se atira, publicamente, ás faces da família maranhense.

O que vemos na epocha actual a não ser a degerencia, a disfaçatez, a cana hica, a devassidão, e a prostituição; e tudo isso constitue a nossa desmoralização ante o mundo culto.

Vemos na epocha actual, o seguinte:

Homens casados que abandonam as suas esposas, para conquistar amores de donzellas desmioladas que se entregam sem o menor vexame, satisfazendo-lhes, as vontades luxuriosas e terminando por ficarem atiradas aos alconces do metrécio; e esses homens que commettem essa baixeza são em sua maioria da alta roda e de eminente posição em destaque no nosso meio social.

Também assistimos nas fabricas, — Oh! nas fabricas ali é que a prostituição campeia, ali é que a honra cae entre agonias terriveis e horrozas, ali é que a virgindade perde o seu valor para cahir no lameiro da deshonra e do vilipendio.

Quantas mocinhas que as ve-

zes são o unico arrimo de suas mães, seduzidas sahem das fabricas, já em estado interessante?

E tudo isso é uma verdade, tão real, tão positiva que não temos de contestação.

Haja a vista os factos que se tem desenrolado na fabrica do Anil onde certo Senhor é apontado como autor de deflorescimentos em um sem numero de empregadas, incluzive a sua propria sobrinha que em paga foi de casa expulsa como se fora um cão pirento que todos fogem ao seu contacto...

E ninguem ignora esse facto, assim como todos sabem que elle, o accusado, obrigou a sua victima embarcar para o Bacanga onde a infeliz abortou, e dizem que violentamente!

E a nossa voz, apesar de todos os abastaculos, ha de se fazer echo por toda parte, pouco em bor as ameaças dos prepotentes e as intimidações inconcebiveis que um dia serão de todos conhecidas para provar, de modo exuberante, a decadencia da moralidade nos costumes sociaes da terra maranhense, cuja sociedade envergonhada assiste em vida a passagem do esquile onde repouza a sua honra.

Façam de nós o que quizerem que continuamos a dizer como poeta, porque defeitos taes que por mais que o diga é sempre muito o que me resta inda a dizer:

A cruzada está de pé, e mal dicto seja quem recuar.

depois do celebre matrimonio atraz da porta, para não dar na vista dos vizinhos e nem tão pouco encommodar os de casa...

— Estamos sciente, domingo trataremos dessa encrenca... Já sabemos!...

— 00 —

— Mas porque motivo a viuva da rua de Santanna manda a filha ou cousa semelhante esperar o namorado quando chega?

A Redacção da «Tocha».

E assim que se faz

Li na «Pacotilha» n. 132 uma apreciação ao nosso ministro do interior Dr. Rivadavia Correia, que, sendo accusado por um jornal mandou por um amigo fazer a sua defesa, na camara dos deputados provando com documentos as transsações que fez para possuir fortuna. L. T. bate-lhe palmas por ser elle um homem publico, como se só o homem publico é que deve ter caracter!

Não? O Cujo do Imperio do Anil accusado como é de ladrão deve vir não a camara, mas aos jornaes provar como arranjou fortuna em dez annos no harem do Anil!!

Esse é que deve ser o seu procedimento, do contrario os Paes de familias, as Viúvas, os Orphãos, e os Syrios continuão a dizer que a MALETA que o Sultão levava d'manhã para a casa do banqueiro, onde era empregado lo conceituado, e sahia às 6 horas da tarde quando já escurecia, com a inseparavel maleta bem rechacada comforme as transsações do dia!!

Todos nós sabemos que depois da quebra do banqueiro andava o Sultão no barro do commercio com um immundo palitô sebado tomando abençã para cachoro! para provar assim a sua miserabilidade!

Hoje! que quer se andar com o rosto erguido na sociedade emita primeiro o nosso ministro, vem pelo jornal que é a tribuna do povo, provar como em dez annos adquiriste fortuna! Vem provar como em tao pouco tempo possues dez casas no Anil e palacete na cidade, vem provar que não foi roubada essa fortuna com que afrontas a sociedade Maranhense!!

Á baixa a prôa que todos te conhecem.

UMA VICTIMA.

N. R. — Magnifica. Mande-nos uma boa oferta, e quando quiser outra vez publicar encontrará franca as mesmas columnas. Envie, á rua S. João 48, na mesma hora.

No telephone

Tlim... Tlim...

— Prompto! De onde fallar?

— Da rua de São Pantaleão?

— Diga, lá

— Hontem, á noite, uma moça tentou ir á casa do seu dõse perguntar lhe, porque motivo, elle se ausentou assim tão depressa, principalmente



VIUVINHAS...FRESCAS

Eu quero morrer contigo,
Meu galho de amor perfeito,
Diz a viuva ao sujeito
Se aconchegando ao postigo.

E este por vêsso antigo
Sem tirar a mão do...prito,
Vae gosando, satisfeito,
Alma de bom. amigo.

E ambos, um largo abraço,
Procuram apertar o laço
Que ternamente os uniu.

Depois entraram e...mysterio,
Silencio, qual e miterio,
Coiza alguma mais se ouviu..

C.

—oo—

O PALPITE DO BICHO

—Ora sabes? Tive um pal-
pite.

—De que?

—De jogar no bicho.. pela
primeira vez.

—Experienta.

—Mas que bicho deixará des-
ta vez?

—Sei lá?...

—Imagina um qualquer...

—Canguru.

—Ora, logo este!

—Então no macaco.

—Não gosto também

—Pois te habilita no Euda-
midas...

—Tambem não.

—Então, meu amigo, não sei
que te faça.

—Eu tenho o meu palpite,
mas...

—Fala,

—Palpítei na jararaca.
—Qual? Aquella da Curru-
pira?

—Não, a da praça do Merca-
do.

—Não conheço.

—Conheces sim, tu é que te
não lembras.

—Mas quem é?

—Aquella que mora no cor-
rer da Teenche.

—Enche o diabo,

—Sim... mas nesse caso eu
te aconselho que jagues na lar-
galixa.

A Vicencia?

—Não, a cherubina.

—Conheço muitas..

—A branca.

—Não, o melhor é se jogar
na Piranha?

—E é o que vou fazer...ade-
us.

—«O»—

Adulterio

Senhor Redactor.

Continúa, descaradamente,
a Josina, ou Dosina, ou Jorsina,
a casada perigosa que, abuzan-
do da ausencia do marido que
seguira para Manicoré, no Ama-
zonas, se amasou com um tal
de Affonsinho, creado de uma
grande casa, onde ella se collo-
cára como encommendada, pou-
co depois da viagem do infeliz
marido.

O amante dessa mulher pe-
rigosa não seguira para o inte-
rior, não: elle continuára com a
adultera a calçada da rua de
S. João.

A mãe della, a velha Rosa,
seguira para Macapá na vespera
do nosso 1 artigo, talvez arre-
pendida de ter consentido na
patriarcal libidinosa da filha, que
tão cynica já está que nada mais
repeita. porisso que ella, ao
lado do seu amante, já visita, á
noite, a casa de sua familia á
rua da Cotovia.

Muito cynismo. miz ria!...

O marido trabalhando entre
carapangas e piuns, e a esposa in-
fiel, amasiada aqui, onde lhe fica-
ra recursos até vir a 1. mezada.

Que falem os Guadelupes,

Um Curioso.

Coisas

Infeliz da mãe que não sabe
prezar a honra da sua filha; in-
feliz, repito cheio de indignação,
da filha que tem como mãe uma
certa viuva que não sabe vene-
rar as cinzas do homem que
lhe deu o braço ante a lei e a
religião.

E' ali na rua de Sant'Anna,
é ali para aquellas bandas onde
há o bulicio com m e r c i a l
que a fita aparece na tela desen-
rolando o perfil de uma viuva
que, tendo já uma filha moça
incumbida do triste papel de es-
pionar os filhos de Cupido
que alli, naquella lar, outrora
tão honrada, t em entrada, du-
rante o dia e noite.

Espionar, Sfm! Espionar
porque nós já á vimos, e qua-
se que lh'a pagava conhecido
chefe de familia com o intuito,
alias, moralizador de livralha
do oprobrio e da ver onha.

Altá madrugada, a viuva man-
da a filha abrir a porta da rua
para d r e n t r a d a ao marmenjo
que a estas horas, em plena
madrugada frisca e sanguineá
entrega-se a palestras... amo-
rosas...

E a menina fica de s n t i n a
lá á porta, para despachar ou-
tro que venha para identi o
fim...

—Ba, bá bá... (bat m á porta
Quem é, ? pergunta a meni-
ua.

—Sou eu, responde o Cupi-
do.

—O que deseja?

—Quero fallar com d. fulana

—Ella está occupada...

Volte mais tarde...

Está ahí como se perda uma
menina joven, sympathica,
graciosa, mas já corrompida
por sua propria mãe, que está
cavando a sra desgraça.

E ao depois não querem que
a Tocha fale!

Pois havemos de fallar, ha-
vemos de contermar esse des-
pudor, essa boixeza sem nome
e sem qualificativo!

A honra de uma virgem é
um sacrario de amor.

Prezemol a!

Palmerio Leiro,

TOCHA

JORNAL DO POVO

ANNO - II

MARANHAO - 14 de Julho de 1912

NUMERO 100

Os grandes crimes Sinistro Achado

Na porta da igreja do Rosario—O inquerito policial—As deli-
gencias—Prisão de uma mulher suspeita—Contradições
Um bom serviço dos soldados da Brigada Policial—No Na-
croterio.

Transcrevendo da Gazeta de
Noticia do Rio de Janeiro, as
narrativas do crime hediondo
que se vai seguir a leitura, nada
mais fazemos sinão de tornar co-
nhecido do publico desta terra
até aque ponto pode chegar a
malvadez humana, requintada na
mais feroz perversidade de uma
mulher que friamente degolou u-
ma pobre criança, para encobrir
a sua deshonra.

E' um crime hediondo repeti-
mos; e chamamos a attenção do
publico para o resto que publi-
caremos na quarta-feira á noite
acompanhado do retrato da mal-
vada.—Eil o:

Repercutiu fortemente em toda
a cidade, impressionando a po-
pulação, a noticia do sinistro a-
chado da cabeça de uma criança
na porta da igreja do Rosario na
noite de ante-hontem.

E', de facto emocionante. Ha
muitos annos não registra a nos-
sa policia um crime tão barbaro
como esse do degolamento de
uma innocente creança, apenas
com horas de vida.

Para praticar tal miseria é
preciso não ter coração, não ter
sentimento bons de espécie al-
guma, é preciso não ser huma-
no.

Que mal fez a desgraçada
para ser assim miseravelmente
immolada ao nascer?

E' um crime horripilante e faser
sua auctora deve, o quanto antes
entregar a acção da justiça pa-
ra receber o castigo que merece
pela vileza do seu crime.

Hontem noticiamos a prisão da
domestica Maria Helena, empre-
gada na casa n. 123 da rua do
Lavradio e cujos modos nas im-
mediações do logar onde foi en-
contra-la a cabeça da criança pa-
reciam suspeitos á argueia de
dous zelozos soldados da Brigada
Policial.

As desconfianças dos policiaes
até certo ponto eram tu o quanto
ha demais justificado. A impres-
são deixada no espirito dos sol-
dados de que Maria sabia logo
sobre o crime, em vez de dimi-
nuirem, mais augmentaram com
as contradições em que ella ca-
hiu ao ser interrogada.

Estará, com essa prisão, a pol-
cia na pista do criminoso? Pare-
cenos que sim.

A's 8 horas da noite de ante-
tem, os soldados n. 83 e 119, da
3. companhia do 4. batalhão da
Brigada Policial, passavam pela
do Ouvidor em demanda do lar-
go de S. Francisco, quando vi-
ram um grande ajuntamento em
frente a igreja do Rosario.

Apezar de estarem de folga,
os policiaes encaminharam-se

para aquelle logar, afim de syn-
dicarem do occorrido.

Antes de chegarem a porta
da igreja notaram elles a presen-
ça, a distancia da massa decco-
riosos, de uma mulher de cor
preta, envolta em uma capa de
borracha.

Scientificados do occorrido e
vendo já está apolicia no local,
os dous soldados tomaram o pri-
mitivo caminho e, com grande
surpresa, verificaram ter a preta
desapparecido.

As praças seguiram até ao lar-
go de S. Francisco, donde to-
maram um bonde que os condu-
ziu ao quartel.

Ao passarem pela praça Tira-
dentes viram a preta novamente.

Ella caminhava ligeiro e, de
vez em quando, olhava para trás,
como que procurando certificar-
se se era seguida.

Diante disso, os dous solda-
dos de commum accordo, saltaram
de bonde e, á distancia, acom-
panharam a rapariga.

Ella com um passo apresado,
foi até a rua Evarista da Veiga
n. 133, armazem de secco e
molhados onde entrou.

Os policiaes pararam á porta e
viram Maria falar ao telephone.
Depois de chamar um homem, cu-
jo nome os policiaes não guar-
ram bem, a rapariga chamou ao
aparelho uma mulher e disse:
«foi descoderto neste instante».

Mal Maria havia largado o te-
lephone os soldados entraram no
estabelecimento e effectuaram
a sua prisão.

Por los dois foi Maria Helena
l vada para a delegacia do 5.
districto, de onde foi depois en-
viada para o 3. districto, a que
está affecto o inquerito.

Apresentando-a ao dr. Costa
Ribeiro, os policiaes narraram o
que acima fica dito.

Aquella auctoridade sujei-
tou Maria a ligeiro interro-

as columnas do decano. que o dignissimo e illustrado sr. dr. de legado geral, nos intimou a não fazer o pregão do nosso jornal com palavras immoraes.

E' uma mentira descabellada, muito embora estivesse presente na occasião em que lá nos achavamos o reporter do «Diario do Maranhão».

O illustrado sr. dr. delegado geral, moço distinto, tratavel, attencioso mostrou-nos o inconveniente do pregão com palavras immoraes ao que nós respeitavelmente declaramos que isso era tão sómente por vontade dos vendedores, pois somos incapazes de mandar apregoar immoralidades, quando no jornal não se lê palavras obceas.

Em todo o caso, acatando o pedido do illustre sr. dr. delegado geral, nós fizemos observações aos vendedores ao que foi cumprido a rina.

Agora, se alguém quiz pelo facto de chamarmos o Diario uma empresa arr-bentada, tirar uma desforra, tentando deprimir o nosso jornal está muito enganado, está azul.

Immoralidade pratica todo individuo que não sabe prezar a honra alheia.

Immoralidade praticam certos jornalistas muito conhecidos que na sombra da moralidade vivem pintando toda sorte de bandalhece, propria de gente a quem o brio e a vergonha jamais alcançou.

Immoralidade pratica certos individuos que se tem em conta de jornalista, literatos, oradores quando não passam de uns refiadissimos gatuos literarios e que ainda tem o cynismo baixo de virem á praça publica impingir como suas as produções de outros.

Immoralidade é do jornal que não teve o menor vislumbre de Vergonha, quando em farzo noticiario dos cinemas, apreguou, como um successo a fita, Avagabunda, exhibida no cinema São Luiz, que deixou contrafeitas muitas familias que lá se achavam, isso sim; isso é que é immoralidade, ou mais, ainda; é baixeza de ultimo grão.

Immoralidade, digamos antes que nos esqueçamos, é todo aquelle que para, trajar e luxo.

zamente não paga o que deve nas alfaiatarias

Immoralidade consiste ainda, a toda aquelle que por uma quantia insignificante, vem para as columnas do papeluxo insultar, e honrado, o puro, o altivo coronel Marianno Lisboa pelo facto de s. exc. não ter aceito a proposta do papeluxo que é uma empresa arr-bentada prestes a fallir.

E fiquem sabendo os homens de bem, que o Diario com toda a sua moralidade, não consegue vender dez exemplares por tarde e a «Tocha» que é immoral como elles dizem vende mil e quinhentos exemplares, todas as vezes que circula!

E, isso podemos dar prova, pois se não tera a vendagem, já de ha muito teriamos fechado a porta.

Mas aqui estamos; acatando o pedido do illustre e digno dr. delegado geral, para mandar gritar a «Tocha» que não tardar muito a ter uma optimar visia, igual ao «Malho», para pintar certos typos que se tendo em conta de moralizados vão com metenlo as mais nojentas immoralidades.

Quem se julgar picado, que empunhe o revolver e venha.

—oo—



POVOCAÇÃO E ESCANDALO

A «Tocha» que sempre se faz sentinella alerta, para protestar contra os máos actos da quem quer que seja o erro, a «Tocha» que jamais deixou de profligar com vehemencia os escandalos e absurdos que se dessembralam na terra maranhense, deprimindo o nosso valor moral e intellectual perante o mundo civilizado, onde occupamos com orgulho um logar d'honra, aqui está para

condemnar a scena degradante de 11 do corrente, no cinema «Palace».

Não precisamos dos factos para nos bazear, não; porque, para melhor ori ntação, basta que as rivalidades existentes entre os proprietarios de cinemas nos fornece o principal thema de apreciação.

E' uma questão de muzicos; é a primeira musical que vem á tonda dos commentarios, mas, tambem, porque não dizer, é a insolencia que merece a mais formal reacção, porque nada mais rresenta do que a vaidade e a bazofia que se alinham no cinema «São Luiz», que um dia, eva o pela ganancia do ouro colli ará, se ao ext ncto «Pathé», para aniquillar de vez o querido e popular «Id al».

Mas todos estão lembrados daquelle riasco triste que o ator ou a ridiculo; todos sabem que os proprietarios do «São Luiz», passaram por uma decepção dolorosa de verem desfeitos os seus planos de ganancia, em quanto o «Id al», na sua simplicidade magistosa, sorria do fracasso!

O «São Luiz» quer ficar só; pois só e le é que tem o di e t de ser frequentado por toda a população do Maranhão (até a da China, se fosse possivel), só elle tem orchestra de primeira; só elle tem na alta conta de xibir fitas das mais afamadas e abricas, tão afamadas no genero que para efeito maravilhoz lhe mandaram a «Vagabunda» uma fita immoral.

É isso que agora relatamos, o movel de todo esse despanta, commetido contra maestro do cinema «Palace», que dia a dia, apesar da guerra de morte que elle move o «São Luiz» continua a ter os seus salões cheios de familias, e do povo em geral.

E' o que temos a dizer.

—oo—



PELO ANIL

No proximo numero o Palacio do Sultão Anil.

infelizmente o fez sem recordar
n'um moment o o erro q com-
mette ante a Lei que a escravi-
sou para sempre, que a condenou
ao supplicio, que a ligou ao
monstro que detesta, sem o re-
curso sequer de encontrar uma
defesa, ao menos o DIVORCIO
que nos grandes Paizes civiliza-
dos admittem como o balsamo
sacrosanto. como o linitivo a
cor cruciante da condemnada
innocente!

(Continua)

ZECA.

—00—

DE PASSAGEM

O Nenem da «Santa Amelis»,
é muito impagavel, depois que
matucou bastante na construção
d'um tear que tinha por fim ser
exposto na primeira Exposição
que houvesse, mas não alcançan-
do o resultado que esperava, en-
tendeu, por força, inventar um
aeroplano de folhas de flandres
e m.o intuito de percorrer o es-
paço a fim de estudar os astros,
pois os planetas pr. ocupam bas-
tante as idéas do nosso grande
inventor das coizas descobertas;
pois bem, não tendo obtido re-
sultado desta segunda invenção,
o tal e já celebre, e inteligente
inventor desgostoso por esse cai-
porismo que sempre se atraves-
sa diante de qualquer futuro,
entendeu agora de ser prestidi-
gitador, ou alias comico, pois só
anda de bigode rapado e bocca
aberta querendo fazer as moças
da fabrica dormirem p la força
do seu magnetismo bestiológico.
Bem, diz o Belleza que o tal ne-
nê, não é coiza alguma, sim
um grande chupador de laran-
jas, só sendo!

Misquita

—00—

Na rua dos Affogados, entre as
do Pespontão, e Mangueira, mas
á rua dos Affogados, tem para
bem dizer, um certo sujeito que
vive a beijar ás claras...

E' bom por termo aos seus
l te...de beijos.

Seguido que a «TOCHA» traz...

Pustulas!

AOS RICOS SEM HONRA:

Vós que viveis assim, ativos potentados,
Sempre rindo de tudo, a tréandar dinheiro,
Conheceis certamente os pobres desgraçados
Que sem pão e sem luz, sem fé, sem paradeiro,

Aos embates da sorte, á dor acorrentados,
Sentem da fome e frio o horrivel captivo
E da morte o estertor, miserrimos coitados!
Breve esperam sentir num vôo derradeiro.

E vós, ricos passaes tendo nos labios
Risos trédos e vão, s tanico e resabios
De almas cynicas, vis, infames, sem decôro...

E eu profligo audaz o meio deleterio,
Prefiro uma póbresa honrado e de criterio
A essa falta de brio a charfurdar-se em ouró!..

S, Campello.

Cafetismo

Comforme prometti, venho me
occupar novamente deste assum-
pto, traçando cujas l nhas sinto-
me ruborizado! Impunimento se
espalha o cafetismo nesta terra,
que sempre pr mou pelo respei-
to e moralidade e não acredito
se poder desvar aqueles que es-
ão a exer er essa infame pro-
issão, por que falta a força; em
aos casos empregados, para réa,
gi com criterio e segurança

E vejamos:

Não obstante o grilo que das
columnas dest jornal foi dado,
no ultimo numero apanhamos
em flagrante, uma Carneira, que
sem amenor sermônia, em dia
desta semana, deu mais n na en-
tr vista.....ao seu ELLE, na
supracitada casa da rua de São
Pant: lção. nas proximidades da
fabrica de Canhamo.

E' o curulo!

E para esta peste que se alas-
tra em nosso meio, não ha reme-
dio e para esta epidemia, não
ha hygiene, e para esta praga
não ha recurso que se empregue
com o fim de devastal-a!

Somos uns infilizes, não temos
a quem recorrer!

Resta apenas a imprensa livre
onde muito embora não sejamos
ouvidos, haveremos de clamar,
mostrar os factos á bem da nos-
sa sociedade sã, por que aquel-
les que nos lêrem e chegarem
a evidencia da nossa razão, hão
sem duvida de prourar a defeza
legitima do seu lar, acatellando
as suas familias, contra essa mal-
ta de bandidos que ora abraçam
cynicamente. essa «industria» e
fasesm chegar ao lar domestico
a noticia dos seus aposentos,
tomando este oñ aquelle conhe-
cido da fimila, como intermediac-
rio para esse fim.

Myosotis

—00—

NO'S E O «DIARIO»

Se não fôra o dever de pro-
fissão; se não fôra mesmo, dar-
mos satisfação ao publico dos
nossos actos, certamente, não
gastariamos o nosso bom tempo
em responder ao programma da
tarde do Cinemã São Luiz que é
o respeitavel ancião cujo nome
«Diario do Maranhão».

Diz alguém que la exerce
qualquer função de cortar extra-
cto de jornal do Sul, para encher

gatorio, della ouvindo a declaração de que não estivera na cidade e que havia sahido da casa de sua patroa, às 8 horas directamente para o armazem onde fora presa.

Acareada com es soldados, estes mantiveram a affirmação de terem visto na rua Uruguaiana.

Para mais eggaravar a situação de Maria, suas vestes apresentavam alguns pingos de sangue.

Maria Helena ficou delida em quanto o dr. Costa Ribeiro ordenava outras del gencias.

Hontem muito cedo compareceu a sua delegacia o dr. Costa Ribeiro tendo proseguimento o inquerito.

Maria foi novamente iuteroga da mantendo todas as sua affirmações da vespera.

Como explica estas manchas de sangue?

Ora «seu» dontor foi de uma gallinha que eu matei hontem na casa da patroa. Mande lá saber se não comeram gallinha.

Tendo Maria confirmado o seu depoimento anterior o dr. Costa Ribeiro novamente acareou os d u soldados com ella. Os policiaes affirmaram novamente ter visto Maria na cidade.

Em consequencia dos depoimentos de Maria o delegado mandou intimar os empregados da casa onde ella falou ao telephone e a pessoa com quem pelo aparelho ella se entendeu.

Da casa da rua Evaristo da Veiga, 133, a primeira pessoa a comparecer ao 3 districto foi o caxeiro Antonio Ignacio Henrique, que em frente de Maria e com convicção affirmou ter ella dito a phrase ouvida e relatada pelos soldados.

O telephone para onde falou Mariatem o n.º 3 628 e está collocado na leiteria da rua do Rosende n.º 62 de propriedade de Joaquim Fernandes Nunes, e Antonio de Carvalho.

O dr Costa Ribeiro mandou intimar Fernandes Nunes a prestar declarações, no que foi attendido, comparecendo Nunes pouco depois de 1 hora da tarde. Interrogado sobre o caso, Nunes declarou que effectivamente Maria Helena lhe havia telephonado perguntando por sua mulher e depois por seu empregado.

Como Nunes cahisse em algu-

mas contradicções resolveu o delegado detel-o até a completa elucidação do caso.

Continua.

—00—



Cronica do papagaio

Manhã limpida e serena
Ao longe o palrar alegre do
Louro desta casa ahy vem elle
Eil-o chegado.

—Bom dia yoyo...
—Bom dia meu louro o que
me dizes hoje de novidades?

Deixe-me descansar, pois est
tu fadigado.

Five hoje uma rusga com o Pão
Baliza que me ia sahindo mal
pois yoyo não sabe que essa an
ta deu agora para conquistar,
meninas honestas?

—Não.

E' exato. Tenho visto todos
os dias a introdução de uma po
bre menina no seu est beleci
mento e d'ahi o miseravel a
conduz a lugar occulto, talvez
com o fim de deshonral-a.

—Aos pies dessa pobre infeliz
deveis yoyo communicar, pois a
honra de sua filha corre perigo.
ao lado d'esse bicho feróz, d'esse
monstro!

—Conta-me meu rico louro o
que mais te tem surprehendido?

—O Castismo yoyo, esse hro
fissão miseravel que se está exer
cendo impune e por isso fren
camente.

—Agora que os quatys, os car
neiros e os proprios santos estão
suatos!

—Qual meu louro dara esses
nada adianta, por que o peor
cezo é aquelle que não quer
ver.

—Que noticias me dá do Eu.
damidas?

—Estive com elle hoje em c
sado alfaiate pederasta da rua
da Cruz.

—Foi abrir o inquerito sobre
os factos denunciados por você
yoyo, a mandado de..... certo
logista da rua do Sol, que não
pode admittir concurrencia no
seu districto. O Siridó foi teste
munha.

E ate logo yoyo, para a pro
xima semana serei mais extenso
trasendo-lhe talvez notas arreba
tadora do Zoologico, para a on
de sigo agora, a chama la urgen

O Papagaio

—00—

EM PROL DAS VICTIMAS

O casamento sem amor, é co
mo a nau sem leme flutuando no
ceano da dôr, por que o amor,
este incompatavel vulto invisivel
qu anda d continuo ferindo os
nossos corações abrilhantados pe
lo sopro bendicto da paixão, é
sem duvida, a flor de todos os
encantos, ou a corrente aurifera,
que prende o coração do homem
ao coração feminino.

A falta de amor entr dois
conjuges ocasionada pela exclu
siva ambição ou interesse de ter
ceiros, é quasi sempre fatal e
quasi sempre a causa das desgra
ças que assistimos, levando ao
lar domestico continuamente o
adulterio, o suicidio e o crime
enfim!

De ordinario sempre é a mu
lher a victima destes acasos en
tretanto homens existem que sem
consciencia contrahem matrimo
nio, na convicção de que despo
sar uma senhora é o mesmo que
ir buscar uma criada para sujei
tal-a, portas a dentro, ao sacrifi
cio, a papeis ridiculos e indecó
rosos, a serviços incompatíveis
com a sua educação, fazendo
aparentar ante o publico e a so
ciedade o bom trato, o dever de
bons exemplares maridos, quan
do não passam esses imbecis de
simples azas negras que apare
cento guiados por um espirito
perverso, cavam a sua propria e
a ruina daquella que ultrajada
no seu amor proprio, aguarda
com anciedade, e chega o dia de
gostar a sublimidade da amizade
sinceramente retribuida, sentin
do então a vida lhe correr en
cantadora e esperancosa. Mas

